UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS.
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

***TÍTULO*: FORMAM-SE FAVELAS E GANHAM IMPORTÂNCIA NO CENÁRIO URBANO SÃO PAULO: HELIÓPOLIS E PARAISÓPOLIS.**

Mestrando**: NELSON ANTONIO ALESSI**
Orientador**: JOSÉ WILLIAM VESENTINI**

São Paulo, Março/2009

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS.
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA HUMANA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

***TÍTULO*: FORMAM-SE FAVELAS E GANHAM IMPORTÂNCIA NO CENÁRIO URBANO SÃO PAULO: HELIÓPOLIS E PARAISÓPOLIS.**

Mestrando**: NELSON ANTONIO ALESSI**
Orientador**: JOSÉ WILLIAM VESENTINI**

Dissertação apresentada à F.F.L.C.H. da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Professor Doutor José William Vesentini, para a obtenção do Título de Mestre.

São Paulo, Março/2009

AGRADECIMENTO

Reservo este espaço para agradecer a minha esposa Marta e minha filha Lídia que por vezes me incentivaram. Ao caro Professor Doutor José William Vesentini, meu orientador. Ao Professor José Wellington, sempre presente a colaborar, quando convidado. Às Professoras Eleandra, Ângela, Márcia e Valéria.

Ao Rodrigo e ao Noé, prestando assessoria técnica na formatação das páginas que seguem.

Agradeço a todos que puderam contribuir para que estas páginas fossem escritas e impressas para serem elemento de leitura a tantos quantos a elas tiverem acesso.

Meus Agradecimentos.

SUMÁRIO

Relação dos Anexos.....5

Resumo.....7

Summary.....8

Résumé.....9

Introdução.....10

Ambiente de Favela em São Paulo: Heliópolis e Paraisópolis.....16

O risco em ambiente de favela.....66

Cortiços apresentam aspecto de favela no espaço urbano da Cidade.....81

A procura de uma moradia ..... .90

O movimento de circulação em ambiente de favela.....95

A corrida para a conquista de uma moradia.....98

A expansão do ambiente de favela.....105

Conclusão.....109

Anexo - entrevistas realizadas.....113

Anexos.....129

Bibliografia.....166

RELAÇÃO DE ANEXOS

ANEXO I
PLANTAS: Levantamento aerofotogramétrico da área de ocupação da Favela Heliópolis, p. 129.

ANEXO II
Projeto de Lei nº. 583/01 - Dispõe sobre a obrigatoriedade do cadastro, no Município de São Paulo, dos catadores de latinhas, jornais, papelão e demais produtos recicláveis, p. 132.

ANEXO III
Projeto de Lei nº. 415/02 – Institui o Programa sócio-ambiental cooperativa de catadores de material reciclável, p. 134.

ANEXO IV
Imagem de satélite de espaço ocupado pela Favela Paraisópolis, p. 137.

ANEXO V
Tabela 1 – Entidades que atuam na Favela Paraisópolis e respectivas características, p. 139.

ANEXO VI
Tabela 2 – Entidades que atuam na Favela Paraisópolis e respectivas características, p. 141.

ANEXO VII
Tabela 3 – entidades que atuam na Favela Paraisópolis e respectivas características. P. 143.

ANEXO VIII
Tabela 4 – entidades que atuam na Favela Paraisópolis e respectivas características, p. 145.

ANEXO IX
Tabela sobre perfil de moradores da Favela Paraisópolis, p. 147.

ANEXO X
Mapa mostrando represas Billings e Guarapiranga, áreas de mananciais, p. 149.

ANEXO XI
Lei nº. 10.928/91 – Dispõe sobre condições de habitações dos cortiços no Município de São Paulo, p. 151.

ANEXO XII
Lei nº. 4.123/2003 – Autoriza o executivo do Município de São Caetano do Sul, a celebrar parceria técnica para a erradicação dos cortiços e inclusão social de seus moradores, p. 154.

ANEXO XIII
Termo de cooperação técnica entre Prefeitura do Município de São Caetano do Sul e Sociedade Beneficente Mário Chekin, p. 156.

ANEXO XIV
Lista de Favelas do Município de São Paulo, distribuídas pelas suas regiões, p. 159.

RESUMO

Este trabalho tem a finalidade de empreender uma reflexão crítica a respeito do mundo da formação de favelas que encontramos no espaço urbano da Cidade de São Paulo. Abordamos ainda, mesmo que de passagem, os cortiços, pelo fato de terem uma semelhança com a favela em seu aspecto fisionômico, porque ambos constituem moradias precárias onde se encontram famílias de baixa renda. Para isso destacamos através de tabelas, fotos, pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo realizada em ambientes de favela e cortiço, determinadas fundamentais a cada ambiente em questão.

E é a partir da atividade transformadora dos objetos em questão que podemos não só mostrar como se iniciaram, mas a realidade atual, trazendo ao leitor amostra de ocupação, estruturação e incorporação de um novo espaço urbano fazendo parte da Cidade. O tema abordado neste trabalho tem a intenção de mostrar a implantação da favela provocando um grande impacto ambiental e social. Procura ainda mostrar as mudanças nas edificações através de seus diferentes projetos, a ocorrência de riscos no ambiente de favela, além de propor um intercâmbio entre as diversas disciplinas das ciências sociais.

Destacam-se nos ambientes de favela um grande movimento circulatório de pessoas caracterizando uma densidade demográfica bastante acentuada, o que também é típico dos cortiços. Neste ambiente há uma verdadeira *mini cidade*, com comércio legal, negócios com mercadorias de procedência duvidosa, comércio de drogas, desenvolvimento de mercado imobiliário com forte aquecimento e principalmente o comércio informal em franco desenvolvimento nas diversas atividades. Mencionamos neste trabalho duas importantes amostras na Cidade de São Paulo, as quais são a Favela Heliópolis, a primeira em sua grandeza, e uma segunda amostra é a Favela Paraisópolis, tida como a segunda em grandeza.

A implantação de Favela, ausente de um padrão de planejamento urbano, vem mostrar quão grande é a miséria na Cidade, quão problemática é a questão da moradia popular na maior metrópole brasileira, pois são ocupadas pela população de baixa renda, com fraco acesso aos bens e serviços da Cidade.

SUMMARY

This paper aims to undertake a critical reflection about the world of the formation of slums in urban areas found that the city of São Paulo. We approached yet, even in passing, the ‘cortiços’, because they have a similarity with a physiognomic slum in their appearance, because both are precarious house3s where families of low income. For is, highlighted by tables, photographs, literature search and field research conducted in environments of slums and slum, certain fundamental every environment in question.

And it is from the activity sector of the objects in question which can not only show how it started, but the current reality, bringing the reader sample of occupation, structuring and incorporation of a new urban space as part of the city. The subject addressed in this paper intends to show the deployment of a large shantytown causing environmental and social impact.

It also seeks to show the changes in buildings through its different projects, the occurrence of hazards in the environment of slums, in addition to proposing an exchange between the various disciplines of social sciences.

It is in a great environment for slum circulatory movement of people featuring a rather sharp population density, which is typical of the slums, In this environment there is a real mini city with legal trade, business with goods of dubious origin, trade in drugs, development of the property market with strong heating and especially the informal trade in free development in the various activities. Mention in this paper two important samples of the city of São Paulo, which are the Heliópolis slum, the first in this greatness, and a second sample is the Paraisópolis slum, quantity and the second in magnitude.

The deployment of slums, out of a pattern of urban planning, will show how great is the misery in the City, how problematic is the issue of housing in most popular Brazilian metropolis, because they are occupied by people of low income with poor access to goods and services in the City.

RÉSUMÈ

Ce travail a pour but montrer lé processus de réflexion critique entourant le monde sensible, celui de la perception et de l'intelect, à propos des bidonvilles et des « cortiços » habitations communes des pauvres, que nous trouvons au périmètre urbain de la ville de São Paulo. On aborde aussi, même que en passant, « les cortiços », pour avoir une ressemblence avec les bidonvilles sur l'aspecti visuel, parce que tous les deux constituent des logements precaires, ou se trouvent des familles qui ne gagment pas beaucoup.

Nous pouvons constater, à travers les tableaux, les photos, les recherches bibliographiques en champ, realisés dans les ambiances étudies, certains particularités de chaqu'une. Et c'est à partir d'une activité qui transforme la réalité de ces objets en questions, qu'on ne peut pas seulement montrer la formulation historique – géographique, mais la réalité actuelle, apportant au lecteur um échatillon d'envahissement de structure et d'integration d'un nouveau espace urbain qui fait partie de la ville.

Le sujet abordé dans ce travail « l'apparition des bidonvilles au grand centre-ville urbain de São Paulo » ; à l'intention de montrer l'implantartion de ces bidonvilles provoquant grand impact ambiental, la caractérisation des échanges aux immeubles à travers de différents projets, l'occurence des dangers à l'ambiance des bidonvilles, et proposer l'échange entre les plusieurs disciplines des sciences-sociales.

On dégage à l'ambiance des bidenvilles un grand mouvement de personnes, que caracterise une densité démografique bien accentué. Ils cherchent le quoi faire, où beaucoup de fois ils font des affaires avec des marchandises interdite, commerce de drogues et, un grand dévéllopement du marché imobiliaire. Enfin, le commerce informe en franche dévellopement dans les plusieurs activités.

On a raconté dans ce travail deux importantes échantillons de la ville de São Paulo, lesquelles : « Favela de Heliópolis », la première, et « Favela de Paraisópolis », la deuxième. L'implémentation de « favela » sans un standart d'occcupation urbain, vient montrer comment la misère en ville est grande, parce qu'elle est occupée par une population de baisse rente, mais avec l'accès aux biens et aux services de la ville.

INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende contribuir para a caracterização da dinâmica da produção do Ambiente de Favela com o objetivo de mostrar como se iniciou e vem alcançando desenvolvimento no âmbito da produção do espaço e as modificações ao longo do tempo. Foram tomadas duas amostras, das mais importantes do espaço urbano da Cidade de São Paulo, que são as Favelas Heliópolis e Paraisópolis. Destacam-se também os espaços de menor porte, como Favela Jardim Iporanga, na Represa de Guarapiranga-SP.

O trabalho foi desenvolvido com a observação e pesquisa de campo, onde verificamos, num espaço exclusivamente residencial, que a Favela, acaba se enveredando para uma complexidade, no que se refere ao uso e ocupação do solo. Dos padrões de construção de moradia em forma de barraco, passa a se desenvolver construções de alvenaria. Verificamos também a estruturação de um expressivo mercado imobiliário informal. Além disto, o comércio local também se amplia com suas casas estabelecidas, desde um pequeno "boteco", até instalações de grande porte, como: padaria, supermercado, lojas de vestuário e até academia para a prática de manutenção e desenvolvimento da estrutura corporal. Há outros exemplos de mercado no interior das Favelas, que ao mesmo tempo, se assemelha e se diferencia dos praticados na Cidade formal, portanto oficial.

O trabalho tem início com uma formulação histórico-geográfica destacando o texto do Professor Cláudio Gomes desta Universidade de São Paulo, publicado em "O Parque da Independência-CONDEPHATT-1969, p.12" e destacado no livro "História dos Bairros de São Paulo de Máximo Barro, vol.14-Ipiranga, 1979":

> "Pela ordem, o córrego do Ipiranga, afluente do Tamanduateí, define na sua margem esquerda, a oeste, a colina onde se instalou a Avenida Lins de Vasconcelos e, na margem direita, a leste, a colina onde se implanta o parque propriamente dito da Vila Dom Pedro; o córrego do Moinho Velho, mais a leste, também afluente do Tamanduateí, define à sua esquerda, a citada elevação do Parque do Ipiranga e à sua direita a pequena colina, quase plana onde se situam as Vilas Heliópolis, Carioca, etc. Portanto, da banda ocidental do Tamanduateí, a colina do Ipiranga, onde se instalou posteriormente o Parque do Ipiranga ou da Independência, como se chama modernamente, se relaciona direta e imediatamente, quer em termos de emergência visual do relevo da Vila Heliópolis, com a planície fluvial do Tamanduateí". (GOMES, apud, BARRO, 1969: 12)

O texto do Professor Gomes vem caracterizar com bastante clareza onde se inicia a Favela Heliópolis com a demonstração de seu entorno. A imagem na página 12, também irá contribuir para esta caracterização.

No trabalho de observação e pesquisa de campo que realizamos em duas amostras de Ambiente de Favela, os quais foram Favela Heliópolis-SP e Favela Paraisópolis-SP, percebemos um movimento rápido de pessoas. Esse movimento se dá em função da ânsia de muitas famílias conquistarem ou conseguirem um espaço para se instalarem. O espaço encontrado e disponível ficou caracterizado por um processo de ocupação clandestina, portanto, durante a ocupação não obtiveram a devida autorização do proprietário do terreno, quer público ou privado. Até 1970 Heliópolis era um espaço privado. Começa, portanto a ocupação por parte de famílias que vieram de outras partes da Cidade e outros Estados também. O terreno de Heliópolis foi então adquirido pela COHAB – Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo em dezembro de 1982 com o objetivo de se aplicar a administração do Poder Público, conforme publicação na tese de livre-docência da Professora Doutora Maria Ruth Amaral de Sampaio (FAUUSP-SP-1990). Já, Paraisópolis era uma área particular que fora desmembrada em chácaras e com a chegada, por volta de 1970, de famílias, caracterizadas por um processo migratório intensificado através de famílias vindas de Estados da região nordeste do Brasil, passam a ocupar o lugar, conforme publicação do Departamento de Voluntários do Hospital Albert Einstein (História do Voluntariado do Einstein, SP., 2004).

A ocupação nestes lugares de amostragem dá-se muito rápido em se confrontando a data de início das ocupações, na década de 1970 aos dias presente. Com isso emergem as duas grandes favelas na Cidade de São Paulo sendo Heliópolis a primeira com uma proporção de 120 mil habitantes para 1 milhão e duzentos mil metros quadrados e Paraisópolis a segunda com uma proporção de 84 mil habitantes para 1 milhão de metros quadrados (Urbanização de Favelas-A Experiência de São Paulo, PMSP-SEHAB, 2008).

Esse movimento de famílias a procura da instalação e construção das habitações se dá a partir da necessidade imediata. Portanto, o chefe da família precisava construir

Fonte: Cartório de Registro do Bairro Ipiranga SP., 2008.

Foto cedida pelo Cartório de Registro do Bairro Ipiranga que retrata a Vila Sacomã em 1915, onde aparece o Clube da Light, o Castelo do Sacomã e vista parcial da Cerâmica Sacomã e Lagoa. Esta imagem mostra o local do entorno onde se inicia a Favela de Heliópolis em sua face sudeste, por volta dos anos 1970 após alterações ocorridas no processo de desenvolvimento do espaço urbano.

a habitação e fez onde houve a oportunidade para isso. Em se fazendo de forma precária com os materiais que dispunham e as habilidades individuais, tornaram-se moradias rudimentares, pois tinham que proceder assim, pelo risco de serem desalojados. Muitos chefes de famílias se instalaram tão rapidamente e o poder público instituído não teve como estabelecer processo de desapropriação. Logo, constituíram-se as duas amostras, Heliópolis e Paraisópolis, no perímetro urbano da Cidade de São Paulo, as grandes favelas da Cidade, com suas habitações que se incluem entre as chamadas de populares.

Formaram-se então, no período inicial destas grandes Favelas, portanto na década de 1970, grandes agrupamentos de habitações populares, de forma desordenada e precária, criando problemas aos habitantes e também ao poder público. Problemas eram de ordem estrutural, pois não havia instalação de recursos de saneamento básico, iluminação e calçamento e organização das ruas, portanto inexistência de recursos que poderiam ser oferecidos pela Cidade, de acordo com o poder público instituído. Ao longo do tempo e em razão da forma de ocupação clandestina e precária a população adensada no lugar, foi buscando seus interesses a fim de encontrar soluções mais imediatas aos problemas criados dentro do complexo habitacional que pode ser chamado de Favela. Os adensamentos populacionais com mais de 50 habitações, passam a ser chamados de favelas (cf. MARICATO, 1992). A favela então ficou caracterizada pela ocupação de área pública ou privada, sem infra-estrutura e com construções de forma irregular e com materiais reciclados.

Além das grandes favelas existem os adensamentos de habitações populares com seus ocupantes formando as favelas menores. Isto aparece em diferentes regiões da cidade e vão se formando também a partir de invasões ou ocupações do espaço disponível existente e as famílias vão instalando as habitações onde em alguns pontos a situação é tão complicada que se apresenta com aspecto de muita pobreza, miséria e precariedade, caracterizando em favelas menores ou de pequeno porte.

Embora esta situação se apresente no perímetro urbano da cidade, ela vai se repetir e se ampliar em áreas de mananciais que é também uma amostra de ocupação a exemplo da Represa Billings – SP e Represa de Guarapiranga – SP. Nestes dois

casos causam prejuízo à preservação da natureza e da água potável que abastece a Cidade.

Outros exemplos de precariedade habitacional são as velhas habitações edilícias que apresentam também um aspecto de precariedade e ausência de manutenção. Aparecem no centro da Cidade de São Paulo, edifícios na Avenida Rio Branco, na Rua Santa Ifigênia e o mais conhecido, Edifício São Vito, que atualmente (2008) encontra-se desocupado pelas famílias por força de proposta de implosão pelo poder público. Num olhar, como que num flash permite-se admitir que estes edifícios são verdadeiros Cortiços Verticais (cf. SAMPAIO, 2003), caracterizados pelo aspecto de deterioração e precariedade. Depois destas passagens, há que se salientar, ter havido grandes contribuições por parte das instituições governamentais competentes, comunidades constituídas nos diversos ambientes de favelas, companhias e secretarias de governo, tanto municipal, quanto estadual, associações e união de moradores, vem trabalhando incansavelmente em busca de soluções aos problemas mais emergentes, nos respectivos ambientes de favelas.

Com o trabalho das Associações e União de Moradores dos ambientes de favelas, conseguem-se alcançar à aproximação do poder público desenvolvendo a política apropriada a chegar-se às soluções dos problemas que aparecem de mais imediato.

Conseguem-se assim a infra-estrutura, como energia elétrica, saneamento básico, linhas telefônicas, guiamento e calçamento de ruas passando por um processo de reurbanização. Processo este que proporciona aos proprietários a oportunidade de melhorias nas habitações, passando de um barraco de tapumes e chapa compensada para uma casa de alvenaria, a qual recebe o nome de moradia popular.

Com um pouco de atraso, os projetos habitacionais são desenvolvidos pelo poder público, por ocasião de processo de reurbanização da favela, através de condomínios, projeto mutirão de auto-gestão, realizados por iniciativa dos órgãos competentes em função de prerrogativas usadas na participação das instituições constituídas nos ambientes de favelas. Prerrogativas de luta, de trabalho, de colocarem mesmo a mão-na-massa, como é o caso das famílias envolvidas no Projeto Mutirão.

O atraso na construção de habitações e entrega às famílias inscritas no local de ambiente de favela, pode levar a crer que é de natureza político eleitoral, pois os desenvolvimentos de projetos ocorrem com mais freqüência nos períodos eleitorais. Projetos que estão sendo desenvolvidos em 2008, ano de eleições municipais. Projetos de grande importância e outros de pouca projeção, todavia, todos com interesse social. A exemplo de condomínios, mutirão, reurbanização de favelas.

Nas melhorias do ambiente de favela aparecem, não só o poder público com os projetos habitacionais e de reurbanização, mas também a participação de ONGs – Organizações Não-Governamentais, Núcleos e Associações de Moradores, Igrejas e o trabalho Voluntariado.

A participação do poder público se dá através das diferentes companhias e secretarias, tais como, SEHAB – Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano de São Paulo, COHAB – Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo, CDHU – Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo.

Outras intervenções aparecem como exemplo em Paraisópolis-SP, a ONG – Florescer, que desenvolve trabalho de reciclagem de materiais e o trabalho de voluntariado pelo Hospital Albert Einstein. Em Heliópolis-SP, um bom exemplo de União de Moradores se dá pela UNAS – União de Núcleos, Associações e Sociedades de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco, que vem desenvolvendo trabalho intensivo, como, social, educacional, esportivo, assistencial, junto às famílias ali instaladas.

AMBIENTE DE FAVELA EM SÃO PAULO: HELIÓPOLIS E PARAISÓPOLIS

Na verdade, a favela, uma das formas de ocupação do espaço urbano, com construção de moradias precárias, talvez a mais importante (cf. Davis, 2006), que junto com o cortiço representam as amostras de precariedade habitacional encontradas no espaço urbano da cidade de São Paulo. Há também as moradias auto-construídas na periferia da cidade, onde junto com a favela e os cortiços, quanto à origem e expansão, é fruto da conjugação de vários fatores. Destacar-se a intensa migração rural, urbana ou o êxodo rural, a especulação imobiliária, baixos salários e rendimentos para expressivas parcelas da população, a precariedade ou quase ausência da ação estatal ou municipal na construção de moradias populares, virá de encontro para a formação e expansão das favelas na cidade.

As primeiras favelas em São Paulo aparecem no início da década de 1940. Contudo, o fenômeno de favelamento não se desenvolveu em larga escala na Cidade antes da década de 1970, ficando até então restrito a algumas áreas da Cidade e agregando uma população não muito numerosa. No entanto, após 1970, a população favelada teve um crescimento muito acelerado. (São Paulo-Cidade-Secretaria do Bem Estar Social, Depto. de Habitação e Trabalho-Estudo sobre o fenômeno favela no Município de São Paulo, SEBES, 1974-Caderno Especial nº. 1). (Favelas em São Paulo - Caracterização físico-espacial, PMSP-SEHAB/HABI, Superintendência de Habitação Popular, 1989).

Existem várias amostras, mas neste trabalho destacar-se-á duas importantes representantes de favelas na cidade de São Paulo, dado as suas características quanto à ocupação do espaço disponível em sua extensão e construção das moradias. Uma amostra, que é a Favela de Heliópolis-SP, é tida como a primeira favela da cidade em número de pessoas e Favela Paraisópolis-SP, como a segunda da cidade. Classificação que se dá em função do território ocupado em sua extensão e a quantidade de famílias instaladas demonstrando uma densidade demográfica bastante acentuada.

Quanto à favela Heliópolis verificou-se através de entrevistas realizadas no local e entorno da favela, que muitas pessoas e famílias chegaram de alguns núcleos populacionais, como o que havia na região da Chácara Klabin no bairro de Vila Mariana, chamado Favela Vergueiro e de alguns estados do Brasil. Também de pesquisa bibliográfica, verificou-se que a grande maioria da população ocupadora do lugar chega a partir de 1970, provenientes de Pernambuco, Piauí, Paraíba, Bahia, e alguns municípios de São Paulo, como Osasco, Diadema e São Bernardo do Campo.

A área ocupada pela Favela Heliópolis corresponde a quase 1 milhão e duzentos mil metros quadrados, cuja gleba fora adquirida pela COHAB – Companhia Metropolitana de Habilitação de São Paulo em dezembro de 1982. O Poder Público chega, na forma de pedido de reintegração e passa a sugerir vários programas para atender a população favelada, através da administração da Cohab, onde em julho de 1986, inicia-se a implantação preliminar de ação para desenvolvimento do projeto Heliópolis (cf. SAMPAIO, 1990).

Dentre as várias propostas para execução dos projetos existentes na época (1986) e Pré-Determinados, não houve boa aceitação da população que ocupava a gleba. O fato é que a área sendo muito grande e a execução dos projetos muito demorada e as famílias precisavam ser atendidas, pois continuavam chegando pessoas e famílias ao local, havendo assim uma avalanche de construção de barracos onde o Poder Público acaba perdendo o controle da situação e não mais conseguindo desapropriar esse espaço.

Conforme as plantas no ANEXO I cedidas pela Subprefeitura Ipiranga mostram a localização inicial da Favela Heliópolis onde aqui destacamos também as informações obtidas em pesquisa junto à Secretaria de Desenvolvimento Habitacional do Município de São Paulo-SEHAB. O Complexo Heliópolis/São João Clímaco, está localizado na região Sudeste do Município de São Paulo, AR-IP, em terreno de propriedade da COHAB/SP. Tem como área limítrofe o Município de São Caetano do Sul, a Via Anchieta, a Avenida Almirante Delamare, a Avenida Juntas Provisórias, a Estrada das Lágrimas e o Córrego Independência em São João Clímaco. Ocupa uma área aproximada de 1.200.000 m² em 14 glebas que formam grandes quadras. A topografia local é predominantemente plana, com baixas declividades. Nas margens dos córregos citados ocorrem situações de risco para a ocupação devido à alta

declividade e às inundações. Vizinhos à área estão localizados grandes equipamentos como a Estação de Tratamento de Esgotos ABC da SABESP, área pertencente à Administração Regional do Ipiranga, depósitos da Petrobrás, e o Hospital Heliópolis, PAM-Posto de Assistência Médica. A ocupação iniciou em 1971 com a instalação de alojamentos provisório para atingir 150 famílias removidas da Favela Vila Prudente por necessidades de obras públicas. Em 1978 foi implantado novo alojamento para 60 famílias removida da Favela do Vergueiro. Nesse período iniciou-se a ação de grileiros, que além de ocuparem a área, procederam à intensa venda de lotes. Com o trabalho social realizado pela Secretaria do Bem Estar Social-PMSP, desde a década de 1970 e o de organização popular desenvolvido pela igreja, a população passou por um processo de organização que estimulou a participação coletiva dos moradores. Todos esses anos foram pautados por diversas intervenções no complexo, abrangendo a totalidade das glebas com os programas habitacionais de construção de unidades verticalizadas pela COHAB, construção de unidades habitacionais por mutirão e unidades verticalizadas através do PROVER-Programa de Urbanização e Verticalização de Favelas pela Prefeitura do Município de São Paulo. As glebas A, K e N, objeto da atual intervenção, representam parte significativa da ocupação, totalizando cerca de 720 mil m², com aproximadamente 8979 domicílios (Programa Bairro Legal-Urbanização de Favelas, Complexo Heliópolis, PMSP-SEHAB, maio/2002.).

A construção das moradias – no início barracos - passa a ser de forma rudimentar, dado a pressa para a defesa do lugar conquistado e o material disponível para utilização na construção do mesmo e também a habilidade do construtor ou do chefe da família.

È verdade que o chefe precisava abrigar sua família, por isso a pressa na construção e utilização dos materiais disponíveis. Desta forma contribuiu para a geração de um aglomerado de habitações precárias tornando um extenso ambiente de favela.

Não demorou muito, a partir de 1970, de um dia para outro o espaço vazio que havia, estava completamente ocupado, onde de uns poucos barracos no início, distantes uns dos outros, isolados em meio à mata, passam a aparecerem aos milhares; foi bastante rápida a ocupação.

Gilberto, antigo morador do entorno de Heliópolis, nos contou:

- “Havia muitos campos de futebol, onde praticavam corrida, jogavam bola, soltavam balões. Balões gigantescos, seguidos do que chamavam de “cangalha”, que era uma montagem ou armação onde se colocavam os fogos, quando o balão, depois de cheio e começando a subir, acendia-se um cordão para acionar os fogos, onde numa determinada altura começava a estourar. Quando iniciou a invasão do lugar, que foi uma coisa muito rápida, chegando à noite, podia-se avistar muitas luzes no meio da mata. Isto iniciou de 1983 para 1985. Foi quando começaram fazer as marcações dos terrenos, dos lotes e os campos que tinham suas divisões. Com todas essas partes já divididas, chegavam caminhões de materiais e as pessoas descarregavam os caminhões e já começavam a fazer a sua casa nos lotes que ele tinha escolhido. Eu saia de manhã pra trabalhar, pegava o ônibus aqui na Estrada das Lágrimas e eu ficava ali no ponto olhando aquele movimento de manhã. 5:00 horas da manhã, 6:00 horas da manhã. O movimento daquele pessoal. Descarregava caminhão, faz buraco, e construindo casas. Quando eu voltava à tarde, aquele terreno que estava descarregando material de manhã, à tarde já estava pronto a casa. E foi muito rápido. Foi coisa assim um mês tava tudo ocupado. Vielas, ruas estreitas. Vinha gente de todas as partes de São Paulo. A gente às vezes andava lá dentro pra ver o movimento e tudo e ainda tinha alguns terrenos para marcar, fazer as marcações. E aí, a gente sabia que tinha gente de todos os lugares. Até de Guarulhos, Osasco, tinha outros de Santo André, Diadema tinha bastante gente. Era de muitos lugares. E quando por conta a gente foi ver tava tudo ocupado. O terreno, as áreas que tinha os campos, já estava tudo ocupado. E hoje, a gente passa, vê, é uma cidade. Evoluiu, tem escolas, têm firmas, indústrias. E é uma cidade grande, conhecida de muitas pessoas. E nessa época, nós, inclusive eu, meu cunhado, nós fomos tentar pegar um terreno lá. Inclusive tinha um que falaram que tinha desistido. Nós escolhemos aquele. Só que esse terreno, quando começou essas invasões assim, tinha umas pessoas que pegavam três, quatro, cinco terrenos, marcavam e vendia pra outros. Outros que não conseguiam marcar alguns terrenos. E nós escolhemos um terreno lá, e quando chegou essa pessoa, falando que o terreno era dele. Inclusive ele tinha quatro terrenos. E essa pessoa chegou pra nós e falou que a gente não podia marcar aquele terreno, pra gente porque era dele e já tinha marcado pra ele vender pra outras pessoas. Que não tinha, conseguido marcar algum terreno, então comprava daquela pessoa. E tinha várias pessoas fazendo esse tipo de coisa. Ganhando dinheiro com terreno que ele adquiriu, tomou posse e marcava ali o lote e vendia pra outro. Além das pessoas daqui de São Paulo, mesmo, tinha outras que vinha do Norte. Todo lugar do Norte, Nordeste. De Bahia, de todos os lugares. E quem morava de aluguel e como achou condições de marcar um terreno desses e tomar posse então, eles saíram do aluguel pra montar o seu barraco, a sua casa, nessa área que hoje é esse grande Heliópolis (Entrevista realizada em 2006).

Fonte: Site Google

Imagens mostram o espaço ocupado pelas habitações na Favela Heliópolis-SP. Imagens de satélite extraídas do Site Google, 2007.

Com relação à construção de barracos pelas famílias que estavam no local a proteger os espaços conquistados, nos conta o Sr. João Miranda, presidente da Unas-União de núcleos, Associações e Sociedades de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco, que:

> "Passou a dizer às famílias para construírem suas moradias. Lembra que "ninguém queria nada de graça", mas dado à demora da Cohab, em aplicar e executar as diversas propostas e os projetos que foram discutidos em várias reuniões, não teve outra alternativa, senão a construção de barracos pelas famílias que estavam no local" (1986) (Entrevista realizada em 2006).

As propostas e os projetos habitacionais feitos pela Cohab era a construção de edifícios de apartamentos, todavia, a quantidade não era suficiente para atender todas as famílias que esperavam a oportunidade em ocupar a moradia da qual havia se inscrito.

Terezinha, antiga moradora do entorno de Heliópolis, conta que:

> "Por volta de 1964, ia à mina para beber e trazer água em garrafões que eram de vinho. Havia mina na Estrada das Lágrimas, altura do número 800 e outra ficava próximo à Avenida Almirante Delamare, onde havia os campos de futebol do Floresta e Copa Rio; as famílias muitas vezes se reuniam, para ir buscar água na mina, cada um com seu respectivo garrafão" (entrevista realizada em 2006).

Antonio, o mais antigo morador do entorno de Heliópolis, conta que:

> "Antes da ocupação, já havia o Hospital Heliópolis, grande número de campos de futebol, uma pequena pista de pouso, utilizada por balões dirigíveis e cadeira voadora. Havia também uma pista de carros que chamavam de baja e gaiola. Havia também um haras, chamado 'Patente'. Falava-se na construção de várias coisas em Heliópolis, até um aeroporto, isto não aconteceu. Nunca se pensou em favela. Quando vim morar aqui, na entrada da Via Anchieta, tinha um arco, cobrava pedágio pra passar na Via Anchieta. E inclusive quem fez a Via Anchieta foi o Ademar de Barros. Dava acesso a Heliópolis e a Estrada das Lágrimas. Tinha o Morro do Penteado. Umas mansões. Casarões, e era só gente rica que morava ali. Então, tinha o bonde que saia da Silva Bueno e subia até lá. Aonde tem a escolinha. Ali era um balão. Fazia o balão lá e voltava pra João Mendes.

> Fazia o mesmo itinerário do bonde Fábrica. Só que o Fábrica vinha pro Sacomã e o bonde Heliópolis subia o morro, era o bonde de quatro rodas, elétrico. E depois, a Prefeitura mandou construir o hospital; aí começaram desmanchar os casarões, aí fizeram à pista dos bajas. Aí veio o povo, invadiu o terreno, tomou conta. Inclusive na Estrada das Lágrimas tinha uma bica, que a turma ia pegar água lá e depois que começaram a construir, acabou a mina. E na Estrada das Lágrimas tinha uma capela, que era uma igrejinha pequena. Trouxeram um padre e o padre começou a construir a igreja maior e hoje é paróquia. Essa igreja é a católica Santa Edwiges. Antigamente eles falavam que era a Santa Cruz, porque mataram, não sei se foram dois ou três tropeiros. Porque na Estrada das Lágrimas passavam as tropas de animais. Né. Então fizeram a Santa Cruz. Depois da Santa Cruz, saiu à capelinha e agora a igreja matriz. Antes da invasão tinha chácara de gado, vaca de leite, eles tiravam leite, vendiam. Plantação de milho, horta. Na extensão tinha os campos de futebol. Eram feitos vários campeonatos regionais. Se agrupavam o pessoal da região toda nos finais de semana e faziam os campeonatos. Inclusive tinha um campo que era iluminado. Tinha jogo de noite. E quem iluminou aquele campo foi o Cantídio Sampaio, que era Prefeito. Na época dos campos, a Estrada das Lágrimas era de terra. Onde subia as jardineiras e no tempo chuvoso, vinha do parque D. Pedro pra cá, chegava até justamente onde tinha a capela, e não conseguia mais subir. A Estrada das Lágrimas era de terra, patinava, derrapava, não conseguiu mais seguir viagem. Os passageiros desciam da jardineira, tentavam empurrar, calçar as rodas. Mas se era uma chuva muito forte, não tinha jeito. Essa invasão foi de uma noite só. De um dia pro outro, já invadiram tudo. Não deu tempo de ninguém falar nada. Mas nem a Prefeitura não tomou conhecimento. Não teve controle" (Entrevista realizada em 2006).

Por meio das entrevistas realizadas com moradores do entorno de Heliópolis, fica claro, em função das informações e algumas imagens que destacamos neste trabalho, que o espaço onde emerge a favela Heliópolis era bastante atraente em função da vegetação e dos pontos existentes. Pontos de reunião com apresentação de ações sociais, como os campos de futebol, pista de pouso, pista para corrida de carro e outros atrativos como as minas de água onde a população ia buscar água cada qual com seu respectivo garrafão, como mostra a imagem que segue.

Foto cedida pelo Sr. Antonio, de seu acervo particular. Mostra a família de moradores do entorno de Heliópolis, reunida para ir buscar água na mina com seu garrafão. Mina que ficava na Estrada das Lágrimas e outra ficava próxima à Avenida Almirante Delamare, onde havia o campo de futebol do Floresta e do Copa Rio em Heliópolis. Imagem de acordo com original, SP., 1960.

Ailton, morador da localidade, conta que:

> "Além dos campos de futebol, cerca de 54 campos, havia também um campo para a prática de baisebol. Os campos eram ocupados pelos vários times de futebol que havia no local. Tal era a repercussão dos jogos que o antigo Jornal Diário Popular, na época (1962), organizou o primeiro Campeonato Varzeano da Cidade de São Paulo e o campeão foi precisamente o Flamengo do Moinho Velho. Para a realização do campeonato fez-se até iluminação de um campo para que pudessem ser realizados jogos à noite. Havia muitos times, como, Flamengo do Moinho Velho, Portuguesinha do Sacomã, Copa Rio, Guarani, Flor de São João Clímaco, Belinense, Bangu, São Vicente de Paula, Estrela do Moinho Velho, Confederação, Floresta, União Mútua, Ipiranguinha, Cruzeiro. Este campeonato foi realizado em 1962; a freqüência nos campos era de impressionar, onde cada time recebia sua platéia, sua torcida, pois os jogos eram realizados simultaneamente, sempre aos domingos. Estes times eram os mais reconhecidos pela população, todavia, havia outros times com menor assiduidade de platéia. Por ocasião da invasão do lugar, muitos campos permaneciam respeitados, alguns até por mais de dez anos. Mas logo as famílias foram tomando conta do espaço e para protegermos os campos do Flamengo e da Portuguesa que eram próximos, fizemos uma mureta para colocação de alambrado. Esta por sua vez não foi colocada, por falta de verba. Não demorou muito tempo não pudemos sustentar mais a situação. A prefeitura por sua vez desapropriou o campo do Flamengo, que já estava o terreno preparado e construiu uma creche; logo em seguida foi construída uma escola para o ensino fundamental, e assim, desaparecem os últimos remanescentes dos times de futebol. Lembro-me que logo atrás do campo havia uma rua e um dos moradores do local montou um "buteco", onde tomávamos uma pinguinha. Ele colocou uma placa como sendo o nome da rua de "Rua do Flamengo". Esse nome permanece até hoje" (Entrevista realizada em 2007).

Considera-se outro ponto de reunião, talvez menos expressivo, por representar fato da história brasileira, a "Árvore das Lágrimas", onde as famílias se reuniam para se despedirem daqueles que iam seguir para a revolução de 1932. Este ponto tornava famosa a Estrada das Lágrimas e também por ser o antigo caminho que dava acesso a Serra do Mar em direção ao litoral paulista, seguidamente a Calçada do Lorena até atingir Cubatão. Durante o século XVII, estratifica-se o trilho que atravessando toda a parte centro-leste da vila, depois província e por último capital de São Paulo, levou pessoas a pé, a cavalo, em carruagens e hoje de carro até o Caminho do Mar ou Via Anchieta e (atualmente também a Rodovia dos Imigrantes). Para os que estavam

realizando o trajeto em direção oposta, antes de entrar na parte mais nobre e habitada da Vila, aprumavam suas roupas e limpavam os pés e botas da lama ou poeira, conforme a estação, no Córrego que havia no fim da atual Rua da Glória, e que, por isso, ganhou o nome de Lavapés, no Cambuci. Em pleno Cambuci começava a baixada da Rua Independência deixando poucas opções numa várzea só transponível a pé em período de seca. Em linha reta procurava-se a Rua Bom Pastor que de forma segura levava o viajante pela Estrada das Lágrimas a São Bernardo e seguidamente a Calçada do Lorena transpondo a Serra do Mar até atingir Cubatão (BARRO, 1969: 12). Logo após, surge a atual Cidade de Santos, como mostra Denise Mendes em sua Dissertação de Mestrado com o Título "A calçada do Lorena: o caminho de tropeiros para o comércio do açúcar paulista" (MENDES, 1994).

O tempo foi passando e Heliópolis por volta de 1970 foi ganhando forma na construção do espaço, chegando aos dias atuais como um complexo habitacional urbanizado acoplado ao perímetro urbano. Um espaço urbano organizado em suas ruas com guias e asfalto, rede de água e esgoto, rede elétrica, telefonia, TV a cabo, iluminação pública. As construções de alvenaria foram aparecendo onde antes eram os barracos que prevaleciam. Agora podem ser chamadas de moradias populares e no lugar o comércio progride e ganha espaço e vai dando mostra de desenvolvimento. Heliópolis, a maior favela da Cidade, em extensão e volume populacional, também tem em seu espaço as diferenças. Aos que puderam se apropriar do melhor lugar, e dispunham de algum recurso financeiro foram melhorando a moradia em sua fisionomia estrutural. Todavia, as famílias com menos recursos financeiros ainda dão mostra de pobreza e miséria ao lugar.

Sou a Árvore das Lágrimas e das saudades.
Sob minha sombra, corações sem
número, separam-se afflitos.
Almas acadêmicas portadoras do saber,
confiantes voarão para a vida.
Represento passado glorioso.
Recordo suaves tradições da brumosa Paulicea.
Vi e admirei.
Vejo e admiro.
Hei de ver e admirar a vertiginosa marcha triunphal do
viandante que me contemplas. Descobre-te.

Amostra de conservação de símbolo, caracterizando momento histórico no lugar (Revolução Constitucionalista de 1932 em São Paulo), Estrada das Lágrimas.

Esta imagem caracteriza momento histórico,
onde as famílias se reuniam para se despedirem dos
parentes que iam combater na Revolução de 1932,
na Estrada das Lágrimas, altura do n°. 800.
Conhecida como "Árvore das Lágrimas".
Famosa também por ser o antigo
acesso à Serra do Mar, SP., 2007.

Amostra de conservação de símbolo, caracterizando momento histórico no lugar (Revolução Constitucionalista de 1932 em São Paulo), Estrada das Lágrimas.

A imagem mostra a incorporação da Favela Heliópolis-SP ao perímetro urbano da cidade. Rua Cônego Xavier com a Estrada das Lágrimas. Trabalhadores refazendo a calçada e retirando lixo jogado pela população favelada, 2007.

Esta imagem mostra também um exemplo de aglomerado, pois, as famílias chegam a construir seus barracos no menor espaço possível. Esta amostra é na Favela Heliópolis-SP. Imagem cedida pela Subprefeitura do Bairro Ipiranga. Observa-se um dado importante, como não há mais espaço no solo; passa-se a se construir um segundo andar, 2005.

A forma de ocupação do espaço encontrado e disponível, construindo a sua moradia, foi o jeito encontrado pelo trabalhador que vive com baixo salário em solucionar o problema de habitação. O trabalhador para ficar perto de seu local de trabalho e diminuir o tempo de deslocamento e o custo em transporte, acaba em usar o expediente de ocupar área disponível, não importando ser pública ou privada.

A construção de casas de alvenaria no ambiente de favela já instalado vai dando fisionomia de modificação e melhoria no espaço ocupado. Todavia, quem dispunha de melhores condições financeiras pode contar com a ajuda de vizinhos para as melhorias na moradia e promovendo um trabalho em processo de mutirão.

Uma amostra de desenvolvimento de moradias populares em Heliópolis é através de projetos executados pelo poder público, dos quais se destacam os executados pela SEHAB – Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano de São Paulo e o CDHU – Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo, também aparecem com seus condomínios. Outro importante projeto foi desenvolvido ainda pela SEHAB, é o projeto PAR – Programa de Arrendamento Residencial.

Consequentemente a Prefeitura do Município de São Paulo, estabelece um Programa de Regularização Fundiária. Este programa tem por objetivo reconhecer a função social da propriedade das áreas públicas municipais ocupadas por população de baixa renda, assegurando às famílias o direito à posse, através da outorga de Termos de Concessão de uso para fins de moradia. Quais as áreas que entram nesse programa? Áreas públicas municipais com ocupação anterior a 1995, inseridas no perímetro urbano, em situações regularizáveis, não inseridas na área de Proteção e Recuperação de Mananciais, áreas não sujeitas a enchentes freqüentes ou a risco de escorregamento de encosta e de solapamento de margens de córregos (Programa de Regularização Fundiária, Relatório de Atividade, p.53, PMSP-SEHAB, 2006).

Além dos projetos desenvolvidos pelo poder público, Heliópolis recebe também a presença da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAUUSP, executando projeto de construção com o Curso de Aprendizagem nas Profissões exigidas na construção civil, ministrados por seus arquitetos (1998-1999). Este projeto foi mencionado pela Professora Doutora Maria Ruth Amaral de Sampaio em sua obra "Vida na Favela", (SAMPAIO, FAUUSP, FAPESP, SP, 1998).

O curso proporcionou a construção de algumas unidades habitacionais para as famílias escolhidas de acordo com a urgência das mesmas.

Os projetos habitacionais são conduzidos pelo poder público acompanhado pela Associação local, pois, defende o interesse das famílias que ainda tem necessidade de habitação digna para instalarem os habitantes que se encontram numa situação de precariedade.

Imagem mostra moradias construídas em forma de Mutirão. Administrado pela Prefeitura do Município de São Paulo através de Projeto desenvolvido pela SEHAB - Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano do Município de São Paulo. Projeto desenvolvido na Favela Heliópolis-SP, durante gestão Municipal no período de 1989/1993.

João Miranda Neto, presidente da UNAS – União de Núcleos, Associações e Sociedades de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco, declara que:

> "Assumimos o compromisso de inserir nossa comunidade dentro do contexto urbano e social, para tanto estamos há vinte e cinco anos lutando para atingirmos esse objetivo. Dentro dos movimentos sociais incluem-se, a conquista da cidadania, escolas públicas de qualidade, acesso à informação, direito à moradia, lazer e saúde, atualmente, desenvolvem-se ações e projetos nas áreas de habitação, educação, cultura, esportes, saúde, assistência social, e comunicação social, ressaltando o trabalho com crianças e adolescentes, rádio comunitária e a influência da geração de políticas públicas" (Entrevista realizada em 2007).

Tem destaque em Movimento Social, a "Caminhada da Paz", instituída a partir de assassinato de aluna do Colégio Campos Sales, ocorrido em 29.03.1999. Com a participação do Colégio, na pessoa de seu Diretor e da UNAS, na pessoa de seu Presidente, tornou possível esta Caminhada. Tem grande repercussão, pois, conta com a participação da Comunidade local, das Escolas, do Comércio e entidades que atuam no local. Esta Caminhada é realizada anualmente e tem o objetivo principal de implementar uma Cultura de Paz na Comunidade. A Caminhada percorre Heliópolis em seu interior e também seu entorno, chamando à participação de toda a população.

Dona Genésia Ferreira da Silva, diretora da Casa de Atendimento Social em Heliópolis, pertencente à UNAS – União de Núcleos, Associações e Sociedades de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco, diz que:

> "- Atendemos aqui cerca de 140 crianças, com refeição, com atividades sócio-educativas, nas creches e também encaminhamento para vagas de emprego e para universidade. Você pode relacionar aí os centros de educação infantil e os projetos que são desenvolvidos. Quando a professora Maria Ruth Amaral de Sampaio (FAUUSP, 1990) esteve aqui, eu pude acompanhá-la em alguns momentos"(Entrevista realizada em 2007).

TABELA 1 – Atividades sócio educativas e projetos desenvolvidos em Heliópolis (2007)

Centro de Educação Infantil e Núcleos sócio educativos

CEI	**NSE**
Padre Ballint	120
Girassol	Imperador
Mina	PAM
Clímax	Mina
Paulo Freire	Lagoa
	Heliópolis

Projetos Desenvolvidos

Se Liga Galera
Agente Jovem
Geração Vida
Parceiros da Criança
Inclusão Digital
MOVA – Movimento de Alfabetização
Assistência Jurídica
Projeto Social de Liberdade Assistida
Movimento Sem Creche
Movimento Sem Teto
Lavanderia Comunitária
Centro de Referência da Criança e do Adolescente do Ipiranga e Santo Amaro
Programa Leve Leite
Identidade Cultural
Movimento Sol da Paz
Parceria Internacional com Actionaid da Inglaterra

FONTE: Revista UNAS – União de Núcleos, Associações e Sociedades de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco – 2005

Ainda com referência a desenvolvimento de projetos, Heliópolis contou com a presença de várias autoridades constituídas, do governo municipal, estadual e federal. Couberam os destaques ao Arquiteto Ruy Ohtake, Presidente da República Luis Inácio Lula da Silva, Governador do Estado de São Paulo José Serra, Prefeito do Município de São Paulo Gilberto Kassab, Ministro da Cultura Gilberto Gil, Senador da República Eduardo Suplicy e vários parlamentares, como deputados e vereadores.

Atualmente (2008), destaca-se a construção de Centro Educacional Unificado, com convênio Estado e Município de São Paulo, onde haverá a incorporação das escolas já instaladas no local, dos Núcleos Educacionais e construção de dependências para escola de música com sua orquestra já constituída.

Ao se percorrer os ambientes de observação e pesquisa, o qual se destacará nas páginas que seguem, como sendo os ambientes de uma grande quantidade de população aglomerada, com suas habitações que mais tarde, depois dos barracos em construções precárias e em construções de alvenaria, pode, a partir daí as habitações serem chamadas de moradias populares. Todavia continua a favela.

Logo, ao considerarmos um ambiente de favela, vamos adentrar em vários campos de análise, que nos remete ao social, político, econômico, dos quais nos deparamos com diferentes idéias e ideais.

A princípio surge a idéia de domínio de espaço e imediatamente passa-se para uma dinâmica onde a aplicação de projetos e a construção de aparelhos e instituições indo colaborar com o desenvolvimento da chamada “política pública”, passa a atender as necessidades básicas da população atingindo seus ideais e o alcance dos aparelhos institucionais do governo.

Viu-se que a partir de observação e pesquisas realizadas em ambientes de favela, a grande estratégia da população aglomerada, é a instalação rápida de habitações ou moradias populares, implantação de Associações, União de Moradores e diversos aparelhos de sustentação e manutenção do espaço ocupado. Nas áreas sociais, assistência médica, psicológica, jurídica e esportiva, a criação de rádio comunitária, traz boa sustentação, onde a participação da comunidade faz com que todos trabalhem e lutem em prol da divulgação de suas ações e alcancem à solução de seus problemas e a tentativa de aproximação do poder público constituído.

Começa então as intervenções do Poder Público, com na Gleba “A” e Gleba “N”, em Heliópolis, com: Rede de água, Rede de esgoto, Rede elétrica, Rede de drenagem, Pavimentação, Área de lazer (skate, quadra de futebol, vôlei), Paisagismo e Canalização do Córrego Sacomã (PMSP-SEHAB, Programa de Urbanização de Favelas, Julho/2005).

Seqüência de imagens mostram a presença das autoridades públicas, por ocasião de inauguração das Sedes dos vários Projetos Educacionais e Sociais da Favela Heliópolis-SP., desenvolvidos pela UNAS - União de Núcleos de Associações e Sociedades de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco. Os políticos se fazem presentes quando há a inauguração de algum bem que irá alcançar um objetivo da população local, aproveitando consequentemente ocasião para promoverem campanha de eleição a cargos públicos, 2007.

Além da Favela Heliópolis e Favela Paraisópolis, vamos encontrar outros ambientes de favela, menores ou de menor proporção ou extensão e também áreas de mananciais de importância na Cidade de São Paulo, que desenvolvem em seu espaço ocupado as práticas de sustentação e manutenção dos vários campos de referência, tais como, social, político e econômico.

Na sustentação e manutenção na área social as Associações constituídas no ambiente de favela com os seus aparelhos que mencionamos anteriormente, vão de encontro a uma sociedade mais justa, numa melhor distribuição social de seus recursos na busca de reduzir o abismo existente entre os mais ricos e os mais pobres.

É quando o Poder Público seleciona as áreas prioritárias para urbanização, se fazendo presente, utilizando os seguintes critérios: Prioridade Municipal do Terreno, Prioridade do governo local, Viabilidade Técnica, Reivindicação da Comunidade, Mobilização e Organização da Comunidade, Tempo de existência do Assentamento, Possibilidade de eliminação de situação de risco por meio da Urbanização ou intervenções específicas (PMSP-SEHAB, Programa Bairro Legal, Urbanização de Favelas, p.2, maio/2002).

Quanto à sustentação e manutenção na área econômica, observa-se em certos ambientes de favela, notadamente nos ambientes maiores, a implantação de casas comerciais nos diferentes setores de atividade, não só apenas num nível de microempresas, mas também numa prática mais ampla; como supermercados, panificadoras, farmácias, depósitos de material de construção, serralheria, oficinas de manutenção e negócios e pequenas lojas de vestuário, utensílios, armarinhos, papelaria, foto, bares, restaurantes caseiros, material de limpeza. Há outros serviços do setor informal de atividade. Todas estas atividades procuram alcançar uma estrutura de oportunidades, abrindo também grande número de vagas de empregos.

Em alguns ambientes de favela, pode-se ver até a criação de praças, conservação de vegetação, o que se dá também nas ocupações em áreas de mananciais. Cabe ressaltar na sustentação e manutenção da área econômica uma prática bastante difundida, é o trabalho de reciclagem, que é uma medida a reduzir o volume de lixo e resíduos espalhados, e que admitem a reciclagem, são recolhidos pelos agentes ambientais.

Esta imagem mostra conservação de árvore em meio a escombros na Favela do Jardim Iporanga, em Guarapiranga-SP, 2006. Procura-se manter a árvore com a intensão de haver a possibilidade de se construir uma praça. Esta favela passa por reurbanização através de Projeto desenvolvido pela Prefeitura do Município de São Paulo, que se chamou Programa de Reurbanização em Área de Manancial, 2007.

O Poder Público conseguiu controlar a formação de novos loteamentos clandestinos e que para as águas de Guarapiranga, apesar da perspectiva pessimista de morte em quatro anos, ainda pode haver salvação. É possível preservar o preservável. Mas para isso é preciso que os governos Estadual e Municipal continuem os trabalhos de preservação permanente (cf. MARICATO, Revista Construção São Paulo, nº. 2321, p.16, Agosto/1992).

Acesso Site Google - 2006

Estas imagens mostram o trabalho desenvolvido pelo catador de materiais recicláveis. Materiais que serão levados para depósitos existentes dentro da favela a exemplo da Favela Heliópolis-SP e Paraisópolis-SP. Depois de feito os fardos, vão para os depósitos maiores existentes na Cidade, onde farão à separação definitiva. Existem ONGs-Organizações Não-Governamentais desenvolvendo Projeto de Reciclagem, como a que existe na Favela Paraisópolis-SP, que se chama ONG-Florescer.

Quando se refere a agentes ambientais, pode-se lembrar que os mesmos trazem benefícios para a população, no trabalho da limpeza urbana. Todavia, esse trabalho gerando empregos, à medida que os recursos são aplicados na parte de separação de materiais e reaproveitados, passam despercebidos pela população. A separação e reaproveitamento de materiais são realizados a partir da empresa nos respectivos depósitos, depois enfardados, vão para depósitos maiores de onde saem para as fábricas de compostagem, ou mesmo usinas, quando sofrerão a separação e usinagem. Ainda com referência à catação de materiais recicláveis, alguns parlamentares apresentaram "Projetos de Lei" para regulamentar e oficializar a mão-de-obra do agente ambiental.

Projetos de Lei foram apresentados na Câmara Municipal de São Paulo como o de n° 583/2001 de autoria do Vereador Antonio Carlos Rodrigues, apresentado na seção 087-SO em 18 de outubro de 2001, que dispõe sobre a obrigatoriedade do cadastramento, no Município de São Paulo, dos "Catadores" de latinhas, jornais, papelão e demais produtos recicláveis.

Outro Projeto de Lei é o de n° 415/2002 de autoria do Vereador Adriano Diogo, apresentado na seção 171-SO em 6 de agosto de 2002, que institui o Programa Sócio-Ambiental Cooperativa de Catadores de Material Reciclável e dá outras providências.

Seguem as respectivas cópias dos Projetos de Lei, para melhor caracterizar o enunciado. É importante relembrar, quanto à invasão ou ocupação dos espaços em áreas de mananciais, observa-se o ferimento à preservação e a provocação do desequilíbrio ambiental, a exemplo dos dois grandes representantes localizados nos Municípios de São Bernardo do Campo e Município de São Paulo.

Dentro de uma dimensão cultural, em alguns ambientes de favela, encontra-se a prática de esportes, oficinas educacionais com várias atividades afins, ações de cidadania com eventos elucidativos, como músicas, shows, passeios, tudo desenvolvido através das Associações, dos Aparelhos Educacionais e ONGs - Organizações Não-Governamentais que atuam no local.

Desta maneira, atendem grande número de interessados, essencialmente jovens, sem modificar os seus valores culturais, antes preservando e valorizando seus ideais e conservando suas perspectivas.

Fonte: www.mananciais.org.br Acesso: Ago./2008

Esta imagem mostra a ocupação do espaço em torno da Represa Billings-São Bernardo do Campo-SP, por famílias provenientes de favelas, como Água Espraiada, favelas na região do Bairro do Morumbi e famílias mais próximas do local. A ocupação gerou muito risco, pois é área de manancial; fere a preservação e provoca desequilíbrio ambiental. O volume de famílias necessitadas é tão grande fazendo com que as mesmas ocupem o menor espaço possível, formando um verdadeiro adensamento populacional.

Procura-se, através das Associações constituídas no local, conservarem alguns aparelhos, tais como, praça de esporte, que podem ter sido construídas pela Prefeitura, patrocinada por particulares, ou pela própria Associação ou União de Moradores.

Um bom exemplo é em Favela Heliópolis, onde a quadra poliesportiva da UNAS – União de Núcleos, Associações e Sociedades de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco, onde a reforma teve o patrocínio da ADIDAS e a reinauguração, contou com a presença de Zidane, ex-jogador da seleção francesa de futebol.

Em Heliópolis, numa área de quase 48 mil m², está sendo construído um CEU – Centro de Educação Unificado pela Prefeitura do Município de São Paulo em convênio com o Estado de São Paulo. Irá contar com três novos centros de educação infantil – CEI, Escola Técnica profissionalizante – ETEC, reforma no Galpão da Casa de Cultura, e sede do Instituto Bacarelli, com sua orquestra já constituída. O Projeto foi doado pelo arquiteto Ruy Ohtake.

O trabalho musical não se restringe somente à orquestra. Ele se amplia através de grupos musicais com diferentes modalidades e ritmos. Um bom exemplo é o trabalho da Banda "Caminhos do Sol" e quem explica isto é a Professora Olga, Maestrina da mesma.

> "-A atividade musical na comunidade, ela começa, assim. A criança que nasce aí dentro tem muito contato com a música que é produzida aí dentro, né. O que acontece. Eles estão acostumados com a música popular. Até um determinado ano, era só o pagode, o que rolava na maioria das vezes, aí foi mudando. Agora ta no Funk e no Happi, né. O que ta mais forte é o Funk. Com a entrada desses projetos. Que nem, entrou o projeto da orquestra. Eles começaram a ter contato com outro tipo de música, aí, eles viram que o ambiente deles foi ampliando. Então, eles estavam acostumados com aquele Happi, aquele Funk, então eles já viram que tem o clássico, tem o erudito, né. Assim o que eu vejo o que eu sinto, eu tenho a Banda, o trabalho que a gente faz; a gente ensaia aí na comunidade. E quando a gente está lá ensaiando, o pessoal vem nos procurar pedindo ajuda. Eles querem aprender um instrumento, eles querem aprender coisas diferentes. A procura tem sido muito grande, isso eu acho interessante né. É o que acontece com o projeto da orquestra. É somente pra alguns. E são instrumentos específicos, instrumentos de corda, voltado pra o clássico. E o pessoal quer uma coisa mais popular, né. O que ta acontecendo, que eu acho interessante, assim, o Jazz, ta em alta; eles vêm nos procurar, porque a gente tem uma outra linha de instrumento e eles querem trabalhar aprender como se toca isso, o Jazz, o popular, a MPB, que é a nossa música popular brasileira. Então, isso é muito legal. Uma coisa interessante é o pessoal evangélico. O que eu sinto,

é que é assim, a base de músicas diferentes, sem ser Happi, música popular em geral, ta nas igrejas, né. E o pessoal evangélico, eles querem aprender, principalmente pra tocar na igreja; o que que eu sinto a maioria dos projetos, eles vem pra atender a criançada. Então pega lá a criança de 10 a 15 anos a 17 anos. E o pessoal mais velho, né, que ta interessado. Esse pessoal ta procurando ajuda. Eles querem aprender, eles já têm condição de comprar seu próprio instrumento. Que eu acho interessante. Só não tem condição de pagar por uma aula de música. Isso eu sinto que é uma falta muito grande que tem aí dentro, né. O que que essa procura por música, por aprender música ta gerando. A maioria, isso eu vejo pelos alunos que trabalham comigo na Banda; eles têm um sonho de crescer, e assim, a maioria deles fala em mudar daí. Eu não consegui ainda ninguém que falasse, eu quero crescer ficar famoso, e continuar morando aqui, não tem nenhum. A maioria deles tem um sonho de ir embora, de comprar uma casa noutro lugar, de morar em outro bairro, né... Eu acho assim, pelo ambiente, mesmo. E uma coisa eu sinto com relação à Banda, a Banda teve contato com outros tipos de música, né, que é o que eu falo; Essa vida na comunidade ta incomodando. Porque é assim, você andando aí dentro, cada casa você tem uma música diferente. Coisa assim, absurda. E música no último volume, né. E isso ta incomodando. Eles querem mudar, ta num lugar tranqüilo. Se precisar eles podem tocar o instrumento deles em casa, sem aquele barulho externo. Esses que estão aprendendo, eu sinto isso em todos. Interessante né. Porque todo mundo, a maioria moram aí dentro. E o sonho deles é de ir embora. Eles pensam isso, eles sempre falam. Não vejo a hora de arrumar um emprego, e a nossa Banda podia dar certo, pra gente mudar daqui, ir pra outros lugares. Uma coisa que me chama atenção é que eles não gostam de fazer apresentação aqui no bairro. Eles acham muito legal quando a gente vai se apresentar em outros lugares. Então é um não é bem vergonha. Eles acham que aqui não precisa. Aqui não tem valor nenhum, tocar aqui, né. Eu procuro mostrar que não. Que a gente tem que mostrar o que ta fazendo de diferente. Mas eles acham que não. Eles não querem, normalmente quando a gente tem uma apresentação aqui, é uma luta pra eles virem. Eles não querem vir. Eles até discutem comigo. Porque você aceitou o convite, não. Eles não querem de jeito nenhum. Agora se eu convidar pra a qualquer outro lugar, todo mundo vai, isso é muito interessante. Ficam mais incentivados, tem uma postura totalmente diferente. Isso chama atenção. Eu saio muito com eles, né, que a gente faz muitas apresentações. Quando eu estou nos outros lugares, é você chega a não conhecer mais aquele aluno. Totalmente diferente. Ele tem outra postura. É educado, eles tem uma preocupação de não falar gíria, né. Diferente de quando eles estão aqui. Uma coisa que eu noto é assim. Se a gente tem uma apresentação aqui dentro. Eles chegam assim na bagunça, falando alto, entendeu. É meio que uma irreverência. E quando a gente se apresenta em qualquer outro lugar, assim, eles são extremamente educados, eu acho engraçado. Agora, com esse conhecimento que eles adquiriram, eles acham que aqui

> dentro não é o lugar pra eles estarem mostrando o que eles aprenderam, eles acham que o pessoal daqui não tem cultura. Então não vai entender, não sabe que música é essa. Nós fomos convidados pra fazer a abertura da quermesse. Aqui é ponto alto e o diretor do Centro Comunitário pediu que a gente tocasse o Hino Nacional. Falei, é importante o pessoal vê isso. Nossa foi uma revolta. Eles acharam assim, pra que tocar o Hino Nacional na favela. O pessoal não precisa disso. Eu falei, pelo contrário. O povo tem que ter esse contato. Tem que descobrir que existem pessoas aqui dentro que estão fazendo outro tipo de música. Eles vieram pra cima de mim. Falaram, não nós não vamos tocar. A gente toca uma música que não tem nada a ver com quermesse. Eu falei, melhor ainda. Nós vamos chegar já e vamos mostrar o nosso repertório, diferente do que eles estão acostumados. Mesmo assim, eles ficaram numa revolta. E quando nós nos apresentamos nós abrimos com o Hino Nacional, nós tocamos as nossas músicas. O público que estava acostumado a dançar, porque é forró, né, essas coisas, pararam, ficou apreciando. Porque é assim, o que é interessante na nossa música é que a gente faz com que as pessoas escutem né; A música ela não é só pra ser dançada é pra ser ouvida e apreciada. É isso que eles ainda não entenderam"(Entrevista realizada em 2008; sua íntegra está no Anexo Entrevista).

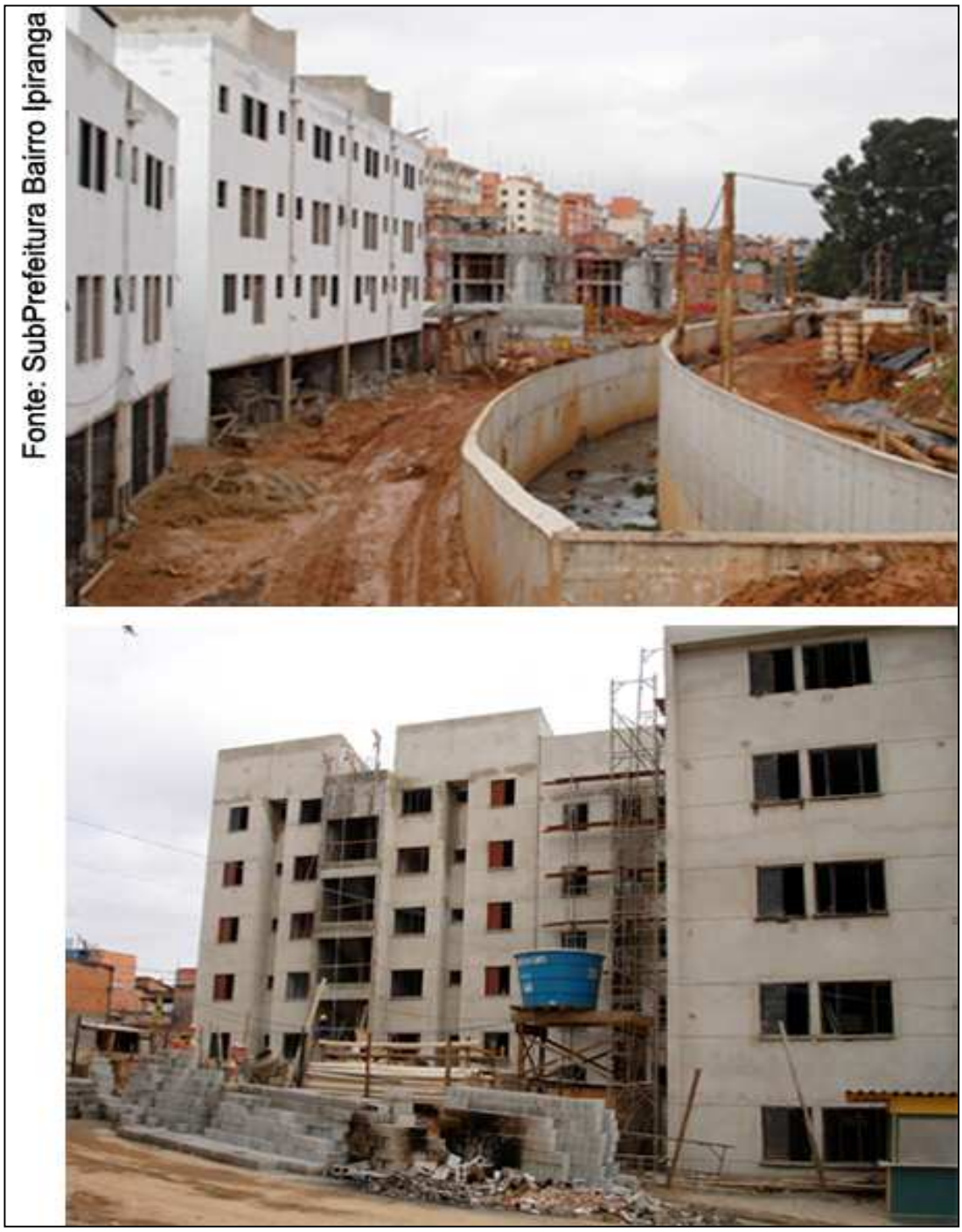
Os benefícios não param de chegar a Heliópolis, pois, a Prefeitura do Município de São Paulo na gestão do período 2005/2008, tem desenvolvido projetos de reurbanização e construção de novos conjuntos habitacionais para atender a população local e o trabalho de saneamento com canalização para água e esgoto. Fazem parte deste projeto a SEHAB – Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano de São Paulo, CDHU-Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo e a SABESP – Saneamento Básico do Estado de São Paulo.

Carla e Marisa, que fazem parte da Assessoria de Imprensa da Subprefeitura do Bairro Ipiranga, cede material fotográfico, quando estas imagens puderam estar aqui impressas para enriquecer e ilustrar este trabalho, dando-nos compreensão “a priori” do que é hoje este complexo de moradias populares chamado Favela Heliópolis e em razão de sua grandeza passa a se chamar “Nova Heliópolis”.

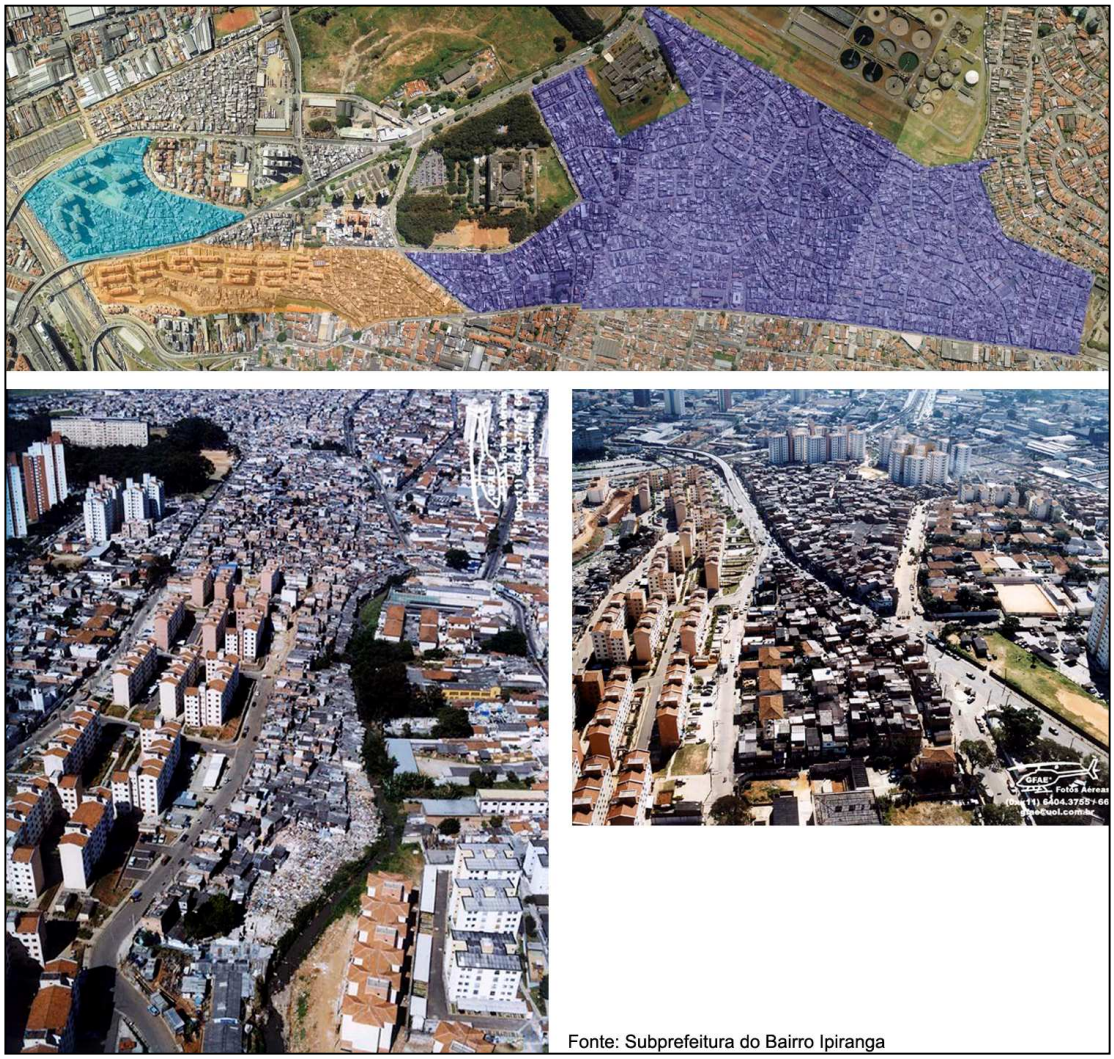
> “- Nós temos algumas fotos que foram tiradas pelo nosso fotógrafo, dos conjuntos habitacionais que estão sendo construídos para atender as famílias e algumas fotos aéreas também. Estas fotos aéreas vai dar pra ver como está a situação de hoje em Heliópolis. Muita coisa ta sendo feita pela Prefeitura... Além dos prédios está sendo feita a canalização dos córregos. Ah!... com as chuvas houve até um acidente, acontece muita coisa. Eu vou fazer assim. Vou salvar num CD e você leva. Espero que possa contribuir para o desenvolvimento do seu trabalho” (Entrevista realizada em fevereiro de 2006).

Outra grande representante de favela na Cidade de São Paulo é a Favela Paraisópolis com sua extensão de 1 milhão de metros quadrados e uma população estimada em 90 mil habitantes fica caracterizada como a segunda favela da Cidade.

Estas imagens mostram exemplo de melhoria que desenvolvem dentro da Favela Heliópolis-SP com um de seus aparelhos, como é o caso da quadra poliesportiva. Esta quadra encontra-se na sede da UNAS-União de Núcelos, Associações e Sociedades de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco, que foi reformada neste ano/2008 sob o patrocínio da Adidas e na reinauguração contou com a presença de Zidane, ex-jogador da seleção francesa de futebol, 2008.



Imagens mostram que os Projetos Habitacionais estão sendo desenvolvidos na Favela Heliópolis-SP. A entrega dos apartamentos para atender as famílias que estão inscritas é um pouco demorada; a espera causa grande ansiedade nos moradores, pois desejam sair do velho barraco e ocuparem apartamentos no condomínio, SP.,2006.



A seqüência de imagens mostram o espaço ocupado pela Favela Heliópolis-SP, onde foram desenvolvidos projetos habitacionais pela COHAB-Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo. SEHAB-Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano do Município de São Paulo, CDHU-Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo, como sendo, Projeto Cingapura, Condomínios do CDHU e Projeto Mutirão, 2006.

Favela localizada em área nobre da Cidade de São Paulo, no bairro do Morumbi, entre as Avenidas Giovanni Gronchi e Morumbi, onde as famílias têm orgulho em dizer que residem nesse lugar (cf. entrevista com Frei George-2007).

Paraisópolis se destaca em cinco regiões, conforme o espaço de ocupação e as características das habitações quer no aspecto e na conservação, das quais são: o Grotão, o Grotinho, o Centro, o Antonico, e o Brejo. Conforme relatório do Departamento de Medicina Preventiva do HIAE, a antiga Fazenda Morumbi foi loteada no início do século XX e algumas propriedades foram vendidas. A maior parte dos lotes foi apropriada por grileiros, com vistas à exploração imobiliária. A estratégia utilizada foi o assentamento de famílias sem teto com o objetivo de desvalorizar o preço dos imóveis, adquirirem lotes e posteriormente retirar as famílias assentadas e revendê-los a preços mais elevados. Houve com o decorrer do tempo, invasão crescente de terras desocupadas, que vem superando as intervenções jurídicas de reintegração de posse, dando à região a característica de favela.

> Segundo José Rolim, antigo presidente da União dos Moradores de Paraisópolis e morador há 24 anos, "os moradores, na década de 1940, eram paulistas que vieram criar animais, e imigrantes japoneses, que vieram plantar repolho, couve e verduras. No final dos anos 1950, começaram a chegar os primeiros migrantes nordestinos, como os alagoanos João Caboclo, Sr. Chicó, o pai de Maria Bethânia; vieram os migrantes, foram se estabelecendo, casando e misturaram às famílias, mineiros, baianos, pernambucanos, cearenses. Formaram uma comunidade unida, na qual todo mundo se conhecia. Depois mudou a população, porque vieram muitas pessoas que foram obrigadas a sair de Águas Espraiadas, quando construíram a Avenida. Eles receberam três mil reais da Prefeitura e vieram para cá. Então os chamados Grotão e Grotinho cresceram com a vinda dessas pessoas". (História do Departamento de Voluntários, Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospital Albert Einstein, Editora Narrativa Um, p.117/118, SP, 2004).

Estando Paraisópolis concentrada numa região que promove um contraste visual muito grande, caracterizado entre os pobres e muito pobres e entre os ricos e muito ricos, aparecem vários problemas sociais, pois em seu entorno há a construção de edifícios de alto padrão e residências tipo palacete, onde os ricos ficam separados por muros com arames eletrizados e alarmes sofisticados.

Paraisópolis recebeu um contingente populacional da antiga Favela Água Espraiada, onde junto à Avenida Carlos Berrini, dá lugar à construção de grandes edifícios de alto padrão abrigando empresas comerciais e financeiras. Este evento também ocorreu com a antiga Favela Vergueiro, cujos moradores foram ocupar

espaço em Heliópolis, na sua grande maioria, dando lugar à construção de condomínios de alto padrão, chamando-se de Chácara Klabin, pois o terreno pertencia à família Klabin. Encontra-se no Bairro de Vila Mariana onde já existe uma estação de Metrô com o mesmo nome.

Os tipos de aglomerados populacionais ou conjuntos populacionais, comunidades, núcleos populacionais, agrupamentos subnormais, ambientes de favelas, qualquer que seja o nome que se queira dar, encontramos semelhantes e distintos problemas em cada lugar ou região, quer seja, social, econômico, político e de infra-estrutura. Para se compreender melhor destaca-se a tabela a seguir elaborada por (MARQUES e TORRES – 2005 em São Paulo – Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais, SENAC, SP, 2005), apresentando as amostras dos tipos de favelas em São Paulo (2000). A tabela foi estruturada com dados em cinco grupos de favelas, num total de 2979 amostras (cf. Tabela 2). As características atribuídas aos grupos foram: piores condições sociais e de infra-estrutura onde a renda do chefe é a mais baixa de todos os grupos (230 reais), para o grupo 1. A infra-estrutura do grupo 2, já é um pouco melhor, apesar de ser um grupo com os piores índices de esgotamento onde as condições sociais são levemente melhores, para o grupo 2. Ótima infra-estrutura, mas condições ainda precárias para o grupo 3. Infra-estrutura e condições sociais boas, para o grupo 4. Melhores condições sociais e de infra-estrutura, onde a renda do chefe é a maior de todos os grupos (600 reais), para o grupo 5.

TABELA 2 – Características dos tipos de favelas no Município de São Paulo (2000)

GRUPO	Nº. DE CASOS	CARACTERÍSTICAS DAS FAVELAS
1	564	Piores condições sociais e de infra-estrutura. A renda do chefe é a mais baixa de todos os grupos (230 reais)
2	829	A infra-estrutura desse grupo já é um pouco melhor, apesar de ser um grupo com os piores índices de esgotamento. As condições sociais são levemente melhores.
3	728	Ótima infra-estrutura, mas condições sociais ainda precárias.
4	727	Infra-estrutura e condições sociais boas
5	131	Melhores condições sociais e de infra-estrutura. A renda do chefe é a maior de todos os grupos (600 reais).

FONTE: Centro de Estudos da Metrópole - CEM, 2000

NOTA: A Tabela foi estruturada com dados em cinco grupos de favelas, num total de 2979 amostras.

Em gestão Municipal no período de 2005/2008, vê-se a população favelada participando de Projetos desenvolvidos pelo Poder Público, tanto Prefeitura, quanto Estado, buscando as melhorias nas favelas por meio de Associações e União de Moradores. Melhorias como: arruamento, calçamento, instalação de saneamento básico, iluminação pública, cabeamento de energia elétrica e telefonia. Com a

implantação de Projetos de Reurbanização à área ocupada pode-se ver a valorização e a regularização dos imóveis, através de documentos expedidos pela Prefeitura do Município de São Paulo. Com a garantia de posse dada aos moradores cria um conceito de segurança às famílias estabelecidas no ambiente de favela.

Todavia permanece a insegurança nas favelas ficando por conta da violência provocada por pessoas desconhecidas ou conhecidas, instaladas no espaço ocupado, às vezes por vinganças ou desavenças, outras vezes por disputa de espaço através do comércio de drogas e mortes dos “droguistas”; é expressão utilizada para caracterizar as pessoas que fazem o comércio com os entorpecentes, todavia, houve-se chamar também de “trabalhador da droga”.

No início da formação das grandes e pequenas favelas, a exemplo de Heliópolis (a partir de 1970) e Paraisópolis (a partir de 1920), as pessoas em geral, via com certa distância a população favelada, criando até um muro imaginário separando a cidade formal do espaço ocupado formando o ambiente de favela.

Com a aplicação de projetos de reurbanização desenvolvido pelo poder público a paisagem das grandes e pequenas favelas vão ganhando organização no seu aspecto e uma fisionomia de beleza. Esta ação governamental fez com que a população, tanto de um lado do muro, quanto do outro, fosse se afeiçoando, se familiarizando a tornarem os lugares recíprocos e comuns.

Uma questão importante é quando se procura crediário em grandes lojas, pelo morador da favela, é primordial que se tenha endereço, a rua da favela tenha nome e o barraco ou a casa tenha número (cf. SAMPAIO, 1998).

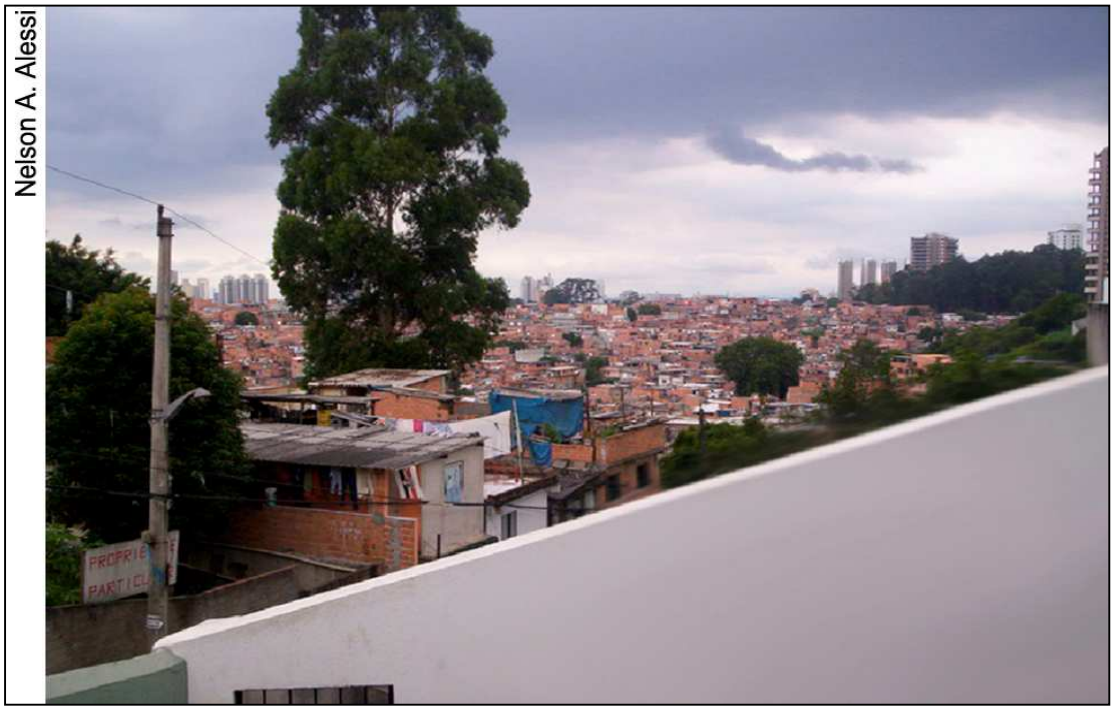


Imagem mostra a caracterização imaginária, através de muro, dos pobres e dos ricos, em Favela Paraisópolis-SP, na região do Morumbi, Av. Giovani Gronch, SP; de um lado do muro os ricos, do outro, os pobres, fazendo um contraste. No alto da imagem os edifícios de alto padrão, e logo abaixo as moradias populares na Favela, 2007. A Prefeitura do Município de São Paulo mantém um Programa para a Favela Paraisópolis. O programa visa integrar o Complexo Paraisópolis, localizado na região do Morumbi, à cidade formal através da regularização urbanística e fundiária, promovendo o acesso dos moradores locais à infra-estrutura, à inclusão social e à melhoria das

condições de habitabilidade, de saúde e ambientais. Dentre os resultados previstos estão à pavimentação, drenagem superficial e melhorias de ruas, vielas e escadarias. Implantação e readequação dos sistemas de distribuição de água e coleta de esgoto. Depois de realizadas as intervenções urbanísticas internas às quadras, estas serão objeto de regularização fundiária de equacionamento das diversas situações de posse e propriedade (Programa Paraisópolis-Relatório de Atividades, p.38, PMSP-SEHAB, 2006).

Frei George e Dona Maria Betânia, da Casa do Calvário da Igreja Nossa Senhora do Paraíso na Favela Paraisópolis, disseram que:

> "Há falta de investimento, tanto de Associação local, quanto de órgãos públicos, pelo fato de ser uma ocupação clandestina em terreno particular.
>
> Para certos investimentos, além da ausência de espaço físico, há o desinteresse da comunidade local, pois a qualquer momento podem ser despejados e há também a ausência de compromisso das lideranças local, muito embora tenham propostas de ações para colocarem em prática.
>
> Com relação a atendimento desenvolvido pela igreja, destaca-se um grupo social que presta atendimento a dependentes químicos, no qual se vê a atuação de um grupo de auto-ajuda e do outro lado do muro a comercialização de drogas através de um grupo de autodestruição.
>
> O trabalho de auto-ajuda está sendo desenvolvido a cerca de cinco anos. Existe o atendimento com alimentos, isto é, cestas básicas, a quase 100 famílias na comunidade. Lembrando que as pessoas participam do grupo de auto-ajuda, os dependentes químicos, através da divulgação pessoa/pessoa e também na própria igreja.
>
> O lazer é uma atividade restrita a poucos, pois está centrada ao patrocínio de instituições particulares ou convênios públicos. Existem algumas ONGs - Organizações Não-Governamentais que prestam serviços, como é o caso da ONG-Florescer que desenvolve o Projeto Reciclar (ver Anexo 4), onde os agentes ambientais fazem a catação de materiais e na sede dão o encaminhamento adequado" (Entrevista realizada em 2007).

TABELA 3 – Instituições que atuam na Favela Paraisópolis

Biblioteca Escola Crescimento Educação Infantil – BECE
Centro de Educação Infantil Santo Estevão – CEISER
Paróquia Nossa Senhora do Paraíso
Associação Beneficente de Amparo à Criança Lar Casa Humilde
Associação Meninos do Morumbi
ONG – Vivendo com Arte
Associação Amigos Casa da Amizade – Grotão
Obra Social do Colégio Pio XII – Entorno
Mãos Fraternas – Grotão
Instituto Luz – Antonico
Associação Amigos de Paraisópolis
Barracão dos Sonhos
AILA – Aliança Internacional do Animal
Centro de Educação Infantil Lina Rodrigues – Grotão
Núcleo Centro Comunitário de Trabalho de Paraisópolis – Centro de Educação Infantil Santa Escolástica
Associação Crescer Sempre
Instituto Missionário Nossa Senhora do Monte Calvário
União de Moradores e do Comércio
Grupo Assistencial Ponto de Luz – Brejo
Espaço Nossa Casa – Antonico
Paraíso Polis Associação Comunitária – Grotão
Associação Comunitária Unidas do Paraisópolis e Comunidade da Paz
MACKVEST
Espaço Esportivo e Cultural Bovespa – Quadra Alcides Procópio
CONSEG – Portal do Morumbi

FONTE: Departamento de Voluntários da Sociedade Beneficente Israelita do Hospital Albert Einstein,SP, 2008

Cabe lembrar que a Favela Paraisópolis está instalada em área particular e isto vem acontecendo desde 1920 através de chácaras e sítios e com a chegada de novos migrantes, começa a inchar-se a partir das décadas de 1970 e 1980 provocando uma densidade demográfica bastante acentuada. Neste período, funda-se a União dos Moradores da Favela Paraisópolis, cuja primeira Presidente foi a Dona Maria Betânia.

Para melhor caracterização pode-se ver os registros da Secretaria de Habitação da Prefeitura do Município de São Paulo que traz um Histórico da ocupação da área como segue: A ocupação da Favela de Paraisópolis tem origem em um loteamento aprovado em meados de 1922, parte da antiga fazenda do Morumbi de propriedade da família Dedenrichesen. Em 1921 foi loteada por Afonso de Oliveira Santos, com um projeto de parcelamento que definia 2200 lotes. No final da década de 1960, o boom imobiliário na região intensificou a ocupação irregular de Paraisópolis.

Em 1968, foi aprovada a Lei de Zoneamento Geral do Município que enquadrou a área de assentamento de Paraisópolis. Em 1975, a Prefeitura, através da EMURB – Empresa Municipal de Urbanização elaborou o Plano de Reurbanização propondo a desapropriação, com concordância dos proprietários, não concretizada por falta de recursos orçamentários e financeiros. Em 1979, o Governador do Estado implantou 20% (vinte por cento) das ligações de energia elétrica em Paraisópolis.

Em 1982, foi criada a União dos Moradores da Favela de Paraisópolis e a Prefeitura constitui intersecretarias com objetivo de propor soluções para a ocupação de Paraisópolis. Em 1983, a Prefeitura recebeu uma proposta de desapropriação da favela e constitui uma comissão integrada, vinculada ao Gabinete do Prefeito, para realizar estudos de urbanização da área com a remoção das famílias. Em 1998, a Prefeitura executou algumas obras de urbanização e elaborou um Projeto de Lei de operação urbana em Paraisópolis, que não foi aprovado.

Em 1994, a Prefeitura propôs a remoção das famílias de Paraisópolis para o Projeto Cingapura para implantação de um plano viário, o qual foi rejeitado pela população (Cronograma Paraisópolis, Histórico da ocupação da área, Diagnóstico Jurídico Fundiário, PMSP-SEHAB).

O senhor José Rolim da Silva é um dos pioneiros desta União, ocupando o cargo de presidente durante muitos anos. Deixa o cargo após ter sido eleito a vereança pelo Município de São Paulo no pleito de 2005.

Através da União de Moradores, a população local se mobiliza para obter junto ao poder público as melhorias do ambiente de favela. Conseguiram todos os recursos de infra-estrutura urbana, como, água, esgoto, iluminação nas ruas e nas casas, pavimentação, rede telefônica. É verdade que existe um conceito de solidariedade muito forte, todavia, é difícil conseguir documento de posse, pois há certa desorganização entre os lotes, quando uma moradia poderá estar ocupando duas laterais do terreno e o fato de ser também uma ocupação em terreno pertencente a particular.

Os projetos de urbanização já vinham sendo desenvolvidos no ano de 2005 na Favela de Paraisópolis, com as principais intervenções realizadas pela Prefeitura. As principais intervenções ficaram concentradas em Rede de água, Rede de esgoto, Rede de drenagem, Pavimentação, Serviços de urbanização (melhorias de acesso às residências remanescentes, pavimentação, escadas, vielas), Canalização dos Córregos Antonico e Brejo, Contenções geotécnicas, Estabilidade de taludes (PMSP-SEHAB, Programa de Urbanização de Favelas, Outubro/2005).

O trabalho comercial é desenvolvido na informalidade, portanto, não há compromisso fiscal, pelo fato de ainda não existir a propriedade oficial e os proprietários dos negócios trabalharem na clandestinidade.

Há toda modalidade de serviços, exceto os bancos que se instalaram no entorno, pois atendem também a população da Cidade formal. Existe uma estrutura de oportunidades não só no desenvolvimento do comércio local, mas também trabalhadores que se empregam nas casas das pessoas de alta renda e também nas empresas e escolas particulares das imediações da favela.

Esta imagem caracteriza o contraste existente entre as diferentes habitações. No alto vêem-se os edifícios de alto padrão e logo abaixo as moradias populares já em estágio avançado de construção de alvenaria. Esta vista parcial da Favela Paraisópolis-SP, vai mostrar parte das diferentes regiões existentes, em seu território, como: o Grotão, o Grotinho, o Centro, o Antonico e o Brejo, 2007.

Nestas regiões a comunidade mantém um caráter de união procurando formar ruas onde os moradores são parentes e conterrâneos. No Brejo predominam os alagoanos, no Centro, os pernambucanos. Mais para baixo, os baianos. No Grotão, piauienses e maranhenses. Os moradores dizem que moram num verdadeiro condomínio familiar, cercado apenas de parentes (PMSP-SEHAB, Diagnóstico Socioorganizativo, 2002).

A primeira igreja a se instalar no local foi a Igreja Católica, depois vieram às outras denominadas evangélicas, a exemplo de “Assembléia de Deus” e “Congregação Cristã no Brasil”. Atualmente, há três escolas estaduais e três escolas municipais, instaladas no local. Atuam também creches, patrocinadas por escolas particulares e conveniadas com a Prefeitura do Município de São Paulo. Na parte de saúde existe um Posto do SUS – Sistema Único de Saúde e um Posto Administrado pelo Hospital Albert Einstein, através de seu Departamento de Voluntários, atendendo nas especialidades de Pediatria e Ginecologia.

Nos disse ainda a Senhora Telma Sobolh:

> “Desenvolveu-se também a primeira experiência com uma creche 24 horas, para mães que trabalham fora e estudam à noite sob a administração do Mosteiro São Geraldo – Núcleo CEISER – Centro de Educação Infantil Santo Estevão. È desenvolvida também atividade paralela à saúde que são as oficinas pedagógicas, pelo mesmo Departamento de Voluntários sob a presidência da senhora Telma Sobolh.
>
> Há a publicação de jornal, idealizado pelos jovens do local sob a orientação de profissionais do Projeto Comunicabem/Coordenação e que tem o Título de “Comunidade em Ação”. Para a manutenção e permanência dos projetos desenvolvidos através do Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis – PECAP foi necessário à aplicação de muito esforço e amor às atividades. “Mesmo porque não estamos lá para trabalhar para a comunidade e sim com a comunidade”.
>
> É importante destacar também, que para termos êxito no desempenho dos projetos, tivemos apoio de voluntários e pesquisas realizadas para conseguir dados sobre o perfil dos moradores. Traçarem pirâmide etária segundo o gênero do morador, tabela do perfil das famílias conforme se apresentavam em cada região de Paraisópolis (Entrevista realizada com Dona Telma Sobolh, presidente do Departamento de Voluntários do Hospital Albert Einstein-2008).

Imagem mostra a sede de creche na Favela Paraisópolis-SP, que funciona 24 horas por dia, para atender as mães que trabalham e estudam à noite. Instituição que está sob os cuidados do Mosteiro São Geraldo-Núcleo CEISER-Centro de Educação Infantil Santo Estevão. Mostra a caracterização da implantação de aparelhos educacionais trazendo as melhorias à favela, 2007.

Em Guarapiranga encontra-se a Favela do Jardim Iporanga que recebeu famílias da antiga Favela de Água Espraiada e Favelas da região do Morumbi, contribuindo para o aumento de adensamento populacional em área de manancial, ferindo assim, a preservação e provocando um desequilíbrio ambiental.

Por ocasião de gestão municipal no período de 1989/1993 foi lançado programa de urbanização na Favela Jardim Iporanga.

> Lá as dificuldades no desenvolvimento do programa estão ligadas pela forma que o ambiente de favela se apresenta. À medida que vamos mexendo, vão aparecendo as dificuldades, exigindo as adaptações. É necessário, contudo, a remoção das famílias para o alojamento, a demolição das moradias, procedendo ao serviço de terraplanagem preparando o espaço para a construção das novas edificações (cf. Engenheiro Mauro – engenheiro que atua no local; de empresa contratada pela Prefeitura do Município de São Paulo – 2005).

Nesta amostra vê-se o informal copiando o formal, pois o processo utilizado no arruamento e na construção das habitações populares é semelhante ao que se pratica em qualquer espaço da Cidade formal, todavia, neste caso é caracterizado como ocupação clandestina (cf. Professor Doutor Antonio Cláudio Moreira – FAUUSP – 2005).

Com a intervenção nas áreas de mananciais, houve a prática da especulação imobiliária, pois famílias que não aceitassem participar do programa eram oferecidos a quantia de 5 mil reais para deixarem o local e se instalarem em outro ambiente. Programa de saneamento ambiental da Bacia do Guarapiranga, como é o caso da Favela do Jardim Iporanga, famílias que aceitassem participar do programa iam para o alojamento, até que a construtora entregasse a nova moradia. Esta ocorrência é encontrada em outros ambientes de favela onde há a implantação de projetos habitacionais e de reurbanização. Há também a prática da especulação imobiliária aonde a idéia vai além da possibilidade, onde pessoas que detém um poder aquisitivo maior e se aproveita da ocasião, acaba construindo vários barracos com o intuito de alugar. Há outras famílias que já construíram a habitação de alvenaria com estrutura para laje, vendendo o espaço (cf. VALLADARES, 1978). Destaca-se aqui a questão do impacto ambiental e social, quanto à instalação de favela por ocupação clandestina em áreas de mananciais. Não houve nenhum estudo por parte do poder público junto

à área de ocupação clandestina, embora em alguns casos, seja construção de espaço urbano, de obra de grande porte, que é o espaço de ambiente de favela, já existem projetos em andamento. Neste caso destacamos a invasão de área de manancial da Represa Billings e Represa Guarapiranga. Todavia a Prefeitura do Município de São Paulo mantém um Programa que tem por objetivo O programa manancial objetiva a recuperação e conservação das represas Guarapiranga e Billings, visando à garantia do abastecimento de água do Município e Região Metropolitana de São Paulo. O programa tem por pressupostos a manutenção das condições operacionais de abastecimento, o controle e o ordenamento da ocupação de seu território e a melhoria da qualidade de vida da população de baixa renda residente em favelas e em loteamentos precários da região. As ações se concentram na implantação da infra-estrutura sanitária, contenção de risco e intervenções em unidades domiciliares precárias (Programa Manancial, p.34, - PMSP-SEHAB).

Encontrou-se assim, formas de intervenções para não só remodelar o ambiente de favela no tecido urbano, mas também de reurbanizá-la. A reurbanização da Favela do Jardim Iporanga na área de Guarapiranga tem razão primordial. É necessário tirar o esgoto que se joga na Represa para preservar a qualidade da água, todavia, há que se fazer um coletor tronco com a construção de estação de tratamento (cf. Engenheiro Mauro – 2005).

No entorno da Represa de Guarapiranga há cerca de 600 mil pessoas. Para resolver o déficit habitacional é preciso construir quase 160 mil moradias populares, conforme levantamento feito pela SEHAB – Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano de São Paulo (2005). O programa de urbanização de favelas em curso no Município de São Paulo tem por pressupostos: melhorar as condições de habitabilidade do núcleo; prevenção e eliminação de riscos e acidentes causados por fatores geotécnicos e por inundação, sempre potencializados pela ocupação desordenada; melhoria das condições ambientais das favelas e da sua vizinhança; melhoria das condições de salubridade e de saúde da população; ampliação do comprometimento da população na conservação das melhorias físicas conquistadas com o fortalecimento da organização comunitária e combate sistemático à ocupação irregular de áreas protegidas. Trata-se de intervenções que implicam

ganhos significativos para a população destas áreas, bem como para o conjunto da cidade.

Na escolha das áreas de intervenções, foram consideradas aquelas que já possuíam projetos de urbanização em fase de finalização ou já concluídas; áreas vinculadas a programas financiados com recursos externos e áreas cuja prioridade se dá pela emergência das péssimas condições urbanísticas e fundiárias (Programa de Urbanização de Favelas, Relatório de Atividades-SEHAB, Superintendência de Habitação Popular, p.8, 2006).

Imagens mostram desenvolvimento de Projeto de Reurbanização em área de Manancial na Favela Jardim Iporanga, na Represa de Guarapiranga-SP, pela Prefeitura do Município de São Paulo. Além das moradias populares construiu-se o canal para coleta de águas pluviais e esgoto, 2006.

Imagens mostram implantação de Projeto de Reurbanização em área de Manancial na Favela Jardim Iporanga, em Guarapiranga-SP, Construção das moradias populares para abrigar famílias inscritas neste projeto. Famílias que habitam a favela. Projeto desenvolvido pela Prefeitura do Município de São Paulo, 2006.

Quando o informal acaba copiando o formal, no que tange ao comércio, modelos de moradias, a forma nas ruas, a conservação dos elementos naturais, abre

uma estrutura de oportunidades no ambiente de favela. Estrutura que surge através do movimento de negócios, contribuindo para a criação de muitas vagas de emprego (ALMEIDA, APUD, MARQUES, 2005), isto se dá, obedecendo ao parâmetro padrão de referência, ou do lugar, ou de interesse, ou de interferência.

Mesmo havendo obediência aos padrões de referência, muitas famílias acabam deixando o ambiente de favela, provocando uma rotatividade, no momento em que cansados de conviver com a violência eminente e a precariedade do lugar ocupado, resolve aderir ao sistema financeiro de habitação para adquirir um imóvel e em muitos casos aos projetos habitacionais oferecidos pelo Poder Público. É o caso do Projeto Cingapura, Projeto Mutirão, Projetos da SEHAB - Secretaria de Habitação e desenvolvimento Urbano de São Paulo, CDHU – Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo.

Noutros casos recorrem à autoconstrução com a ajuda de parentes e vizinhos, por ter conseguido a compra de terreno fora da favela, geralmente na periferia, onde o preço da terra ainda é baixo devido à ausência ou precariedade da infra-estrutura. Também são fatores de rotatividade, a interferência exercida por grupos controladores do comércio de drogas no ambiente de favela e a questão de autoestima, pois, como observamos no trabalho de campo, muitas famílias apresentam acanhamento por residirem na favela, sentindo-se envergonhados.

O RISCO EM AMBIENTE DE FAVELA

O risco pode ser definido como um potencial, que ainda não ocorreu, mas sua ocorrência está presente, podendo ser imediata ou futura. Poderá ser um evento danoso aos indivíduos ou à comunidade, dentro do espaço estabelecido. Num primeiro contato parece não constar na organização do território, embora esteja presente nessa estruturação. O risco é dotado de uma presença constante no espaço urbano, a ponto de se tornar objeto desse espaço (cf. NOVEMBER, 2002).

Há lugares que apresentam risco de catástrofe, como, incêndio, deslizamento de terra com soterramento de moradias e pessoas, enchentes, deixando muitas famílias desabrigadas. Há lugares com risco de doenças, com ambientes facilitadores de contaminação e disseminação das mesmas, deixando assim, grande número de vítimas.

O exemplo da Favela Nova República, na região do bairro do Morumbi em São Paulo, onde em 1989, houve um deslizamento de terra, por conta de um serviço de terraplanagem no local, com as chuvas intensas e a falta de aplicação de normas técnicas de segurança, ocorreu à catástrofe.

Paulo, antigo morador das proximidades, conta que:

> "Com a construção de alguns edifícios de alto padrão, fora feito um serviço de terraplanagem. Havia a necessidade de se fazer um trabalho de proteção em volta. Isto não foi feito e em razão das chuvas a terra deslizou, vindo cobrir as dezenas de barracos que havia logo abaixo. Na ocasião o poder público não tomou muito conhecimento do serviço de terraplanagem e do risco que havia no local. Com o deslizamento, várias vítimas foram soterradas; algumas instituições se colocaram a disposição para ajudarem as famílias desabrigadas e vitimadas. Populares também se puseram a ajudar, inclusive eu; foi muito triste (Entrevista realizada em 2007).

Num ambiente de favela, com a instalação e construção de habitações que apresentam precariedade, há grande situação de risco, especialmente, quando são construídas à margem de riachos, quando há a acumulação de lixo, sólidos e orgânicos e também a exposição de resíduos tóxicos.

FONTE: PULSAR/IMAGENS ACESSO: 2008

Foto mostra ocorrência de deslizamento de terra sob barracos da Favela Nova República em 1989, por ocasião de serviço de terraplanagem realizado para construção de edifícios de alto padrão na região do Bairro do Morumbi. Nesta ocasião muitas pessoas morreram por soterramento. Além das autoridades públicas no local, muitos voluntários ajudaram nas buscas às vítimas. Muitas famílias ficaram desabrigadas. Com as chuvas intensas deu-se o deslizamento de terra.

Sendo o risco um objeto geográfico, pode ser estudado tanto físico como social, pois é preciso avaliar sua autonomia enquanto objeto. Quanto ao risco ambiental, destacam-se as diferentes categorias, como, enchente, violência, fogo, contaminação, poluição, desmoronamento e deslizamento. Pode-se enquadrá-los em risco sócio-ambiental, risco natural, risco social. De acordo com sua diferenciação destacam-se dois processos de repartição de risco, que são a dispersão e a difusão. Portanto, se dispersa no espaço e difunde-se pelo ar.

No território, há que se ter uma noção quanto aos efeitos geográficos da identidade dos indivíduos e das sociedades a que fazem parte. Não se pode fechar a compreensão dentro da lógica espacial, social e até natural, onde se destaca o objeto do risco e a problemática do mesmo (cf. NOVEMBER, 2002).

Aqui, destacam-se a ocorrência de risco, nos ambientes de favela, sem desconsiderar que podem se manifestar em outros ambientes que não os de favela. Todavia, analisa-se a partir do conjunto de conhecimento da ocorrência e dos diferentes campos do saber. Para a melhor interpretação a transdisciplinaridade propõe intercâmbio entre as disciplinas, com transferências de métodos, conceitos, termos, teorias.

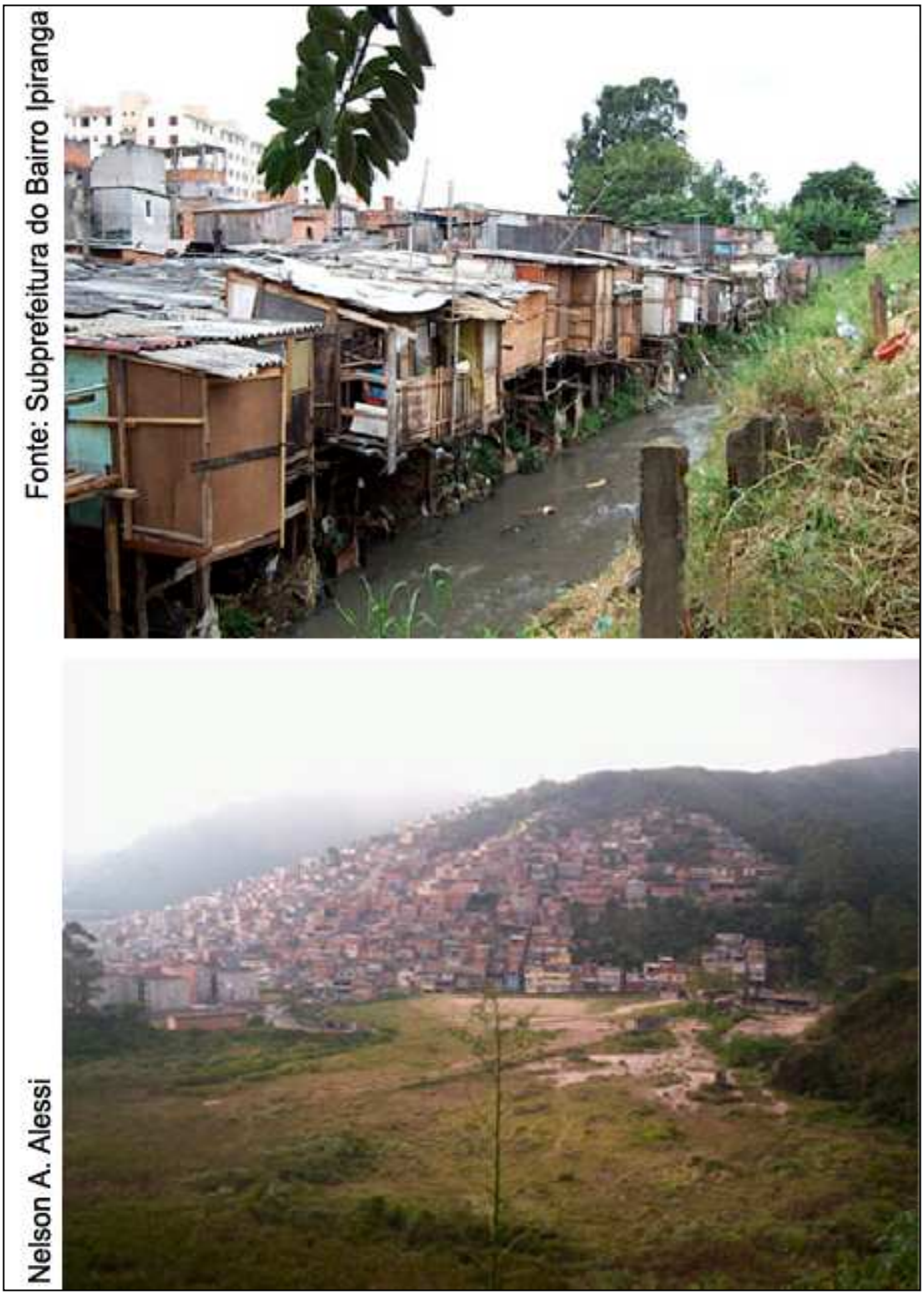
A falta de compromisso com a sustentação e manutenção de ambiente para se conseguir a melhor condição de se morar e viver leva o indivíduo a uma prática desaconselhada que são: jogar lixo e entulho na via pública e nas calçadas, contaminar o ar, contaminar os rios e até um simples, jogar papel no chão.

A situação vai piorando quando se vêem um rio da grandeza e importância do Rio Tietê ser agredido com o despejo de esgoto, materiais degradáveis, coliformes fecais, e detritos sólidos e orgânicos trazidos pelas águas pluviais. Este é um dos mais sérios riscos que encontramos na cidade, pois ele não ocorre somente no ambiente de favela, mas também no seu entorno, pois o rio percorre grande extensão do perímetro urbano da mesma.

Estas imagens mostram o Rio Tietê, passando pelo perímetro urbano da Cidade de São Paulo, onde se dão a ausência de compromisso com a ética ecológica, havendo despejo de esgoto, detritos sólidos e orgânicos.

Estas imagens foram colhidas a partir de embarcação sob o mesmo Rio Tietê em 2005, através de Projeto Educacional desenvolvido pela SABESP-Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo.

As águas estão tão escuras que chega a refletir a cor da tinta que fora pintada a ponte. Mostra também que não é só no ambiente de favela que ocorrem o descaso de jogarem os detritos e o esgoto na via pública, mas nos demais ambientes da Cidade. Apesar de toda a poluição, ainda permanece a beleza formatada na imagem da ponte, onde a cor da tinta fica refletida na água poluída do Rio.



Estas duas imagens mostram um quadro de precariedade em ambiente de favela. A primeira na Favela Heliópolis-SP com as moradias construídas ao longo do riacho apresentando a expansão do risco de desmoronamento por ocasião de enchente que ocorre em período de fortes chuvas, 2005. A segunda, ambiente de favela, Jd. Silvinia-SBC, instalado por ocupação de espaço em declive, apresentando também a caracterização da expansão de risco de deslizamento de terra em função das chuvas e desmoronamento das moradias pela ausência de estrutura básica de construção, 2007.

Fonte: Subprefeitura do Bairro Ipiranga

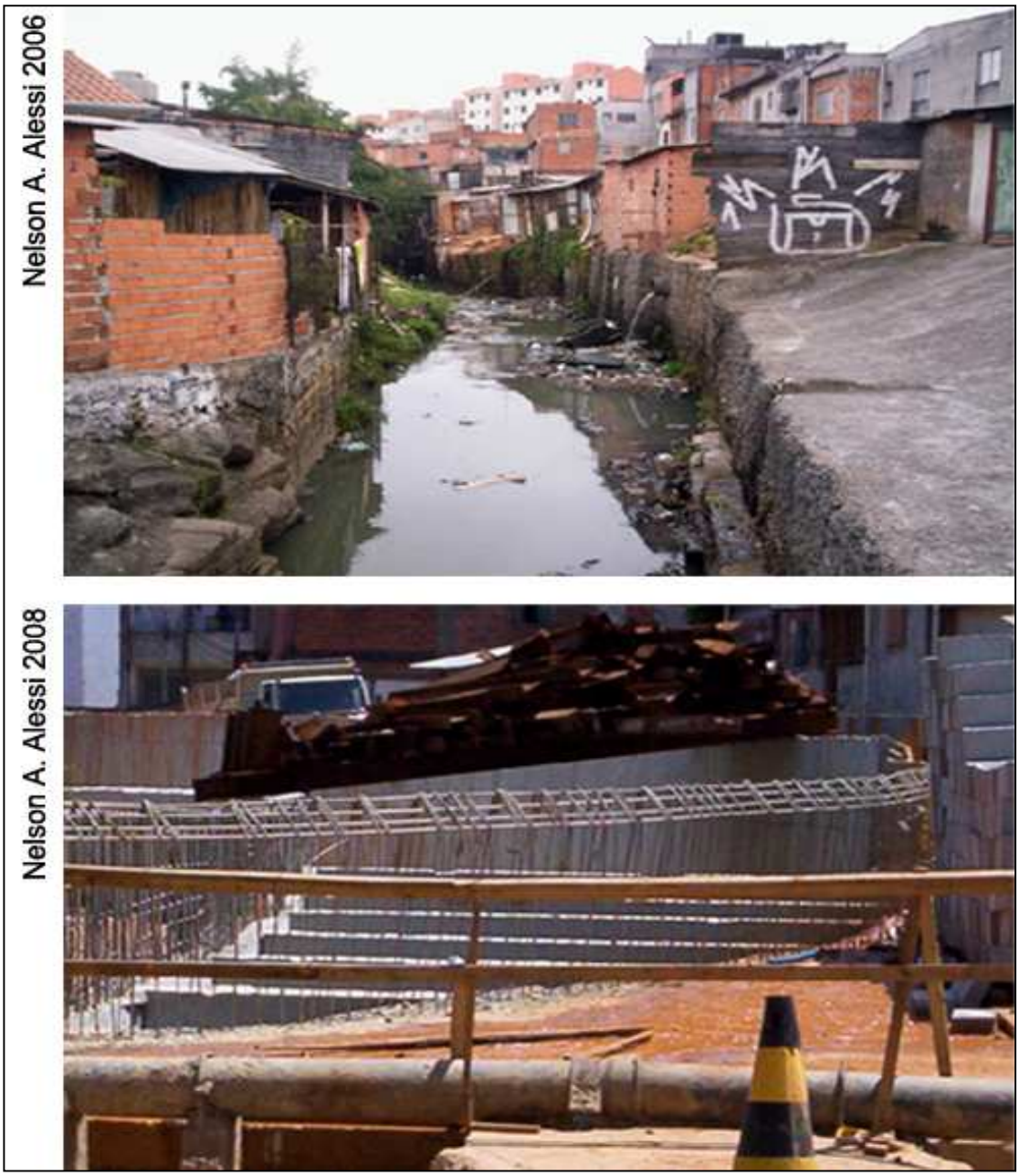
Nelson A. Alessi

Nelson A. Alessi

Estas imagens mostram novamente a falta de compromisso ecológico. O jogar detritos sólidos e orgânicos na via pública, vai gerar ainda o aparecimento de baratas e ratos tornando um ambiente propício ao desenvolvimento de doenças, como esquistossomose, malária, dengue e doenças aéreas. O fato de depositarem os detritos sob a calçada faz com que o pedestre vá dividir espaço com os veículos que transitam no local, correndo o risco de atropelamento, 2005/2007.

Houve casos de enchente, quando barracos instalados à margem de rios e riachos, foram destruídos e levados pelas águas. Com eles algumas vítimas fatais e grande número de desabrigados. Um exemplo foi em Heliópolis, onde riacho que capta esgoto e água pluvial encheu e carregou com a força das águas, uma pessoa levando-a a óbito.

Com relação a risco ambiental, além do acúmulo de lixo, resíduos tóxicos, há também o represamento de água ou em vasos ou em poças nas residências, nos terrenos, nas ruas sem pavimentação ou com pavimentação, onde são espaços propícios ao aparecimento de mosquitos, insetos, ratos, facilitando o aparecimento de doenças pela aspiração, picadas dos mosquitos e até contatos com resíduos contaminados.



Nestas imagens, mostram as habitações construídas à margem do Riacho, havendo o risco de inundação e colocando as moradias em perigo, bem como as pessoas que as ocupam. Atualmente, 2008, o riacho está sendo canalizado, chegando às melhorias ao lugar onde em seu entorno irá emergir alguns edifícios para atender as famílias que estão inscritas para o empreendimento, 2007.

Aniceto, do corpo de bombeiros do bairro Ipiranga explica:

> “A questão de risco em ambiente de favela, onde os elementos de incêndio podem ser combustíveis sólidos, líquidos e aparelhos energizados, os aglomerados de madeira, gás, vela acesa, panela deixada no fogo, pequenos focos de aquecimento em dias de muito frio. Acendem-se fogueiras, ligações elétricas mal feitas que provocam curto circuito e o acumulo de resíduos tóxicos que as pessoas colocam fogo. Todos estes objetos de risco podem ser causadores de incêndio no ambiente de favela, tanto no interior da habitação quanto no exterior, num volume maior. Atribui-se a causa de incêndio à ausência de conhecimento, falta de cuidados, há displicência, há indisciplina, e há falta de compromisso com a segurança. Com relação à água, também há muitos problemas, pois a infiltração provoca erosão, deslizamento e consequentemente o desabamento e soterramento das habitações, deixando desabrigado e por vezes grande número de vítimas.
>
> Há construções de moradias populares em terrenos em declive, onde as ruas não têm pavimentação e as moradias sem infra-estrutura básica de fundação, por falta de recursos adequados, com a infiltração de água, é causa de acidente, pois ocorre o desmoronamento. Deixam desabrigados e vítimas no local.
>
> Os casos de contaminação e deslizamento são menos freqüentes, todavia há instalação de barracos em regiões ribeirinhas, ou em rios e riachos, no momento da inundação ocorrem à tragédia, além de haver queda do barraco, há afogamento de pessoas. Portanto, deixa grande número de desabrigados e vítimas (entrevista realizada em 2006).

Com referência a contaminação encontra-se em alguns setores de ambientes de favela, aglomerado de habitações em situação precária de construção. Em razão da alta densidade demográfica, e ajuntamento das habitações, quando por falta de sol e ventilação, acarreta a insalubridade e por excesso de umidade e com a variação de temperatura, provoca um ambiente propício e facilitador ás doenças, como, tuberculose e outras doenças pulmonares. Em outros casos com a acumulação de poças d’água, caixas d’água sem tampa, são também facilitadores de contaminação e disseminador da dengue e malária. Um bom exemplo de reservatórios de água sem a respectiva tampa, foi em Heliópolis, onde para solucionar o problema, as autoridades sanitárias, retiraram as caixas d’água deixando a população local, sem os respectivos reservatórios, como mostram as imagens do alojamento na Favela Heliópolis, p. 78.

João é operador técnico de rádio da defesa civil, atuando na Subprefeitura do Bairro Ipiranga e faz o monitoramento das ocorrências que chegam pelo telefone 199, a partir da central. Falou da importância da defesa civil:

> “Ela exerce a ação de trabalho mais imediato no atendimento ao solicitante, acionando de acordo com o caso, os bombeiros, o SAMU - Serviço de Atendimento Municipal Urbano, quando há vítimas, a CET - Companhia de Engenharia de Tráfego, quando envolve o trânsito. Sua principal atuação é agilizar o socorro em casos de emergência.
>
> A importância da defesa civil é de tal monta que é reconhecida internacionalmente. Por aqui atendemos ocorrências de toda ordem, desde uma simples denúncia até uma grande catástrofe. Lembro–me a denúncia de um contribuinte falando sobre a obra de construção de edifício, vizinho de sua casa, quando do funcionamento do bate estaca, estava comprometendo as casas. Outro caso de destaque foi o incêndio no edifício Joelma (1974) no centro da Cidade de São Paulo, onde a defesa civil esteve presente” (entrevista realizada em 2006).

Cabe destacar a violência como situação de risco nos ambientes de favela, pois é reflexo da situação urbana. A violência urbana é um dado recente. Outras formas de violência, como a fome, a miséria, a desigualdade, a prepotência, a ausência de direitos básicos, a impunidade, por exemplo, não são (cf.MARICATO, 2001). Portanto, reconhecem–se a situação de risco, onde o Estado enquanto instituição se ausenta da responsabilidade, faltando com política habitacional, desenvolvendo alguns projetos para manter e admitir favela como local de moradia. Existem ainda os pequenos ajuntamentos de habitações com aspecto precário em construção de madeira e materiais como chapas de aglomerados, chapas de compensados e tapumes, que colocam a população instalada no local, em situação de alto risco, pois são materiais que passam a fazer parte da categoria de combustíveis sólidos. Promove também um ambiente propício e disseminador de doenças e o mais comum é o incêndio, como mostram as imagens nas páginas que seguem. Neste caso deixa também, muitas famílias desabrigadas e por vezes vítimas fatais, como é o exemplo da Favela Paraguai, onde estava instalada nos baixos do Viaduto de acesso à Vila Prudente-SP.

Márcio Tardini

Anísio Sérgio de Assunção

Anísio Sérgio de Assunção

Esta seqüência de imagens vem caracterizar a existência de risco em ambiente de favela, como é o caso do incêndio que ocorreu na Favela Heliópolis em 18 de junho de 1996, publicado no Jornal Diário Popular, nas páginas 5 e 20.

Não tendo havido melhorias e recuperação da estrutura de concreto do prédio através do poder público a população do local organizada pelas famílias interessadas em um lugar para morar, procedem à ocupação fazendo a proteção dos vãos com paredes de alvenaria e um misto de tapume com chapas de madeiras compensada.

Vem reforçar a permanência e manutenção de riscos de diferentes categorias no local, a exemplo de risco social, de saúde, de poluição, de segurança pessoal e ambiental, 2007.

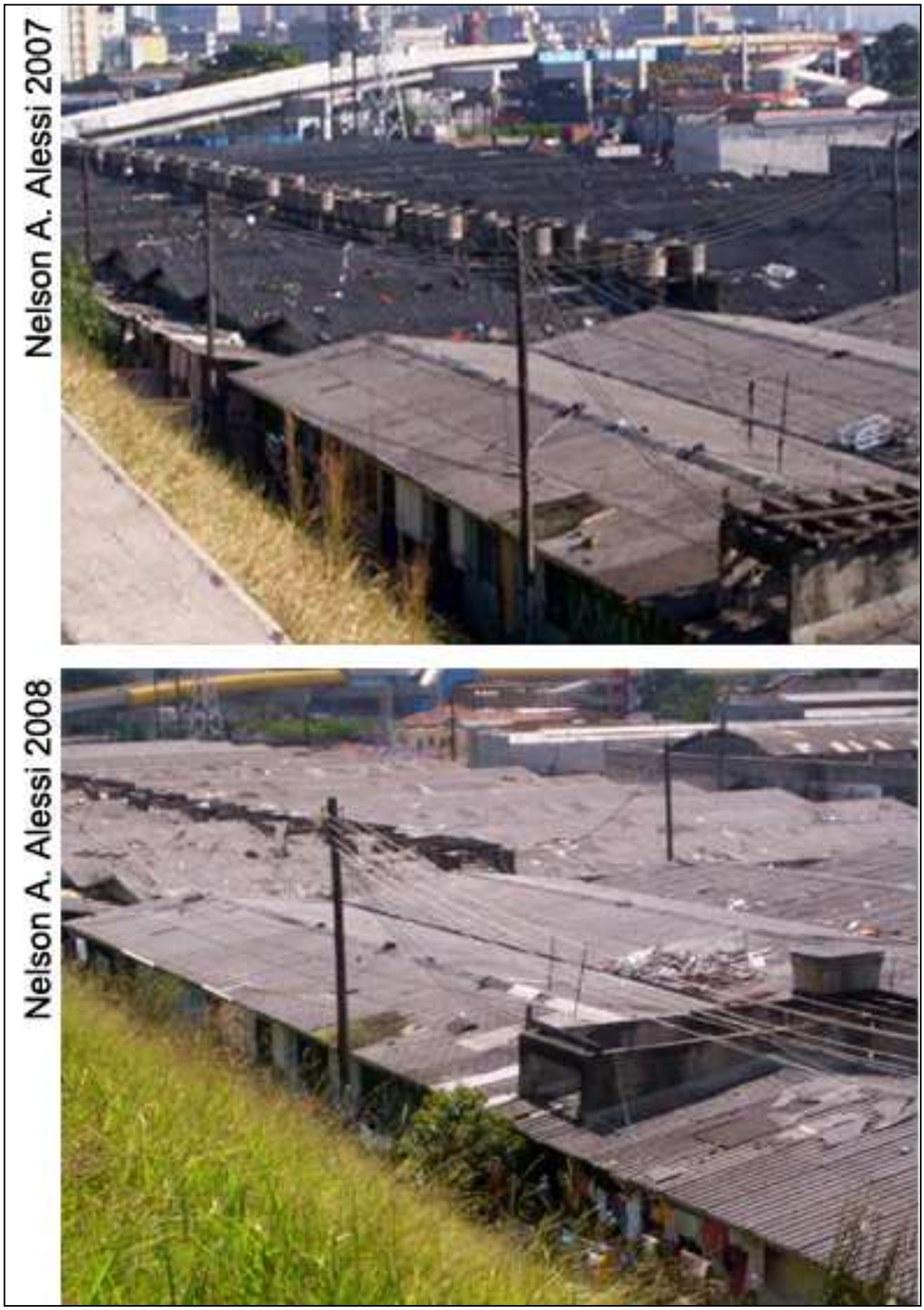
Anísio Sérgio de Assunção

Anísio Sérgio de Assunção

Nelson A. Alessi

A seqüência de imagens vem caracterizar a continuidade do risco de incêndio no local – Favela Heliópolis em 18 de junho de 1996.

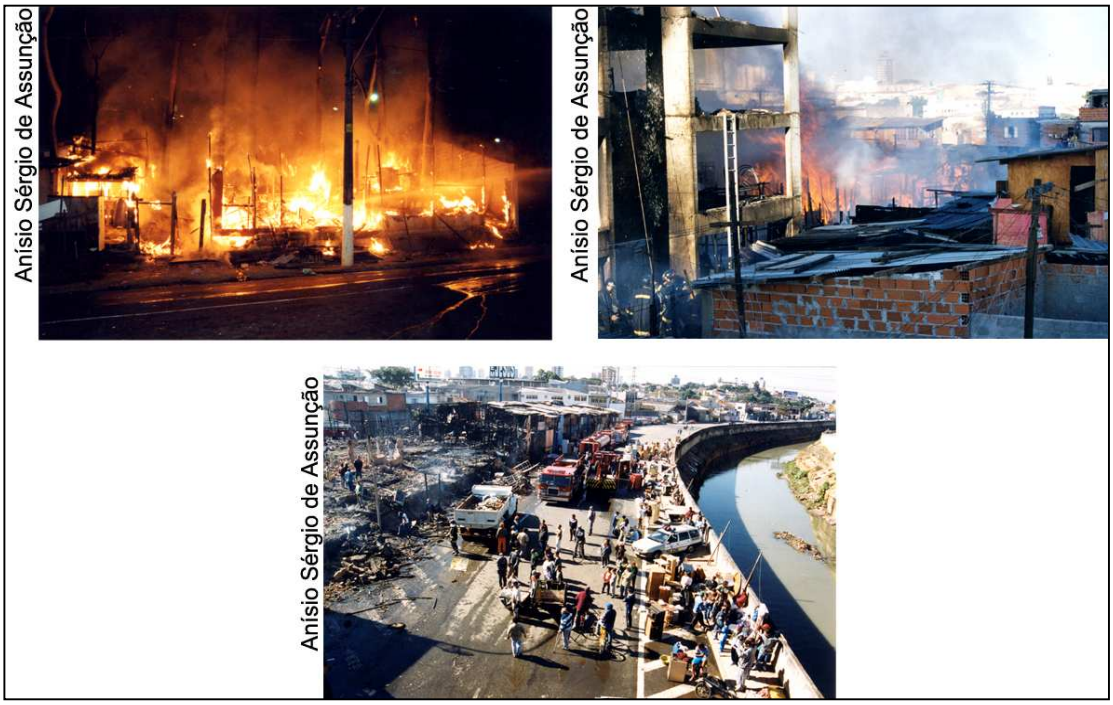
Ocorrência publicada no Jornal Diário Popular nas páginas 5 e 20. As famílias retornam ao local, voltando a ocupar o esqueleto estrutural do prédio sinistrado e fecham os vãos com tijolos de bloco cerâmico com misto de placas compensado e tapume, como restos conseguido em construções vizinhas, 2007.


Nelson A. Alessi 2007
Nelson A. Alessi 2008

Imagens mostram ambiente de favela em Heliópolis. Apresentando caracterização da expansão de risco com o aparecimento de doenças aéreas como a tuberculose, bronquite, asma, pneumonia e malária e dengue através dos mosquitos, pois é um espaço propício e facilitador para a instalação de foco disseminador das doenças, 2007.

Na primeira imagem aparecem os reservatórios de água sem as respectivas tampas, tornando a água propícia para a proliferação do mosquito aedes aegypti, responsável pela dengue.

Já na segunda imagem aparece sem os reservatórios, pois a autoridade sanitária viu por bem retirá-los, ao invés de colocar novamente as tampas, 2008. As imagens mostram o que se chamou de alojamento por ocasião de remoção de famílias que estavam instaladas em barracos, dando lugar a construção de edifícios a oferecerem as respectivas famílias inscritas nos programas habitacionais, 2008.



Esta seqüência de imagens vem mostrar e reforçar a caracterização de risco de incêndio em ambiente de favela, como em Heliópolis-SP e os escombros deixados após incêndio em Favela Paraguai-SP, nos baixos de Viaduto de acesso à Vila Prudente-SP, ocorridos respectivamente em 1996 e 2002.

CORTIÇOS APRESENTAM ASPECTO DE FAVELA NO ESPAÇO URBANO DA CIDADE

A considerarmos os ambientes de favela, como parte da formação do espaço urbano, com construção de habitações populares, no seu aspecto precário e de fisionomia deteriorada, pode-se tecer paralelo com o ambiente de cortiço, pois não foge às mesmas características, porém numa formação de construção diferenciada.

Em visita a cortiço (2006), localizado na Rua João Teodoro, Bairro do Pari, encontramos um bom exemplo de encortiçamento de pessoas, expressado na deterioração da habitação, na pobreza dos móveis e utensílios e na miséria alimentícia. Percebe-se também um sentimento de angústia na fisionomia dos indivíduos.

Existe um descaso, por parte do poder público com a população encortiçada que em muitos casos, se torna impotente, frente às inúmeras dificuldades financeiras no momento em que sentem a necessidade de conseguir um imóvel de aluguel no preço que lhe é acessível.

Em razão desta necessidade de se conseguir um imóvel de aluguel com preço acessível, muitas famílias passam a alimentar essa forma de moradia sem interesse social, vivendo nos imóveis em condições precárias e com instalações obsoletas e se quer o mínimo de manutenção. O cortiço é moradia de aluguel com instalações sanitárias e lavanderia, de uso comum, e em alguns casos existe um pequeno quintal. É a opção de moradia para a população de baixa renda que consegue pagar aluguel, todavia, muitas famílias chegam a atrasar o aluguel, correndo o risco de serem despejadas. O cortiço é uma solução de mercado, é um produto da iniciativa privada. Em seus diversos tipos, foi à primeira forma física de habitação oferecida ao homem livre brasileiro da mesma maneira que o aluguel foi à primeira forma econômica (Flávio Villaça, 1986).

Outra grande mostra de deterioração, pobreza e miséria estão focalizadas em alguns edifícios da cidade de São Paulo. Edifícios localizados em lugares com grande fluxo de pessoas, mas parece que ninguém vê. Lugares como Rua Santa Ifigênia, Avenida Rio Branco e Parque D. Pedro II.

Embora o Poder Público representado pela SEHAB – Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano de São Paulo e CDHU – Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo venham aplicando projetos de recuperação e requalificação na Cidade, eles aparecem de forma tímida, pois ainda há numerosos edifícios que se encontram fora do alcance de qualquer proposta de melhorias. Edifícios em plena deterioração em completo abandono, totalmente ausente de manutenção, e o pior, ocupado por pessoas, por famílias. Além de apresentar uma característica de isolamento no espaço urbano, de abandono, mesmo estando ocupado, causa espanto, porque eles se encontram rodeados por edifícios que apresentam fisionomia melhorada, e outros com aspecto de recuperação. Estes edifícios, por sua vez, dado a deterioração e precariedade e ausência de manutenção, passam a expressar a idéia de imóveis sem futuro, apresentando-se como verdadeiros cortiços verticais.

O edifício localizado no Parque D. Pedro II, o São Vito, mostra–se como uma verdadeira favela vertical, precisamente na sua aparência. Todavia, por questões de interesse, fora desocupado por força da Administração Municipal (2003) e sua população passa a aumentar projeto de crédito imobiliário promovido pelo Poder Público Municipal, que é o de custear aluguel para abrigar as famílias que ali habitavam.

É possível presumir, de acordo com as intervenções da Prefeitura, no caso destes edifícios, que se apresentam em estado de deterioração, possam ser incluídos nos projetos de requalificação da cidade, promovido pelo Poder Público Municipal, e sair dessa mostra de precariedade, deterioração, pobreza e miséria, onde dentro dessas características passam a enfeiar a cidade. Só recentemente (1991), o cortiço foi reconhecido e regulamentado por Lei Municipal (Lei nº. 10.928 de 8 de Janeiro de 1991, com projeto de Lei nº. 504/89, do Vereador Luís Carlos Moura) - ANEXO XI -. Em muitos casos, as características de um cortiço ficam escondidas atrás de uma fachada conservada e uma pequena porta de entrada. Ao se passar por essa porta, encontram–se o estado de precariedade e congestionamento sem deixar de lado a pobreza e a miséria. Muitas vezes o cortiço é administrado por intermediário, fazendo a vez do proprietário, que fatalmente se envergonharia em ver as condições do imóvel

e das pessoas que o habitam. Esse negócio de se envergonhar é ignorado, pois, o cortiço tem a função não só de promover a instalação de famílias, mas também de gerar renda ao proprietário através dos aluguéis (cf. Moreira, 2006).

A Prefeitura por sua vez, desenvolve o Programa de Cortiços que tem por objetivo adequar cortiços e moradias coletivas aos parâmetros legais definidos pela Lei Municipal nº. 10.928/91 (Lei Moura), mediante intervenções de requalificação das habitações existentes através de reformas e/ou reconstrução de unidades. O Programa foi estruturado a partir de ações conjuntas com as Subprefeituras que se desenvolvem mediante intervenções físicas, sociais e legais em todas as moradias coletivas abrangidas (PMSP-SEHAB, Programa de Cortiços, Relatório de Atividades, p.63, 2006). No ambiente de favela também se apresentam os geradores de renda a exemplo de proprietários que possuem vários barracos e os colocam a disposição das famílias que necessitam adquirir imóvel de aluguel com preço acessível. Porém, a especulação imobiliária promove o encarecimento dos aluguéis em função da oferta e da procura, proporcionando a dificuldade ás famílias carentes, tornando este peso insuportável ao chefe da mesma (Valladares, 1978). Mediante a dificuldade de se pagar o aluguel dos imóveis que estão á disposição para esse fim, os chefes de família passam a procurar espaço para construção de sua habitação. Encontrado o lugar, quer seja, sobre a calçada, em meio dos corredores existentes entre os edifícios construídos de Programas Habitacionais desenvolvido pelo Poder Público e também dos poucos espaços encontrados no ambiente de favela, emerge mais um barraco para alimentar a precariedade e miséria na construção desse espaço urbano. Morar numa favela em São Paulo, a partir de 1986 representa miséria muito maior do que morar num cortiço de São Paulo em 1886. Não só aumentou o nível de miséria, como também o número de miseráveis (BONDUCKI, 1997). Podem–se caracterizar essa condição pelo rebaixamento das condições urbanas, condições de vida dos trabalhadores que se chamou de “Espoliação Urbana” (KOWARIK, 1970). Vimos então que as pessoas são privadas e despojadas de algo que lhe é de direito garantido pela Constituição Federal, que é o direito à moradia e condições de vida digna.

Estas imagens mostram a localização de cortiço na Rua João Teodoro, no Bairro do Pari - SP, com fachada ligeiramente conservada. Ao se passar a pequena porta, encontram-se a precariedade, a pobreza e a miséria instaladas no local, 2005.

Estas imagens mostram a deterioração da moradia, a angústia das pessoas, a pobreza e a miséria da população encortiçada, 2005.

Estas imagens mostram a precariedade do imóvel com instalações obsoletas, sem o mínimo de manutenção, 2005.

Estas imagens mostram a instalação sanitária, lavanderia e pequeno quintal. Tudo de uso comum, coletivo, 2005.

Estas imagens mostram ao se passar a pequena porta, depara-se com o estado de precariedade e congestionamento do local; o cortiço é um produto da iniciativa privada, 2005.

Esta seqüência de imagens mostra a caracterização de cortiço vertical em pleno centro da Cidade de São Paulo. Edifícios apresentando fisionomia deteriorada, sem aspecto de manutenção e conservação.

O Edifício São Vito no Parque D. Pedro II encontra-se desocupado (2003) porque existe uma proposta de implosão através do Poder Público, 2008.

1

Nelson A. Alessi

Esta imagem mostra em sua amplitude a caracterização de Cortiço Vertical na Cidade de São Paulo.

A presença do Edifício São Vito na Cidade, localizado no Parque D. Pedro II, com sua fisionomia deteriorada é o representante do grande cortiço vertical; atualmente esvaziado a mando do Poder Público, com proposta de implosão, 2008.

Fonte: WWW**.** Mananciais.org.br Acesso: Ago.2008

Imagem mostra a ocupação no entorno da Represa de Guarapiranga-SP, com adensamento populacional e a construção de moradias populares em espaço de manancial.

Vê-se, portanto, o ferimento à área de manancial e a prática do desequilíbrio ambiental, por parte da população favelada e população não favelada. (Imagem extraída do Site Mananciais.org.br em Ago.2008).

A PROCURA DE UMA MORADIA

> "A rua não é o único endereço de quem não tem onde morar. Para ter o que chamam de teto, ainda que improvisado, pessoas dividem com ratos, lixo e entulho, espaços e buracos. Sem nenhuma assistência, esses moradores da capital – São Paulo não está nem mesmo nas Estatísticas da Prefeitura... Nos mocós, como os moradores chamam os buracos, a iluminação é obtida graças a ligações clandestinas. Para ter água, as pessoas saem com latas na cabeça, driblam os carros para atravessar as pistas, até a casa mais próxima. O banheiro é improvisado do lado de fora das moradias que são guardados pelos fiéis cães vira–latas. As casas improvisadas não se resumem a buracos ou cavernas. Algumas pessoas optam por morar em manilhas deixadas em Parques e Praças, outros dormem em carros velhos e até em túmulos" (Jornal O Estado de São Paulo de 23.07.2000).

Vê–se, portanto, que as pessoas encontraram seu jeito próprio de morar, contudo as habitações têm se categorizado em algumas alternativas, conforme o status e a densidade do habitat. A categorização se dá em função da classe social e do poder de compra, considerando a classe alta, média e também a população de baixa renda.

As edificações foram se alternando nos seus vários tipos, desde os casarões que atendiam numerosa família às edificações menores; desde os edifícios de alto padrão de apartamentos com vários cômodos, até edifícios menores para as famílias de classe média a chegar–se às construções que chamamos de moradias populares para a população de baixa renda.

Muitos casarões foram transformados em cortiços, como são chamados em São Paulo, caracterizados fundamentalmente como habitações coletivas e no Rio de Janeiro chamou-se de 'Cabeça de Porco' (Athayde, MV Bill, Soares, 2005).

Com relação a cortiços houve alguns projetos–piloto, em parceria com a Prefeitura e o proprietário do imóvel, onde fazem as melhorias. Um bom exemplo foi na cidade de São Caetano do Sul com o Projeto João de Barro, o qual visava à erradicação de cortiços e a inclusão social de seus moradores.

Sonia, arquiteta, pertence à diretoria de obras – setor de aprovação de obras particulares da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, disse que:

> "Essa intervenção foi formalizada pela Lei Municipal nº. 4123/2003 e parceria técnica com a SOMA – Sociedade Beneficente Mário Chekin – ANEXOS XII e XIII. Acredita-se ser esta parceria, Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul e Sociedade Beneficente Mário Chekin, importante amostra deixada por esta Administração com o objetivo de erradicar os cortiços e promover a inclusão social de seus moradores" (entrevista realizada em 2006).

Há outras formas de intervenções, como o projeto mutirão, desenvolvido pela Prefeitura do Município de São Paulo para atender a população favelada.

O projeto mutirão estabelece um serviço de autogestão, onde o Poder Público financia e apóia as Associações, notadamente nas favelas, para que o mutirante construa e administre o empreendimento. A COHAB – Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo providencia a introdução da infra-estrutura básica.

As implantações de projeto mutirão podem ser vistos em algumas favelas e alguns bairros da Cidade de São Paulo. Podem ser destacadas três amostras do referido projeto: uma na Favela Heliópolis, desenvolvido na gestão municipal no período de 1989/1993; outra favela beneficiada foi no Jardim São Savério, também neste período. Ainda neste período vamos encontrar na Avenida Celso Garcia, altura do nº. 868, no Brás – SP, lugar conhecido como Casarão da Celso Garcia. A obra durou cerca de dez anos para ser concluída. A conquista desta obra dependeu da ousadia dos interessados, através de Associação constituída e não era um grupo excludente (cf. MOREIRA, 2006). Outro bom exemplo de projeto mutirão, ainda neste período de gestão municipal, foi o Conjunto Habitacional Por do Sol, localizado no Bairro de Taipas – SP, no entorno das Avenidas Raymundo Pereira de Magalhães e Elísio Teixeira Leite, atendendo a população favelada do local, também por envolvimento de associação constituída.

Outro projeto para urbanização de favelas foi desenvolvido em gestão municipal no período de 1993/1997, que se chama de “Projeto Cingapura”. Sistema de verticalização com edifícios construídos em bloco cimento de sete pavimentos. Construídos no mesmo local onde se instalaram a população favelada. Transferem-se as famílias dos barracos para os apartamentos.

Este projeto foi desenvolvido para atender exclusivamente a população que comprovava domicílio em ambiente de favela.

A aplicação dos diferentes projetos habitacionais permite que a população de baixa renda participe do mercado de habitações populares, incluindo a população favelada e encortiçada. Para tanto é necessário à participação em Associações onde conseguem inscrições nos diversos programas habitacionais e se desenvolvem as políticas públicas.

Nelson A. Alessi

Imagens mostram a implantação e desenvolvimento de Projeto Mutirão administrado pela Prefeitura do Município de São Paulo em Vila Caraguatá, onde as famílias trabalham sob a supervisão de técnicos contratados pela Prefeitura.

A primeira imagem é de 2006 e a segunda início de 2008. Este projeto foi implantado pela Secretaria de Habitação do Município de São Paulo-SEHAB, chamado de Sacomã D, 2008.

Imagens mostram os Edifícios construídos pela Prefeitura do Município de São Paulo, através de Projeto de Verticalização chamado Cingapura, no Jardim Imperador, durante gestão Municipal no período de 1989/1993, para receber famílias que habitavam na Favela Heliópolis-SP.

A segunda imagem mostra a chegada de melhorias ao lugar com a construção de Centro Educacional e Esportivo-CEU, também pela Prefeitura do Município de São Paulo, 2008.

O MOVIMENTO DE CIRCULAÇÃO EM AMBIENTE DE FAVELA

Nos vários ambientes de favela, além do movimento de vai e vem das pessoas, dos veículos em espaço apertado pelas moradias e ruas estreitas, podem-se observar movimentos em oculto. Há movimentos ocultados pela ilegalidade, onde as pessoas exercem certas atividades, quer por tráfico de drogas, comércio de algumas mercadorias com procedência duvidosa e ações pessoais onde os indivíduos circulam a procura do que fazer, pois muitos não têm emprego, não freqüentam as escolas ou mesmo não se envolvem na prática de atividades oferecidas pelas instituições existentes no ambiente de favela, quer sejam as Associações, as ONGs - Organizações Não-Governamentais, os Centros Educacionais conveniados com Prefeitura e Instituições Particulares.

Em visitas realizadas nos diversos ambientes de favela, a exemplo de Favela Heliópolis, Favela Paraisópolis, Favela do Jardim Iporanga, no período de 2006/2008, permitiram também observar aglomeração de pessoas nas esquinas, prática comum nas ruas estreitas e mal formadas e às vezes sem pavimentação, sem iluminação, onde a ausência de recursos e conforto domiciliares propiciam a reunião nas ruas.

Outros dados, que chamam atenção dentro do ambiente de favela, além da circulação das pessoas nas ruas estreitas, congestionadas pelo estacionamento irregular de veículos, montagem de barracas desenvolvendo o trabalho informal e a ansiedade na defesa do espaço físico. O movimento de circulação de pessoas neste ambiente, muitas vezes fica prejudicado pela própria depreciação do mesmo. As ruas estreitas, a construção em forma de vielas, o atravessarem o riacho pela ponte de construção rudimentar, o transitar pela rua disputando espaço com os carros, tudo pode causar medo e pavor às pessoas.

Nas esquinas podem-se discutir tanto as questões de venda de drogas, quanto às melhorias para a favela; o transporte, o saneamento, energia elétrica, a instalação de

posto de saúde, escolas, estabelecimentos comerciais, se o ambiente é calmo ou violento. Em relação à violência urbana que é forma antiga de ação e movimento e reflete no ambiente de favela com bastante intensidade, a fome, a miséria, a desigualdade, a prepotência, a ausência de direitos básicos, impunidade, não o são (cf. MARICATO, 2001).

É necessária a repetição destas formas de violência, pois elas são evidentes e repetitivas em diversos ambientes, quanto mais em ambiente de favela. Tudo pode resultar na angústia e tristeza aparentes no rosto dos indivíduos, provocando comportamentos que demandariam até acompanhamento médico psiquiátrico. Muitas vezes não são feitos, não só pela falta de recursos, mas pela própria ausência de conhecimento da família.

Em muitas famílias, há casos de gravidez precoce, onde a jovem fica com medo de contar aos pais, acaba optando pelos entraves existentes numa dinâmica social, aderindo até ao aborto.

Damaris, enfermeira chefe da Unidade Básica de Saúde do Sacomã, diz que:

> "No caso de gravidez, existem os primeiros atendimentos e acompanhamentos adequados, basta procurarem. Quando se refere à psiquiatria os primeiros atendimentos são feitos, porém a seqüência de tratamento fica prejudicada, pois a Prefeitura não mantém clínica na área, que seria um serviço de saúde mental" (Entrevista feita em 2006).

Quando há referência em movimento social, destaca-se o mercado imobiliário. A procura em melhorar a habitação, em comprar, em vender, e o momento de ocupar até o apartamento num conjunto habitacional dos vários projetos desenvolvidos na favela pelos órgãos públicos, é também destaque.

Encontram-se então as práticas distorcivas que aparecem na própria favela, nos organismos governamentais ou nos conjuntos habitacionais.

Isto se dá quando a família consegue apartamento num conjunto habitacional, surge o desinteresse pela referida moradia, pois há a responsabilidade de arcar com os compromissos de se pagar a mensalidade, o condomínio, a conta de água, da luz, do gás, do telefone. São tantos compromissos sociais que o mutuário acaba desistindo e ao conseguir transferir o imóvel a outro interessado, volta para a favela, inchando novos ambientes de favela. Haja vista, as obrigações de terem emprego fixo, salário

regular e considerar que na qualidade de favelado, não havia o compromisso de pagar aluguel e outros emolumentos, implicou nesta decisão, na decisão de passar a casa.

Considera-se também que mudar-se para um conjunto habitacional implicou na introdução de despesas quando os mutuários ou condôminos passam a ter diminuído a renda mensal em razão de terem que cumprir as obrigações de pagamento dos mesmos. Desta forma aumentam a prática das distorções aos sistemas de habitação e muitos mutuários acabam voltando para os antigos barracos. A prática distorciva também se concentra na favela ficando caracterizada a prática da ilegalidade, porque ignoram deliberadamente as leis em vigor (VALLADARES, Lícia, Passa-se uma Casa, Zahar, RJ, 1978).

Por ocasião do desenvolvimento de programa de reurbanização em ambiente de favela, os políticos não perdem a oportunidade de se fazerem presentes, pois o mesmo é um importante reduto eleitoral.

Desta forma, com a má distribuição da renda e também de alimentos, acaba levando o indivíduo a uma ideologia inadequada e aceitação ou não dos mecanismos impostos pela população local e pelo poder público, caracterizando também uma prática distorciva.

Considerando que não são todas as pessoas que tem acesso aos recursos e também aos serviços e as condições sociais que são precárias, e não havendo uma consciência coletiva, não conseguem atingir os bens públicos e se tornam alvos de pessoas com certa ousadia e esperteza. Fica então caracterizada a questão da segregação, pobreza e desigualdades sociais (ALMEIDA, D'ANDRÉIA, 2005).

Assim sendo, no momento em que o morador da favela vai para o conjunto habitacional dos diferentes projetos existentes e não consegue cumprir as obrigações e compromissos existentes e também a mudança de conduta ele se vê num movimento circulatório e acaba voltando para a favela, que pode não ser a de origem, mas as favelas existentes no interior da Cidade.

A CORRIDA PARA A CONQUISTA DE UMA MORADIA

Para vencer o déficit habitacional o poder público vem desenvolvendo vários projetos que vão atender grande parte da população favelada. O déficit habitacional não é calculado somente a partir de domicílios precários encontrados em ambiente de favela, mas também aos ambientes encortiçados, domicílios alugados caracterizados por moradores não proprietários.

No ambiente de favela emerge o serviço de reurbanização desenvolvidos pelo poder público, em favelas, como, Heliópolis, Paraisópolis, Jardim Iporanga em Guarapiranga e outros aglomerados populacionais menores, com a implantação de projetos habitacionais.

O trabalho de reurbanização é feito através dos equipamentos de infra-estrutura urbana da Cidade, gerenciado pelo Estado, Prefeitura e Subprefeitura.

Um bom exemplo é a Favela do Jardim Iporanga, junto à Represa de Guarapiranga, com o trabalho de reurbanização em área de manancial, onde se construiu alojamento para remover as famílias instaladas no local em seus barracos. Construíram-se unidades habitacionais, por empresa contratada pela administração pública e estando prontas são entregues às famílias inscritas no Projeto e que permanecem no local.

Unidades habitacionais construídas em bloco cimento, germinadas, de dois andares, com dois dormitórios e demais dependências.

As famílias que não quiseram permanecer no local e aguardar no alojamento optaram por receber a quantia de 5 mil reais para poderem ocupar outro lugar de interesse.

Outro bom exemplo é o Projeto Mutirão, chamado Conjunto Habitacional Por do Sol, desenvolvido pela administração municipal para atender população instalada no local. Está localizado no Bairro de Taipas no entorno das Avenidas Raymundo Pereira de Magalhães e Elísio Teixeira Leite. Este conjunto habitacional apresenta

construção em bloco cimento, habitações em sobrados germinados em terreno de 4,5m X 12,0,m.

Embora, tenha sido construção em processo de mutirão, recebeu assessoria arquitetônica e edificadas em terreno cedido pela Prefeitura do Município de São Paulo.

Urbanizou-se o espaço e foi dado um aspecto de organização e beleza ao lugar, montando toda infra-estrutura básica. Com o desenvolvimento de tal programa habitacional, emite a idéia, não de reurbanização, mas de requalificação do espaço urbano.

Dona Inês, presidente da Associação Residencial Conjunto Por do Sol, disse que:

> "As habitações foram construídas com o suor dos moradores, depois de uma luta junto ao poder público de toda a comunidade de mutirante" (Entrevista realizada em 2006).

Vamos encontrar mais um bom exemplo de Projeto Mutirão, na Avenida Celso Garcia, altura do n° 868, Bairro do Brás em São Paulo. Nesse endereço é conhecido como Casarão da Celso Garcia. A obra durou cerca de dez anos para ser concluída, foram os moradores quem colocou a mão na massa, principalmente as mulheres.

Dona Maria Cândida, trabalhadora incansável, moradora no Bloco 2 e que veio há tempos do Rio Grande do Norte, nos falou que:

> "Os prédios são construídos em quatro pavimentos com estrutura concreto de bloco cimento, repartidos em apartamentos de 39m². Foi conservado no centro do terreno um imóvel tipo palacete com características de imóvel sem futuro, tombado pelo Patrimônio Histórico Municipal. Ele deixa de ser útil e acaba perdendo sua função, por ser irrecuperável e em vias de deterioração. Esta conquista foi através da União dos Moradores a partir de uma atitude de invasão do local e depois com a intervenção da Prefeitura durante período de gestão municipal de 1989/1993, oferecendo os recursos materiais necessários para procederem no término da construção dos imóveis que já haviam iniciado na gestão anterior" (Entrevista realizada em 2006).

Ainda com relação a projeto mutirão outra amostra foi na Favela do Jardim São Savério, também com construção e sobrados germinados com estrutura em bloco cerâmico. Projeto desenvolvido em gestão municipal no período de 1989/1993.

Imagens retratam a implantação de Projetos Habitacionais desenvolvidos pela Companhia de Desenvolvimento Habitacional Urbano de São Paulo-CDHU, Secretaria de Habitação do Município de São Paulo-SEHAB, respectivamente Conjunto Mutinga, Conjunto Eduardo Gomes e Projeto Mutirão - Por do Sol, em Taipas, SP., 2006.

Imagens mostram implantação e desenvolvimento de Projeto Mutirão, pela Prefeitura do Município de São Paulo, em gestão municipal, no período de 1989/1993, com a construção de edifício em bloco cimento com quatro andares, conhecido como Casarão da Celso Garcia, na Avenida Celso Garcia, Bairro do Brás, SP., 2006.

Continuando no bairro do Brás, dois outros importantes projetos de interesse social foram desenvolvidos. Um na Rua Celso Garcia, onde se aplicou o PAR – Programa de Arrendamento Residencial, onde foi feita a reciclagem e reforma do imóvel vago, que pertencia ao Banco do Estado de São Paulo – BANESPA, atual Santander, onde conseguem promover a valorização do mesmo. Com a interferência da Prefeitura e envolvimento da Associação de Moradores, acabam comprando o edifício. Contrata empreiteira para restauração do mesmo e entregam à Caixa Econômica Federal para administrar os financiamentos. Com a restauração permitiu-se abrigar as famílias em apartamentos de 29m².

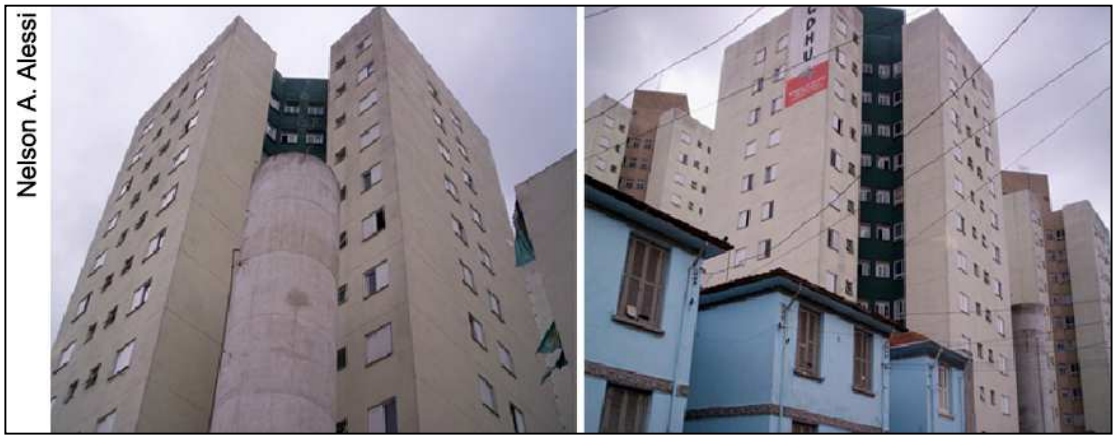
Dona Teonila e Dona Ana, moradoras no local, nos disseram que:

> "O financiamento é de 15 anos com prestação aproximada de R$ 175,00 com condomínio de R$ 115,00. O prédio é de quatro andares com estrutura concreto" (Entrevista realizada em 2006).

Outro importante Projeto do Sistema PAR – Programa de Arrendamento Residencial foi também o antigo hotel, localizado entre as Ruas Monsenhor Andrade e Sampaio Moreira, no Bairro do Brás. Depois de reciclagem e feito a reforma, foi entregue às famílias que estavam inscritas para o local.

Destacam-se também outros condomínios em edifícios com 12 andares, construídos pelo CDHU – Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo, localizado na Rua Sampaio Moreira, no Bairro do Brás. Condomínios construídos para atender famílias com renda superior às exigidas nos programas habitacionais citados anteriormente.

Outros empreendimentos realizados pelo CDHU–Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo e COHAB – Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo, são respectivamente, o Conjunto Habitacional Mutinga e o Conjunto Eduardo Gomes. Ambos localizados no Bairro de Taipas. Também construídos para atender população com melhor poder aquisitivo apresentando aparência diferenciada ao padrão de habitações populares, com pintura destacada e boa conservação e aspecto simples, todavia atendendo a expectativa do condômino.



Imagens mostram edifícios construídos para atender famílias com melhor situação financeira, desenvolvendo programa residencial pela Companhia de Desenvolvimento Habitacional Urbano de São Paulo-CDHU, no Bairro do Brás, SP., 2006.

Esta seqüência de imagens mostra edifício de quatro andares recuperado por empreiteira contratada pela Prefeitura do Município de São Paulo com a aplicação de Programa de Arrendamento Residencial-PAR, em gestão Municipal no período de 1989/1993. Edifício pertencia ao antigo Banco Banespa, atual Santander. Com a reintegração de posse foi entregue para administração da Caixa Econômica Federal; sendo recuperado e reestruturado em forma de apartamentos com 29m², repassado para as famílias inscritas para o local, através da Associação dos Moradores. Avenida Celso Garcia, Bairro do Brás, SP., 2006.

Imagem mostra edifício, antigo hotel abandonado; recuperado em forma de apartamentos e entregue às famílias inscritas para o local. Desenvolvido através do Programa de Arrendamento Residencial-PAR, pela Prefeitura do Município de São Paulo, em gestão Municipal, no período de 1989/1993, na Rua Monsenhor Andrade com Rua Sampaio Moreira, no Bairro do Brás, 2006.

A EXPANSÃO DO AMBIENTE DE FAVELA

A expansão se dá a partir do inchaço do espaço principal da favela. Pode-se verificar essa ocorrência na Favela Heliópolis – SP. A densidade demográfica é tão acentuada que não há lugar para mais ninguém. As alternativas são encontradas, ou com a ocupação das lajes, pois a favela começa a crescer para cima, ou com a construção de barracos sobre as calçadas ao meio fio, ou ocupação dos corredores entre os prédios existentes no local. Com a ocupação das lajes, vê-se o perigo eminente, pois a estrutura aplicada não oferece garantias de segurança, colocando as famílias que ocupam o espaço em situação de risco.

Situações de risco vão ser encontradas nas áreas de mananciais, não só as famílias que passam a ocupar o espaço, mas também o meio ambiente que sofrerá desgaste, depredação, desmatamento e poluição das águas, através do esgoto e detritos gerados pelas pessoas ocupantes das moradias populares, portanto as famílias adensadas no lugar.

Para compreendermos e localizarmos uma área de manancial ocupada pela população e que promoveu a expansão do ambiente de favela, toma-se o exemplo da Bacia de Guarapiranga no texto a seguir:

> Do ponto de vista geológico e geomorfológico, a Bacia de Guarapiranga é marcada pela transição entre a Bacia Sedimentar de São Paulo e os terrenos do Cristalino que a circundam. O antigo vale do Rio Guarapiranga, hoje inundado pelo reservatório, constitui uma continuação do Rio Pinheiros, como área de transição entre a Bacia Sedimentar, a leste, e o Cristalino, a oeste – correspondendo, grosso modo, respectivamente, à margem direita e a margem esquerda do reservatório. (Recuperação Urbana e Ambiental no Município de São Paulo – PMSP-SEHAB, p.77, Aspecto do Meio Físico, Geologia e Geotecnia – IPT – Instituto de Pesquisas Tecnológicas da Universidade de São Paulo – USP).

Quanto à construção de barracos sobre as calçadas, ao meio fio, apresenta também situação de inchaço e enfeiamento do lugar com características de precariedade, também colocam as pessoas em risco, pois, além dos que ocupam o lugar, os transeuntes correm riscos, quando passam a transitar pela rua, disputando

espaço com os veículos em circulação. E os que constroem os barracos contribuem para proporcionar e facilitar à situação de risco, como, a umidade provocando doenças pulmonares e respiratórias, promovendo também ambiente propício e facilitador para outras doenças, como a proliferação da dengue e a presença de insetos e roedores.

Antonio, morador da Favela Heliópolis, que possui pequeno comércio no local, disse que:

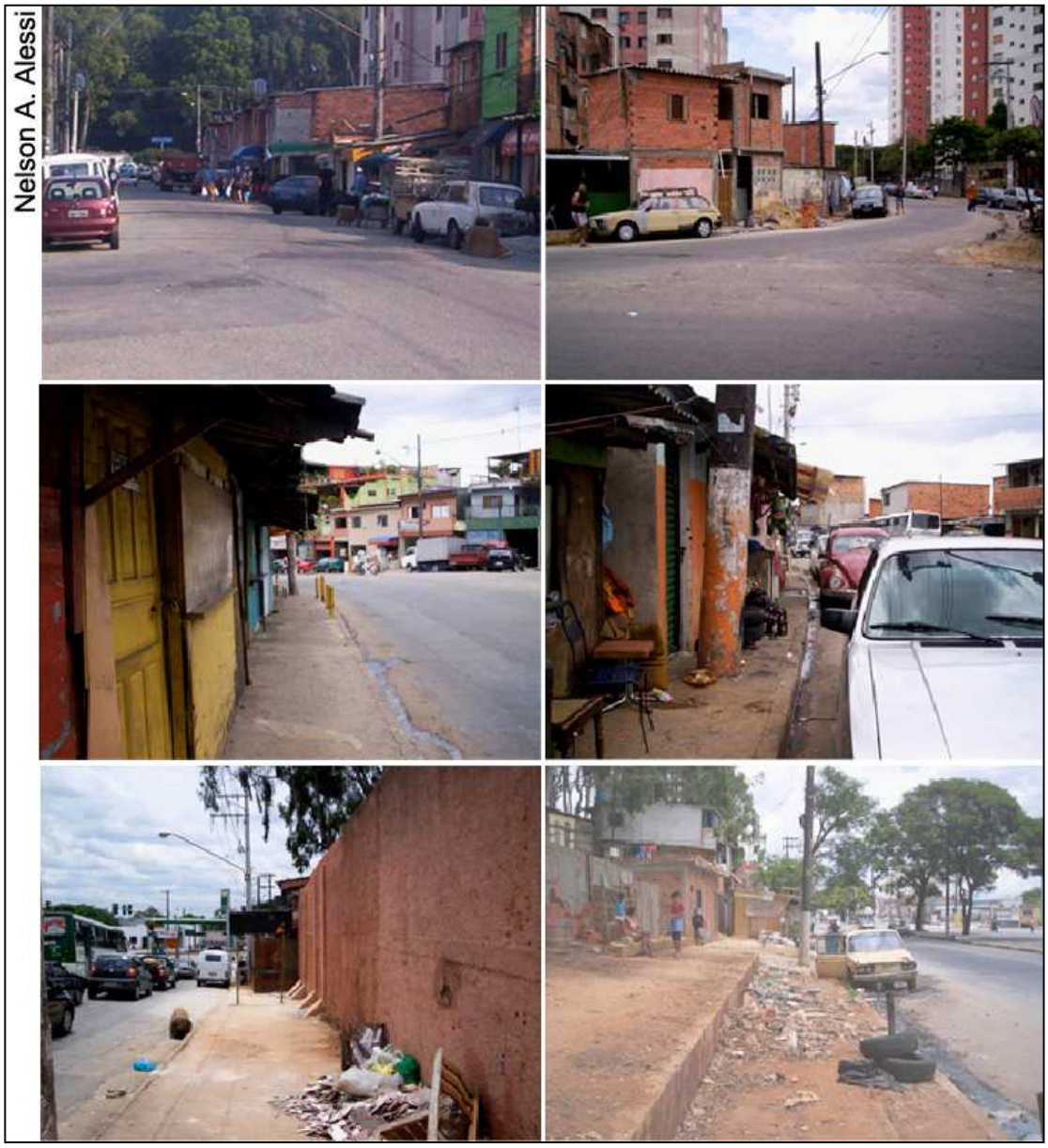
> "As moradias não estão sendo construídas no espaço interno da favela, por não haver lugar. Chegam novas famílias e para atendê-las os chefes acaba construindo sobre a calçada, no meio fio. O poder público ignora a instalação das novas famílias e deram até ordem de despejo do local" (Entrevista realizada em 2007).

Para um melhor esclarecimento à ocupação de forma clandestina é possível destacar o Parecer Jurídico da Professora Doutora Helita Barreira Custódio (Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo-USP) em seu trabalho *"Desafetação e concessão de bens de uso comum do povo-invadidos e transformados em favelas-Incompatibilidade jurídico urbanístico ambiental"*.

> A injuridicidade de troca do legítimo termo 'invasão' por 'ocupação' é gritante. Trata-se de termos de significado distinto e inconfundível. Juridicamente falando, enquanto a '*ocupação*' constitui meio de aquisição pacífica da propriedade móvel (CC, Arts. 592, 593) ou meio de aquisição pacífica de posse da propriedade imóvel nos rigorosos termos do Código Civil (Arts. 493 a 498, 530 a 552), a '*invasão*', do latim '*Invadere*' (invadir, assaltar, tomar-se de repente, roubar) constitui meio de aquisição violenta da propriedade imóvel, definida como crime de esbulho possessório nos termos do Código Penal (art. 161, §1°, II). Consequentemente, enquanto a '*ocupação*' como posse mansa e pacífica, se condiciona às exigências dos atos jurídicos previstos nos Arts. 81 a 85 do Código Civil, a "invasão", como ato violento ou clandestino de usurpação da propriedade alheia, é considerada crime de ação pública (Lei 5741, de 1.12.1971), reprimido pelas sanções do Código Penal (art.161). O termo '*invasão*', com a mesma acepção criminal das puras fontes latinas, foi consagrado pelo Código Penal para definir, de forma inconfundível com a ocupação mansa e pacífica de imóvel, o crime de esbulho possessório (CP, Art. 151, §1°, II).
>
> Pelos sólidos princípios científicos, não resta dúvida de que a política urbana, consagrada pela constituição, de natureza repressiva e preventiva, além de não admitir usos contrários à sua finalidade (como invasão e favelamentos), visa a erradicar favelas

> ou qualquer uso irracional do solo e não urbanizar favelas. Por força das expressas disposições legais, o paternalismo das injurídicas justificativas, além de configurar o incitamento e a cumplicidade da administração municipal com o crime do esbulho possessório (CP, Art. 161, §1°. II), estimula a promoção de novas invasões com o recrudescente favelamento e dá tratamento discriminatório contra os legítimos proprietários, o que viola tanto as normas urbanísticas do Art. 182, como as normas expropriatórias dos Arts. 5º, XXIV, 182, §§3º, 4º, III da CF. (cf. CUSTÓDIO, Revista de Direito Civil, Imobiliário, Agrário e Empresarial, Doutrina-Direito Imobiliário, p. 64 a 69, SP., 1990).

A urbanização de favelas difere de outras obras por se tratar de um enorme canteiro de obras, onde moram diversas famílias cujos acessos são mínimos e precários. Em muitos casos, os equipamentos e máquinas utilizados para execução de serviços na Cidade legal não podem ser empregados na obra. Por esse motivo, nem sempre são adotadas as soluções menos onerosas, e sim, as mais adequadas a padrões razoáveis de urbanidade, aliando as normas à realidade. São priorizadas as áreas de risco geotécnico e os acessos a elas. A equipe social realiza a atualização dos cadastros dos imóveis daquela frente de obra e se inicia a remoção das famílias. Outra frente preferencial é a construção de unidades habitacionais que deverão abrigar as famílias removidas, para que possa ser minimizado o custo com aluguel temporário e alojamentos provisórios. O desenvolvimento dos projetos e das obras é acompanhado pelas comunidades mediante conselhos gestores, que devem aprovar e acompanhar a implementação do plano de urbanização. Esses conselhos são compostos de forma paritária por representantes do poder público e da sociedade civil (Urbanização de Favelas-A experiência de São Paulo, p.27, PMSP-SEHAB, 2008).



Seqüência de imagens retratam como a Favela Heliópolis-SP se expande com a construção de habitações sobre as calçadas de forma desorganizada e irregular, caracterizando a pobreza e tornando o lugar de aparência depreciável; pois não havendo espaço a população do local passa a construir em forma de sobrado, 2007.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento deste tema "*Formam-se favelas e ganham importância no cenário urbano São Paulo: Heliópolis e Paraisópolis*" trouxe uma amostragem de duas grandes favelas dentro do Município de São Paulo.

Uma amostra, dado a sua importância, em virtude do volume populacional, sua extensão e localização, é a Favela Heliópolis-SP, onde se pode ver uma densidade demográfica bastante acentuada.

Numa extensão de quase um milhão e duzentos mil metros quadrados estão instaladas atualmente (2008), cerca de 120 mil habitantes. Em razão de sua grandeza, é tida como a maior favela existente no Município de São Paulo.

Outra importante amostra, dado a sua grandeza, haja vista, sua extensão, volume populacional e localização, é a Favela Paraisópolis-SP. Pode-se ver também uma densidade demográfica bastante acentuada com uma população de cerca de 84 mil habitantes, numa extensão de 1 milhão de metros quadrados - ANEXO IV.

É considerada a segunda maior favela existente no Município de São Paulo. Além destas duas grandes favelas, aparecem as de menor porte, todavia não fugindo às características das de maior porte, dentro do aspecto funcional, construções das moradias populares, disposição no espaço ocupado.

Os cortiços, também apresentam características de precariedade semelhantes às favelas, muito embora com construções diferenciadas das favelas, com fisionomia em caráter de depreciação e muitas vezes em deterioração, formalizado pelo abandono de seu proprietário sem o mínimo gesto de conservação.

Neste caso, tem a função única de produzir renda através dos aluguéis pagos pelas famílias que ocupam seus compartimentos.

A pesquisa de campo realizada em várias amostras de favelas e cortiços trouxe uma visualização ampliada das características das mesmas, considerando não só a problemática, mas também as soluções decorrentes da aplicação de Projetos executados pelos poderes público Municipal e Estadual.

E ao percorrermos o mundo, através da obra "*Planeta Favela*", vamos presenciar situações caracterizadas pela pobreza, miséria, ausência de recursos básicos existentes nos vários países deste Planeta Terra.

Consequentemente encontramos as diferentes favelas denominadas, nos seus vários lugares e línguas do mundo, cada qual na sua forma. Em língua francesa, diz-se "*Bidonvilles*" (Cidade de Lata), em espanhol aparecem os termos "*Ranchitos, Barriadas e Poblaciones*". Já na língua inglesa diz-se, "*Slums ou Bustees*". Em alguns países da América de língua espanhola vamos encontrar também as *Ciudad Miséria* (cf. DAVIS, 2006).

Ao fazermos um paralelo entre as Favelas existentes nos diversos países, vamos verificar que os distanciamentos entre o rico e o pobre, a miséria e a abundância, não podem ser medidos por uma trena do mais aplicado artesão.

Com relação às favelas destacamos vários trabalhos de reurbanização e a respeito de cortiços uma amostra de reconstrução. A reurbanização ocorre em vários ambientes de favela, como exemplo foi a Favela Heliópolis-SP, que recebeu a partir de 1986 as melhorias de infra-estrutura, tais como, arruamento com guias, calçadas e calçamento das ruas, cabeamento com postes para energia elétrica, encanamento para o saneamento básico, cabos para telefone e por último a iluminação com lâmpadas nos postes, do espaço público. Trouxe com isso a implantação do comércio informal e a instalação dos serviços de saúde, segurança e educação em seu entorno. Já na Favela Paraisópolis-SP o prefeito em gestão Municipal no período corrente de 2008, autoriza a realização de trabalho de reurbanização, considerando a existência de melhorias no local. São exemplos de comércio informal, escolas, linhas de ônibus, postos de saúde, igrejas e os benefícios de infra-estrutura básica.

Quanto a cortiço destaca-se importante amostra na Rua João Teodoro, no Bairro Pari-SP, onde encontramos a precariedade, também a deterioração do imóvel, cuja aparência é de ausência total de manutenção. Imóvel repartido em cômodos abrigando as famílias, com dependência sanitária de uso comum, tanto banheiro, quanto tanque para lavagem de roupas e utensílios de cozinha. Vamos tomar como exemplos também, os edifícios que aparecem no centro da Cidade de São Paulo, como na Avenida Rio Branco, na Rua Santa Ifigênia e o mais conhecido, o São Vito, no Parque D. Pedro II, que atualmente (2008) se encontra desocupado e sofre proposta de implosão por parte do Poder Público.

Cabe salientar que aqui fazemos menção a favelas e cortiços, todavia é preciso verificar que os dois modelos de ambientes apresentam fisionomia diferenciada, porém aspectos de estruturação assemelhados, quanto à construção dos imóveis de forma amontoada e ausente de manutenção e com relação à ocupação dos mesmos pelas respectivas famílias.

A pesquisa de campo realizada principalmente em ambiente de favela fez com que visualizássemos as diversas soluções aplicadas para a instalação das famílias através de seus respectivos chefes.

A pressa em se instalar no local ocupado, fez com que se construíssem moradias populares de forma a apresentar certa precariedade, dados os materiais empregados na construção. Materiais que muitas vezes eram conseguidos por doação, restos de obras no entorno do terreno ocupado e alguma coisa comprada em depósitos instalados no entorno do espaço ocupado.

Depois de algum tempo, as famílias passam a proceder nas melhorias da habitação, até conseguirem chegar à construção de alvenaria. Neste ínterim, os chefes de famílias, durante entrosamento entre os mesmos, passam a constituírem núcleos e associações de moradores, que posteriormente passam a defender os interesses da população favelada junto às autoridades local e ao poder público constituído.

A população favelada através de seus representantes, quais sejam, núcleos, associações e união de moradores, ao dialogarem com o poder público alcançam a possibilidade de conseguirem a conquista de implantação de projetos habitacionais e moradias de interesse social. Isto se dá através da implantação de Projetos, tais como condomínios, Projeto Mutirão e até construção caracterizada de auto-gestão, com materiais conseguidos em entidades de ajuda mútua através das associações constituídas no local.

Estes vários projetos foram desenvolvidos através do CDHU – Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo, COHAB – Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo e SEHAB – Secretaria de Habitação e Desenvolvimento Urbano de São Paulo.

Nos ambientes de favela destacam-se a participação de ONGs – Organização Não-Governamental, dos Núcleos de Moradores e Associações, que desempenham papel importante nas áreas social, educacional, saúde e assistência jurídica e psicológica.

Na Favela Heliópolis-SP encontramos a participação de importante Instituição junto aos moradores, que é a UNAS – União dos Núcleos, Associações e Sociedades de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco. Em sua atuação busca não só o atendimento ao interesse da população local, mas também seu desenvolvimento humano nas áreas educacional, social, habitacional, saúde, esportiva. Visa diminuir o distanciamento entre os pobres e as pessoas melhores situadas financeiramente.

Na Favela Paraisópolis, encontramos distinção entre suas diferentes regiões, todavia a ação de instituições local vem diminuindo também a distância existente entre os menos favorecidos. Há que se destacar, além de ONGs – Organização Não-Governamental, o trabalho de Instituições particulares, como colégios particulares e empresas, a participação da Igreja Católica e as Igrejas Evangélicas, também os convênios realizados com a Prefeitura, através de Instituições instaladas no local, o trabalho de serviço de voluntariado. O voluntariado é realizado pelo Hospital Albert Einstein, desenvolvendo o atendimento de assistência médica ambulatorial nas áreas de pediatria e ginecologia, assim como, o trabalho com oficinas educacionais.

Desta forma, ocorrências semelhantes são presenciadas em favelas de menor porte, distribuídas pela imensidão de uma Cidade como é São Paulo, Cidade tida como Metrópole Global, a que mais cresce em suas características peculiares. Tão apropriadas quanto muitas cidades do mundo.

ANEXO-ENTREVISTAS REALIZADAS

1. Entrevista realizada em fevereiro de 2006, com Carla e Marisa que fazem parte da Assessoria de Imprensa da subprefeitura do Bairro do Ipiranga. “Nós temos algumas fotos que foram tiradas pelo nosso fotógrafo, dos conjuntos habitacionais que estão sendo construídos para atender as famílias e algumas fotos aéreas também. Estas fotos aéreas vai dar pra ver como está a situação de hoje em Heliópolis. Muita coisa ta sendo feita pela Prefeitura.. Além dos prédios está sendo feita a canalização dos córregos. Ah!... com as chuvas houve até um acidente, acontece muita coisa. Eu vou fazer assim. Vou salvar num CD e você leva. Espero que possa contribuir para o desenvolvimento do seu trabalho”.

2. Entrevista realizada em fevereiro de 2006, com a Terezinha que era moradora do entorno da Favela Heliópolis. “Muitas vezes a gente ia lá na mina buscar água, as vezes para beber também. A gente ia buscar água de garrafão, que era de vinho. É... lavava bem o garrafão e usava para buscar água, porque ele tinha uma palha com alça e ficava fácil de carregar. Naquela época a agente até brincava de pega-pega no meio da mamona. É... havia muitos pés. Tinha também muitos morrinhos que eram cupins. Nesses cupins a gente encontrava até cobra e sem saber o que fazer a gente matava. Tinha uma mina na Estrada das Lágrimas e a outra era lá perto onde tinha a represa”.

3. Entrevista realizada em março de 2006, com o Gilberto, também morador do entorno da Favela Heliópolis que nos falou: "- Existia campos de futebol; a gente jogava bola, corria também. À noite a gente ia ver, tinha uma turma que soltava balões. Balões gigantescos que puxava uma cangalha. Era uma armação onde colocavam os fogos. Quando o balão estava cheio, era enchido com massarico ligado no gás e quando o balão estava cheio ia subindo, aí acendia um barbante que ia queimando. Chegando a uma determinada altura começava a estourar os fogos. Tinha um certo perigo, mas era muito bonito. Nessa época quando iniciou a invasão do lugar, eu cheguei à noite e avistei muitas luzes no meio da mata. Era impressionante mesmo. No outro dia mais luzes, até que invadiram tudo. Isto iniciou de 1983 para 1985. Foi quando começaram fazer as marcações dos terrenos, dos lotes e os campos que tinham suas divisões. Com todas essas partes já divididas, chegavam caminhões de materiais e as pessoas descarregavam os caminhões e já começavam a fazer a sua casa nos lotes que ele tinha escolhido. Eu saia de manhã pra trabalhar, pegava o ônibus aqui na Estrada das Lágrimas e eu ficava ali no ponto olhando aquele movimento de manhã. 5:00 horas da manhã, 6:00 horas da manhã. O movimento daquele pessoal. Descarregava caminhão, faz buraco, e construindo casas. Quando eu voltava à tarde, aquele terreno que estava descarregando material de manhã, à tarde já estava pronta a casa. E foi muito rápido. Foi coisa assim um mês tava tudo ocupado. Vielas, ruas estreitas. Vinha gente de todas as partes de São Paulo. A gente as vezes andava lá dentro pra ver o movimento e tudo e ainda tinha alguns terrenos para marcar, fazer as marcações. E aí, a gente sabia que tinha gente de todos os lugares. Até de Guarulhos, Osasco, tinha outros de Santo André, Diadema tinha bastante gente. Era de muitos lugares. E quando por conta a gente foi ver, tava tudo ocupado. Os terrenos, as áreas que tinha os campos, já estava tudo ocupado. E hoje, a gente passa, vê, é uma cidade. Evoluiu, tem escolas, tem firmas, indústrias. E é uma cidade grande, conhecida de muitas pessoas. E nessas época, nós, inclusive eu, meu cunhado, nós fomos tentar pegar um terreno lá. Inclusive tinha um que falaram que tinha desistido. Nós escolhemos aquele. Só que esse terreno, quando começou essas invasões assim, tinha umas

pessoas que pegavam três, quatro, cinco terrenos, marcavam e vendia pra outros. Outros que não conseguia marcar alguns terrenos. E nós escolhemos um terreno lá, e quando chegou essa pessoa, falando que o terreno era dele. Inclusive ele tinha quatro terreno. E essa pessoa chegou pra nós e falou que a gente não podia marcar aquele terreno, pra gente porque era dele e já tinha marcado pra ele vender pra outras pessoas. Que não tinha, conseguido marcar algum terreno, então comprava daquela pessoa. E tinha várias pessoas fazendo esse tipo de coisa. Ganhando dinheiro com terreno que ele adquiriu, tomou posse e marcava ali o lote e vendia pra outro. Além das pessoas daqui de São Paulo, mesmo, tinha outras que vinha do Norte. Todo lugar do Norte, Nordeste. De Bahia, de todos os lugares. E quem morava de aluguel e como achou condições de marcar um terreno desses e tomar posse então, eles saíram do aluguel pra montar o seu barraco, a sua casa, nessa área que hoje é esse grande Heliópolis.

4. Entrevista realizada em abril de 2006, com Antonio, morador no entorno da Favela Heliópolis. Nos disse que: "- Moro aqui há muito tempo. Quando vim morar aqui só tinha mato. Aí comprei um terreno e comecei a construir minha casa. Aqui em Heliópolis só tinha mato, a gente nem pensava em favela. As pessoas comentavam que iam construir tanta coisa, até aeroporto, e nada aconteceu. Só construíram o Hospital. Mas tinha muitos campos de futebol, uma pista de pouso de balões dirigíveis e até cadeira voadora. Tinha também uma pista de carro que o pessoal chamava de Baja e Gaiola. Muita gente iam aos campos, todos os campos tinha jogo e iam ver corridas, era muito movimento de gente. Lá nos balões e na cadeira voadora não ia muita gente. Era mais o povo da elite, do dinheiro. Eu lembro também que uma pessoas criavam cavalos. O nome era Haras Patente. A Prefeitura também tinha cavalos, eles usavam para puxar as carroças pra recolher o lixo das casas". Quando vim morar aqui, na entrada da Via Anchieta, tinha um 'arco', cobrava pedágio pra passar na Via Anchieta. E inclusive quem fez a Via Anchieta foi o Ademar de Barros. Dava acesso a Heliópolis e a Estrada das Lágrimas. Tinha

o Morro do Penteado. Umas mansões. Casarões, e era só gente rica que morava ali. Então, tinha o bonde que saia da Silva Bueno e subia até lá. Aonde tem a escolinha. Ali era um balão. Fazia o balão lá e voltava pra João Mendes. Fazia o mesmo itinerário do bonde Fábrica. Só que o Fábrica vinha pro Sacomã e o bonde Heliópolis subia o morro, era o bonde de quatro rodas, elétrico. E depois, a Prefeitura mandou construir o hospital; aí começaram desmanchar os casarões, aí fizeram à pista dos bajas. Aí veio o povo, invadiu o terreno, tomou conta. Inclusive na Estrada das Lágrimas tinha uma bica, que a turma ia pegar água lá e depois que começaram a construir, acabou a mina. E na Estrada das Lágrimas tinha uma capela, que era uma igrejinha pequena. Trouxeram um padre e o padre começou a construir a igreja maior e hoje é paróquia. Essa igreja é a católica Santa Edwiges. Antigamente eles falavam que era a Santa Cruz, porque mataram, não sei se foi dois ou três tropeiros. Porque na Estrada das Lágrimas passavam as tropas de animais. Né. Então fizeram a Santa Cruz. Depois da Santa Cruz, saiu a capelinha e agora a igreja matriz. Antes da invasão tinha chácara de gado, vaca de leite, eles tiravam leite, vendiam. Plantação de milho, horta. Na extensão tinha os campos de futebol. Eram feitos vários campeonatos regionais. Se agrupavam o pessoal da região toda nos finais de semana e faziam os campeonatos. Inclusive tinha um campo que era iluminado. Tinha jogo de noite. E quem iluminou aquele campo foi o Cantídio Sampaio, que era Prefeito. Na época dos campos, a Estrada das Lágrimas era de terra. Onde subia as jardineiras e no tempo chuvoso, vinha do parque D. Pedro pra cá, chegava até justamente onde tinha a capela, e não conseguia mais subir. A Estrada das Lágrimas era de terra, patinava, derrapava, não conseguia mais seguir viagem. Os passageiros desciam da jardineira, tentavam empurrar, calçar as rodas. Mas se era uma chuva muito forte, não tinha jeito. Essa invasão foi de uma noite só. De um dia pro outro, já invadiram tudo. Não deu tempo de ninguém falar nada. Mas nem a Prefeitura não tomou conhecimento. Não teve controle.

5. Entrevista realizada em março de 2007, com o Ailton, morador do entorno da Favela Heliópolis, também nos falou dos campos de futebol. “- Olha vou falar pra você de alguns times, não sei se vou lembrar de todos. O negócio era tão forte que o Jornal Diário Popular organizou o campeonato de Várzea no lugar. Foi o primeiro em São Paulo e o campeão foi o Flamengo do Moinho Velho. Vou te falar os times que existia naquela época, não sei se vou lembrar, mas vamos lá. Flamengo do Moinho Velho, que foi campeão, Portuguesinha do Sacomã, Copa Rio, Guarani, Flor de São João Clímaco, Belinense, Bangu, São Vicente de Paula, Estrela do Moinho Velho, Confederação, Floresta, União Mútua, Ipiranguinha, Cruzeiro. Acho que são só esses. Esse campeonato foi realizado em 1962. Tinha tanta gente que a freqüência nos campos era de impressionar. Cada time recebia sua platéia, sua torcida e os jogos eram feitos à noite. Tinha time que não tinha tanta gente. Agora com a invasão do lugar, isso tudo foi acabando. As famílias foram tomando conta do lugar. Tinha cerca de 54 campos. Os jogos eram feitos todos os domingos. Agora para fazer os jogos à noite foi feito uma iluminação num campo. Mas pra defender os campos do Flamengo e da Portuguesa, nós fizemos uma mureta pra colocar um alambrado de proteção. Esse negócio não aconteceu por falta de verba, e depois a Prefeitura desapropriou o campo do Flamengo para a construção de uma creche e ao lado uma escola para o ensino fundamental. No fim desaparecem todos os campos e os times também. Lembro-me que logo atrás do campo havia uma rua e um dos moradores do local montou um boteco, onde tomávamos uma pinguinha. Ele colocou uma placa como sendo o nome da rua de Rua do Flamengo,. Esse nome permanece até hoje.

6. Entrevista realizada em julho de 2007, com o Sr. João Miranda, atual presidente da UNAS – União de Núcleos, Associações e Sociedades de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco, nos disse: "- Nós estamos aqui em Favela Heliópolis, trabalhando com esta comunidade há vinte anos, para atingir nosso objetivo. É inserir a comunidade dentro do contexto urbano e social. Nós temos os movimentos sociais, que incluem a conquista da cidadania, escolas públicas de qualidade, estamos junto com o Professor Brás, do Campos Sales; os jovens precisam ter acesso às informações, lazer, esporte e saúde. As famílias precisam de casa também. No momento são esses projetos, algumas ações, na área de habitação, educação, cultura, esporte, saúde, assistência social, comunicação social, tem a Rádio Comunitária, as salas de informática. Estamos realizando a Passeata da Paz. Dos vários projetos que estamos realizando nós contamos com a presença de várias autoridades, alguns políticos, como você pode ver na nossa revista. Fale com a nossa secretária que ela vai te arrumar".

7. Entrevista realizada em julho de 2007, com a Dona Genésia Ferreira da Silva, que é diretora da casa de atendimento social da UNAS – União de Núcleos, Associações e Sociedades de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco, falou que: "- A casa atende cerca de 140 crianças com refeições, atividades sócio-educativa, atendimento também às creches, vagas de emprego, encaminhamento para os programas das universidades. Nós temos muitos projetos sociais, que você vai encontrar na nossa revista. Sabe, quando a Professora Maria Ruth, da FAU, esteve aqui, eu pude acompanhar também. Na época foi feito a construção de duas casas que foi um curso dado pelos arquitetos da FAU. As casas foram entregue às famílias que moravam nelas. Foi escolhido pela necessidade mesmo".

8. Entrevista realizada em junho de 2007, com Paulo, que na época morava no entorno da Favela Nova República, que nos disse: "- Na verdade a Favela Nova República é uma área de risco. Porque fica numa área de declive. Por isso que aconteceu esse deslizamento. Mas o fato principal que aconteceu esse deslizamento, foi que estavam construindo alguns edifícios de alto padrão lá no alto do morro, olhando daqui de baixo, você vê. Foi feito lá um serviço de terraplanagem e tinha a necessidade de fazer uma proteção em volta e isso não foi feito. Aí começou chover, muitos dias e a terra deslizou e as dezenas de barracos que havia logo abaixo desmoronou, levado pela terra, sendo muitas pessoas soterradas e mortas. Na ocasião, o poder público não tomou muito conhecimento desse serviço de terraplanagem e do risco que existia no local. Com o deslizamento e a ocorrência de várias vítimas que ficaram soterradas, algumas instituições se colocaram à disposição para ajudarem as famílias desamparadas e vitimadas. Até populares se puseram a ajudar, inclusive eu. Foi muito triste.

9. Entrevista realizada em agosto de 2006, com o 2° Sargento Aniceto do 1° Grupamento do Corpo de Bombeiros do Ipiranga, nos disse: "- Há muitos riscos no ambiente de favela, onde os elementos de incêndio podem ser combustíveis sólidos, líquidos e aparelhos energizados onde podemos destacar madeira, gás, vela acesa, panela deixada no fogo, focos de aquecimento em dias de frio, porque acendem fogueira. Tem as ligações mal feitas que causam curto circuitos. Tem também o acumulo de resíduos tóxicos que as pessoas colocam fogo. Existem as ligações clandestinas, que são causadoras de incêndio por serem precárias. Existem causas de incêndio pelo fato da população não ter conhecimento do risco e também a falta de cuidado. Em caso de infiltração de água, acontecem a erosão, o deslizamento, o soterramento. Isto acontece em encostas de morro, beira de riachos, onde há as construções com estrutura fraca, por falta de recursos. Posso citar algumas ocorrências em favelas, como, Mata Porco (Sapopemba), Favela Funerária (Pq. Novo Mundo) e outras.

10. Entrevista realizada em agosto de 2006, com o João, operador técnico de rádio, da defesa civil atuando na Subprefeitura do Ipiranga, revelou que: "- Aqui, eu faço o monitoramento das ocorrências que chegam via rádio a partir da central pelo telefone 199. Ocorrências de toda ordem; desde uma simples denúncia até uma grande catástrofe. Uma simples denúncia, posso lembrar, o contribuinte falando a respeito de uma obra em seu vizinho, que era um edifício, batendo estaca, com o comprometimento das casas vizinhas. Uma grande catástrofe onde a defesa civil participou foi o incêndio no Edifício Joelma. Quando há ocorrência nessas proporções a defesa civil estará presente. A primeira ação no caso de incêndio é acionar o bombeiro, depois o SAMU – Serviço de Atendimento Médico Urbano de São Paulo e logo a CET – Companhia de Engenharia de Tráfego de São Paulo. A importância da defesa civil é de tal monta que é reconhecida internacionalmente. É universal, é reconhecida em todo lugar do mundo. Ela tem a ação de agilizar a atuação de socorro nos casos de emergência.

11. Entrevista realizada em agosto de 2006, com a Arquiteta Sonia, que é da Diretoria de Obras – Setor de aprovação de obras particulares da Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, que nos falou a respeito do Projeto Piloto. "- Foi instituído pela Lei Municipal n°. 4123/2003, que se chamou de Projeto João de Barro, desenvolvido em parceria com a SOMA – Sociedade Beneficente Mário Chekin. Esse projeto visou a erradicação de cortiços e a inclusão social de seus moradores. Acredita-se ser esta parceria, Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul e Sociedade Beneficente Mário Chekin, importante amostra deixada por esta Administração com o objetivo de erradicar os cortiços e promover a inclusão social de seus moradores.

12. Entrevista realizada em setembro de 2006, com a Enfermeira Damaris da Unidade Básica de Saúde – UBS – Sacomã, nos disse: "- No ambiente de favela há muitos problemas de saúde, por falta não só de recursos, mas também de conhecimento e iniciativa própria. As pessoas muitas vezes não procuram ajuda. No caso de psiquiatria o maior problema é a inexistência de atendimento na rede pública municipal, que é o serviço de saúde mental. Outro grande problema de saúde no ambiente de favela é a gravidez, pois falta referência quanto a auto-estima. O envolvimento da pessoa é meramente sexual e ocasional. A mulher perde a referência de ser humano, perde o sentimento e a valorização pessoal. Eu exerço não só o trabalho de enfermeira, mas também o trabalho social, o atendimento social, o questionamento de auto-ajuda, de esclarecimento. Há casos de meninas de 12 anos pedindo para fazer o teste de gravidez, com o propósito de diagnóstico. Há outros casos com meninas de 15, 16, 17 anos. Nestas idades tem a maior procura. Vou lembrar que com relação à gravidez existe acompanhamento, já com relação a psiquiatria não existe acompanhamento rigoroso.

13. Entrevista realizada em outubro de 2007, com Frei George e sua auxiliar Dona Maria Betânia, da casa do Calvário, da Igreja Nossa Senhora do Paraíso na Favela Paraisópolis-SP, que nos disseram: "- Com relação a droga, nós temos um grupo de atendimento a dependentes químicos, onde de um lado, nós do grupo de auto ajuda e do outro os traficantes, do grupo de auto destruição. Este trabalho é desenvolvido há cinco anos junto a comunidade. As pessoas chegam ao local através da divulgação. Por boca a boca e também na igreja. Fazemos o atendimento de alimentos que fica restrito ao local. Chegamos a distribuir cerca de 100 cestas básicas no mês. Aqui na Favela Paraisópolis o lazer fica restrito ao patrocínio de instituições particulares e a existência de ONGs – Organizações Não-Governamentais. Na verdade falta investimento tanto das associações no local quando dos órgãos públicos. Há desinteresse da comunidade, falta espaço físico, todavia as lideranças tem propostas, mas há falta de compromisso. Existem várias ONGs que prestam serviços aqui. Esta

área é particular e ocupada desde 1920, através das chácaras e fazendas. Na verdade começa a inchar a partir de 1970 a 1980. Começa a União dos Moradores da Favela Paraisópolis onde a primeira presidente foi Maria Betânia e atualmente o presidente é o Sr. José Rolim. A população se movimentou para conseguir as melhorias no ambiente da favela, através da União de Moradores. Todos os recursos urbanos públicos foram instalados. Na população existe um conceito de solidariedade muito forte. Em razão da falta de organização do loteamento ficou difícil conseguir documentação de posse. O trabalho comercial é desenvolvido na informalidade, não há compromisso fiscal por não existir a propriedade da terra. Há toda modalidade de serviços. Os bancos ficam no entorno da favela. A primeira igreja a se instalar no local foi a Igreja Católica. Existe escola estadual e também da prefeitura, sendo portanto, três estaduais e três municipais. Há Creches patrocinadas por escolas particulares em convênio com a Prefeitura. Na parte da saúde existe um porto do SUS – Sistema Único de Saúde e um posto do Hospital Albert Einstein. Este atende pediatria e ginecologia. Existem quatro linhas de ônibus que circulam para Pinheiros, Santo Amaro, Brooklin e Terminal Princesa Isabel. Desenvolve-se um trabalho de reurbanização. Há grande rotatividade de famílias em função da insegurança e também do domínio espacial por conta do comércio de drogas.

Em tempo passado havia uma problemática de violência em função da atuação de justiceiros. Atualmente (2007), vêem-se focos de comércio de drogas com localização específica. O fato de haver muita interferência do comércio de drogas, muitas famílias se retiram do lugar por questão de medo da violência que se instalou. Algumas famílias voltam para seu lugar de origem, outras vão para lugares próximos. “Aqui nós temos a primeira experiência com uma creche 24 horas.”

14. Entrevista realizada em março de 2008, com Dona Telma Sobolh, presidente do Departamento de Voluntários do Hospital Albert Einstein, que nos falou: "- Além do trabalho de atendimento médico nas especialidades de pediatria e ginecologia. Nós desenvolvemos outros projetos como Oficina Pedagógica, um Jornal. Para tanto foi adquirido um imóvel onde foi implantado o ambulatório. As pessoas também participam das oficinas sócio-educativas. Desde 1997, quando foi inaugurado o PECP – Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis; em três anos o atendimento chegou a mais de 14 mil pessoas e hoje é modelo para todo o Brasil. Claro que a história do voluntariado do Einstein não se resume a um grupo de pessoas mas na força de um trabalho baseado na dignidade e respeito ao próximo. Para se conseguir eficácia no trabalho do voluntariado houve a necessidade de profissionalizar suas atribuições. Foi necessário também a aplicação de muito esforço e amor às atividades, para a manutenção e permanência dos projetos desenvolvidos. Mesmo porque não estamos em Paraisópolis para trabalhar para a comunidade e sim com a comunidade. Para conseguirmos êxito no desempenho dos projetos, tivemos apoio de voluntários e pesquisas realizadas traçando o perfil dos moradores, conforme as tabelas que dispomos e que vou lhe passar agora. Recentemente conseguimos um patrocínio para a publicação de um jornal. Um jornal que pudesse sair da comunidade. E foi isso que aconteceu, ele foi idealizado e publicado pelos jovens do local. De certo que orientado por profissionais do Projeto Comunicabem/Coordenação e que ganhou o título de Comunidade em Ação. Portanto, o PECP – Programa Einstein na Comunidade de Paraisópolis, já soma 10 anos de solidariedade e cidadania em Paraisópolis.

15. Entrevista realizada em novembro de 2007, com Antonio, morador da Favela Heliópolis-SP, possui pequeno comércio de recondicionamento de alto-falantes, nos disse: “- As moradias não estão sendo construídas, porque não há espaço suficientes. Mas chegam novas famílias e para atendê-las os chefes acabam construindo sobre as calçadas, no meio-fio. O poder público ignora a instalação das novas famílias e deram até ordem de despejo do local que fica no entorno do Hospital Heliópolis.

16. Entrevista realizada em julho de 2008 com Professora Olga. A atividade musical na comunidade, ela começa, assim. A criança que nasce aí dentro tem muito contato com a música que é produzida aí dentro, né. O que acontece. Eles estão acostumados com a música popular. Até um determinado ano, era só o pagode, o que rolava na maioria das vezes, aí foi mudando. Agora ta no Funk e no Happi, né. O que ta mais forte é o Funk. Com a entrada desses projetos. Que nem, entrou o projeto da orquestra. Eles começaram a ter contato com outro tipo de música, aí, eles viram que o ambiente deles foi ampliando. Então, eles estavam acostumados com aquele Happi, aquele Funk, então eles já viram que tem o clássico, tem o erudito, né. Assim o que eu vejo o que eu sinto, eu tenho a Banda, o trabalho que a gente faz; a gente ensaia aí na comunidade. E quando a gente está lá ensaiando, o pessoal vem nos procurar pedindo ajuda. Eles querem aprender um instrumento, eles querem aprender coisas diferentes. A procura tem sido muito grande, isso eu acho interessante né. É o que acontece com o projeto da orquestra. É somente pra alguns. E são instrumentos específicos, instrumentos de corda, voltado pra o clássico. E o pessoal quer uma coisa mais popular, né. O que ta acontecendo, que eu acho interessante, assim, o Jazz, ta em alta; eles vêm nos procurar, porque a gente tem uma outra linha de instrumento e eles querem trabalhar aprender como se toca isso, o Jazz, o popular, a MPB, que é a nossa música popular brasileira. Então, isso é muito legal. Uma coisa interessante é o pessoal evangélico. O que eu sinto, é que é assim, a base de músicas diferentes, sem ser Happi, música popular em geral, ta nas igrejas, né. E o

pessoal evangélico, eles querem aprender, principalmente pra tocar na igreja; o que que eu sinto a maioria dos projetos, eles vem pra atender a criançada. Então pega lá a criança de 10 a 15 anos a 17 anos. E o pessoal mais velho, né, que ta interessado. Esse pessoal ta procurando ajuda. Eles querem aprender, eles já tem condição de comprar seu próprio instrumento. Que eu acho interessante. Só não tem condição de pagar por uma aula de música. Isso eu sinto que é uma falta muito grande que tem aí dentro, né. O que que essa procura por música, por aprender música ta gerando. A maioria, isso eu vejo pelos alunos que trabalham comigo na Banda; eles tem um sonho de crescer, e assim, a maioria deles falam em mudar daí. Eu não consegui ainda ninguém que falasse, eu quero crescer ficar famoso, e continuar morando aqui, não tem nenhum. A maioria deles tem um sonho de ir embora, de comprar uma casa noutro lugar, de morar em outro bairro, né... Eu acho assim, pelo ambiente, mesmo. E uma coisa eu sinto com relação a Banda, a Banda teve contato com outros tipos de música, né, que é o que eu falo; Essa vida na comunidade ta incomodando. Porque é assim, você andando aí dentro, cada casa você tem uma música diferente. Coisa assim, absurda. E música no último volume, né. E isso ta incomodando. Eles querem mudar, ta num lugar tranqüilo. Se precisar eles podem tocar o instrumento deles em casa, sem aquele barulho externo. Esses que estão aprendendo, eu sinto isso em todos. Interessante né. Porque todo mundo, a maioria moram aí dentro. E o sonho deles é de ir embora. Eles pensam isso, eles sempre falam. Não vejo a hora de arrumar um emprego, e a nossa Banda podia dar certo, pra gente mudar daqui, ir pra outros lugares. Uma coisa que me chama atenção é que eles não gostam de fazer apresentação aqui no bairro. Eles acham muito legal quando a gente vai se apresentar em outros lugares. Então é um, não é bem vergonha. Eles acham que aqui não precisa. Aqui não tem valor nenhum, tocar aqui, né. Eu procuro mostrar que não. Que a gente tem que mostrar o que ta fazendo de diferente. Mas eles acham que não. Eles não querem, normalmente quando a gente tem uma apresentação aqui, é uma luta pra eles virem. Eles não querem vir. Eles até discutem comigo. Porque você aceitou o convite, não. Eles não querem de jeito nenhum. Agora se eu convidar pra a qualquer outro lugar, todo mundo

vai, isso é muito interessante. Ficam mais incentivados, tem uma postura totalmente diferente. Isso chama atenção. Eu saio muito com eles, né, que a gente faz muitas apresentações. Quando eu estou nos outros lugares, é você chega a não conhecer mais aquele aluno. Totalmente diferente. Ele tem outra postura. É educado, eles tem uma preocupação de não falar gíria, né. Diferente de quando eles estão aqui. Uma coisa que eu noto é assim. Se a gente tem uma apresentação aqui dentro. Eles chegam assim na bagunça, falando alto, entendeu. É meio que uma irreverência. E quando a gente se apresenta em qualquer outro lugar, assim, eles são extremamente educados, eu acho engraçado. Agora, com esse conhecimento que eles adquiriram, eles acham que aqui dentro não é o lugar pra eles estarem mostrando o que eles aprenderam, eles acham que o pessoal daqui não tem cultura. Então não vai entender, não sabe que música é essa. Nós fomos convidados pra fazer a abertura da quermesse. Aqui é ponto alto e o diretor do Centro Comunitário pediu que a gente tocasse o Hino Nacional. Falei, é importante o pessoal vê isso. Nossa foi uma revolta. Eles acharam assim, pra que tocar o Hino Nacional na favela. O pessoal não precisa disso. Eu falei, pelo contrário. O povo tem que ter esse contato. Tem que descobrir que existem pessoas aqui dentro que estão fazendo outro tipo de música. Eles vieram pra cima de mim. Falaram não nós não vamos tocar. A gente toca uma música que não tem nada a ver com quermesse. Eu falei, melhor ainda. Nós vamos chegar lá e vamos mostrar o nosso repertório, diferente do que eles estão acostumados. Mesmo assim, eles ficaram numa revolta. E quando nós nos apresentamos nós abrimos com o Hino Nacional, nós tocamos as nossas músicas. O público que estava acostumado a dançar, porque é forró, né, essas coisas, parou ficou apreciando. Porque é assim, o que é interessante na nossa música é que a gente faz com que as pessoas escutem, né; A música ela não é só pra ser dançada é pra ser ouvida e apreciada. É isso que eles ainda não entenderam. O que tem que acontecer, as pessoas tem que ver uma apresentação da Banda e ouvir o que essa Banda ta tocando, né. Porque eu acho que isso é importantíssimo e eles quando se trata de fazer esse tipo de coisa aqui eles não querem. Ah!... Outra coisa, porque eles querem ir embora. Eu fiz alguns

ensaios na minha casa, né. Eu moro no Bairro do Cambuci, e é totalmente diferente daqui. Então nós ensaiamos, os vizinhos ficaram ouvindo, chamou atenção, queriam saber o que estava acontecendo. Mas uma coisa calma, tranqüila. Eu acho que é isso que causa esse choque, né. Aqui dentro é muito barulho. E é tudo assim, que eu sinto que eles me falam. É muito bagunçada, uma casa em cima da outra, uma música em cima da outra; E lá não, eu tenho a minha casa, tudo bonitinho. Todo mundo entra, vai, ensaia, vai embora. Eles podem parar os carros na porta, os que tem carro. Vão ensaiar, vão embora, Eles sentiram o clima diferente. Isso chamou a atenção deles, né. A gente também recebeu o convite, pra ta ensaiando no CEU, teatro do CEU. E é diferente. No teatro você tem toda uma estrutura. Tem um técnico de som que fica lá. Coloca microfones e se a gente ensaia dentro da favela eles já reclamam muito, né. E o que que eu noto; o ensaio é totalmente diferente. Quando ele é feito aqui na comunidade, quando é feito em algum outro lugar. Isso também reflete. Parece que eles tratam o lugar fora daí com mais respeito, eles tem que ter mais cuidado; Aqui, por exemplo, quando eles chegam pra ensaiar, chegam falando alto, aquela algazarra; por exemplo, quando a gente está no CEU, eles chegam todos comportados, eles cumprimentam todo mundo que ta na porta, é uma postura, totalmente diferente. Muito engraçado. Você vê a diferença a olhos vistos. Então é isso. Agora é assim, eu queria deixar registrado, que eu acho que tem que se criar um projeto musical voltado pras pessoas mais velhas. Porque a pessoa mais velha não teve a oportunidade como um jovem, uma criança, um adolescente ta tendo agora e ela tem a mesma vontade de tá aprendendo. Eu sinto isso assim, principalmente aí na comunidade; A procura é muito grande e eles precisariam ter algum tipo de atendimento. Não sei como se fazer isso. Um projeto específico pra eles. Porque os projetos que existem atendem crianças e adolescentes. Mas a pessoa mais velha, ela não teve às vezes essa oportunidade, porque ela é mais velha, quando ela era criança não existia esse tipo de coisa e agora ela tem um sonho de ta realizando isso e não tem como. Isso me deixa assim meio triste porque se eu pudesse resolver esse problema, resolveria com prazer. A procura é muito grande. Eu sinto isso assim, muito.

E por exemplo, a presença da Banda aí dentro eles viram que existe um outro tipo de grupo, também é legal, né. Porque a orquestra, ela tem o que: cordas, metais e palhetas. O nosso é metais e palhetas. Então, um estilo totalmente diferente da orquestra. Eu posso pegar qualquer música, mesmo a que eles estão acostumados e transformar num negócio legal, e isso chama a atenção. Ta chamando muito atenção. Os nossos ensaios, a gente às vezes ta ensaiando na comunidade e na rua tá cheio de gente parado ouvindo. É engraçado. Isso é muito legal pra mim. Eu agradeço a oportunidade de poder ter falado um pouquinho.

ANEXOS I

PLANTAS: Levantamento aerofotogramétrico da área de ocupação da Favela Heliópolis.

Fonte: Plantas cedidas pela subprefeitura do Ipiranga, SP.

ANEXO II

Projeto de Lei nº. 583/01-

Dispõe sobre a obrigatoriedade do cadastro no Município de São Paulo, dos catadores de latinha, papelão e demais produtos recicláveis.

FONTE: Câmara Municipal de São Paulo

PROJETO DE LEI N° 583/01

AUTOR : ANTONIO CARLOS RODRIGUES
PARTIDO : PL

LIDO NA SESSÃO : 087-SO
DATA DE LEITURA : 18/10/2001

"DISPÕE SOBRE A OBRIGATORIEDADE DO CADASTRAMENTO, NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO , DOS "CATADORES" DE LATINHAS, JORNAIS, PAPELÃO E DEMAIS PRODUTOS RECICLÁVEIS.

A Câmara Municipal de São Paulo, decreta:

Art. 1° - Fica obrigatório dentro do Município de São Paulo, o cadastramento de todos os "catadores" , informais de resíduos sólidos , recicláveis, como latinhas, jornais, papelão e outros.

Art. 2° - Caberá às Administrações Regionais dar cumprimento ao disposto no Art. 1°, sem qualquer ônus, fornecendo ao cadastrado, um cartão de identificação.

Art. 3° - Deverão as Administrações Regionais, a cada 90 (noventa) dias , dar ciência ao LIMPURB do número e da especificação dos cadastramentos realizados.

Art. 4° - As despesas decorrentes da execução desta Lei correrão por conta das dotações orçamentárias, suplementadas se necessário.

Art. 5° - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões, Às Comissões competentes."

ANEXO III

Projeto de Lei nº. 415/02-

Institui o programa sócio-ambiental
cooperativa de catadores de material reciclável
no Município de São Paulo.

FONTE: Câmara Municipal de São Paulo.

PROJETO DE LEI N° 415/02

AUTOR : ADRIANO DIOGO
PARTIDO : PT

LIDO NA SESSÃO : 171-SO
DATA DE LEITURA : 6/8/2002

"INSTITUI O "PROGRAMA SÓCIO-AMBIENTAL COOPERATIVA DE CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL " E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS

A Câmara Municipal de São Paulo decreta

Art. 1° Fica instituído, na âmbito do Município de São Paulo, o "Programa Sócio-ambiental Cooperativa de Catadores de Material Reciclável" de Catadores de Material Reciclável", a ser desenvolvido com participação da sociedade civil.

Art. 2° O programa, de que trata o artigo primeiro desta lei, terá os seguintes objetivos:

I estimular a geração de emprego e renda;

II fomentar a formação de cooperativas de trabalho;

III resgatar a cidadania através do direito básico ao trabalho;

IV promover a educação ambiental;

V propiciar a defesa do meio ambiente através de coleta seletiva e reciclagem de lixo;

Art.3° As ações do "Programa Sócio-ambiental Cooperativa de Catadores de Material Reciclável" incluirão:

I apoio à informação de cooperativa de trabalho;

II implementação progressiva de coleta seletiva de lixo por meio das cooperativas de trabalho referidas no inciso I deste artigo;

III triagem e reciclagem do material coletado em unidades regionais, a serem operadas pelas próprias cooperativas de trabalho;

IV desenvolvimento de atividades de educação ambiental;

Art.4° O "Programa Sócio-ambiental Cooperativa de Catadores de Material Reciclável" será gerido, de forma compartilhada, por representantes do Executivo, de cooperativas de trabalho e de entidades sindicais, conforme venha a ser definido em decreto.

Art.5° As cooperativas de trabalho participantes do "Programa Sócio-ambiental Cooperativa de Catadores de Material Reciclável" terão as atribuições de executar a coleta, a triagem, o armazenamento, a reciclagem e a comercialização de resíduos sólidos recicláveis, conforme o que venha a ser

estabelecido pelo Poder Executivo.

Parágrafo único. A receita da comercialização de resíduos sólidos recicláveis reverterá integralmente às cooperativas participantes do programa.

Art.6° Somente poderão participar do "Programa Sócio-ambiental Cooperativa de Catadores de Material Reciclável" cooperativas, em que todos os trabalhadores sejam cooperados, vedada a contratação de empregados para atividades diretamente associados à coleta e à reciclagem de resíduos sólidos.

Art.7° O Executivo fica autorizado a:

I abrir às cooperativas, de que trata esta lei, linhas de crédito específicas para financiamento de capital de giro e aquisição de equipamento para reciclagem;

II dar apoio técnico às cooperativas de trabalho, visando à implementação e ao aprimoramento do programa;

Art.8° O Poder Executivo regulamentará a presente lei no prazo de 60 dias da data da sua publicação.

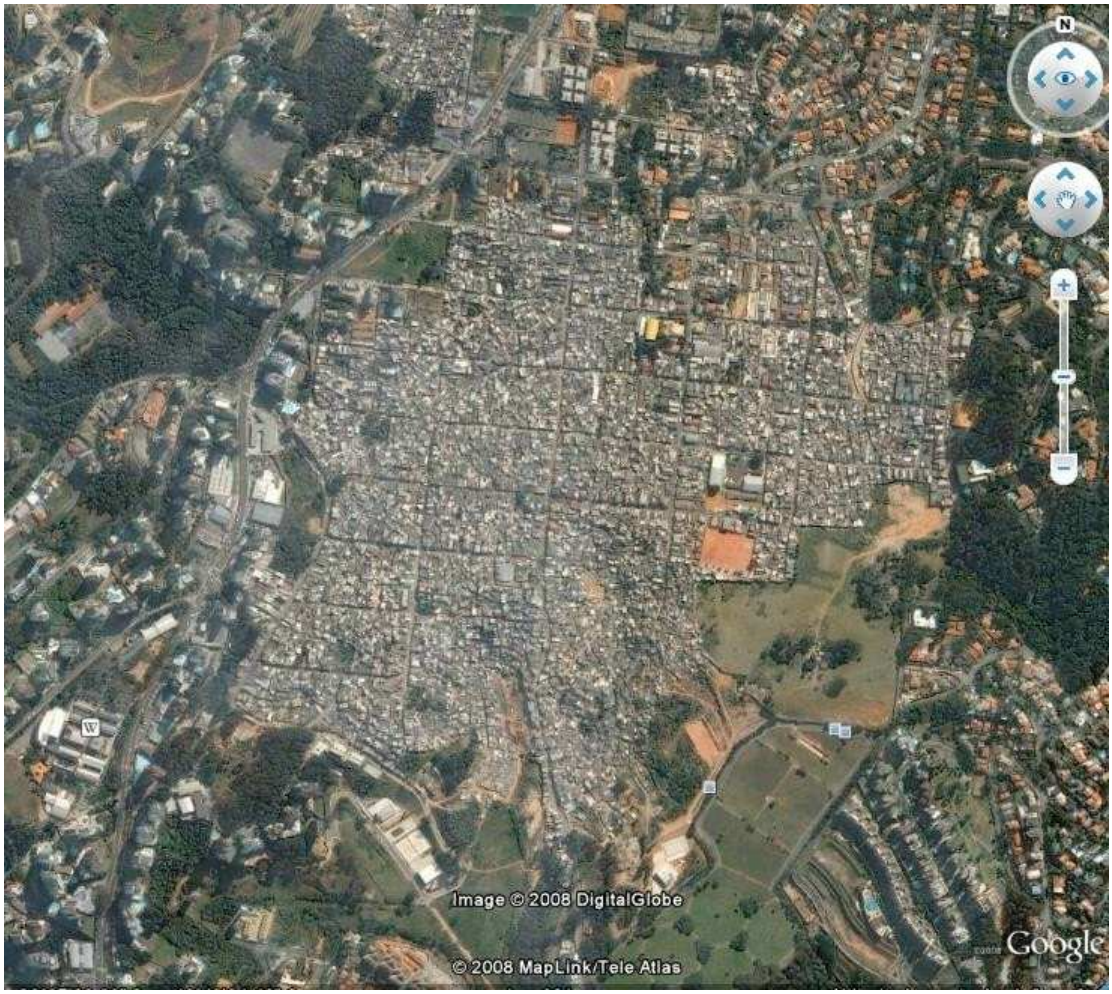
Art.9° As despesas com a execução desta lei correrão por conta de dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Art. 10° Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. Às Comissões competentes."

ANEXO IV

Imagem de satélite com espaço ocupado
pela Favela Paraisópolis**.**

FONTE: Site Google – Acesso Set/2008**.**



FONTE: Site Google **ACESSO:** 01/Set./2008

Imagem mostra o espaço ocupado pelas habitações na Favela Paraisópolis. Favela localizada em área nobre da Cidade de São Paulo, no Bairro do Morumbi, entre as Avenidas Giovanni Gronchi e Avenida Morumbi. Destacam-se suas cinco regiões, tais como: Grotão, Grotinho, Centro, Antonico, Brejo.

ANEXO V

Tabela 1: Entidades que atuam na Favela Paraisópolis e respectivas características.

TABELA DE ENTIDADES QUE ATUAM EM PARAISÓPOLIS (1)

Nome	Trabalho Desenvolvido	Recursos			Escala / Atendimentos	Critérios p/ Atendimento
		Mantenedora	Convênios	Outras Fontes		
Biblioteca Escola Crescimento Educação Infantil (BECEI) Paraisópolis	Cultura, informática, lazer	Associados pagam R$ 40,00/ano	Não tem	Doação de computador pelo Banco do Brasil/ Bovespa, SGU Brasil	100 - 150 pessoas/dia 2ª - 6ª feira das 10:00 - 22:00h sábados das 12:00 - 19:00h	Comunidade e entorno
Centro de Educação Infantil Lina Rodrigues- Paraisópolis-Grotão	Ensino infantil/ Reforço escolar aos sábados	Igreja Episcopal Anglicana de São Paulo (Iniciativa do Referendo Aldo Quintão)	PMSP/ SMADS	Não há	123 crianças/ dia de 2ª - 6ª feira	faixa etária de 2 - 6anos reforço escolar para os familiares das crianças aos sábados
	Atendimento odontológico e enfermaria não são mais utilizadas por falta de profissional há mutirões com médicos e dentistas voluntários da igreja		Voluntários da igreja	Não há	mutirões eventuais com os volutários	moradores
Mosteiro São Geraldo - Nucleo CEISER - Centro de Educação Infantil Santo Estevão	Creche 24 horas para mães que trabalham fora	Mosteiro São Geraldo de São Paulo	Não tem	Não há	242 Crianças de 0 - 6 anos educação infantil e odontologia e 3- 14 anos atividades recreativas atendimento 24 horas	Mãe tem que estar trabalhando. O horário das 17:30 - 23:30 horas é destinado às mães que estudam.
Mosteiro São Geraldo de São Paulo - Núcleo Centro Comunitario de Trabalho de Parasópolis / Centro de Educação Infantil Santa Escolástica	**1) Centro de Educação Infantil Santa Escolástica: creche, atendimento médico, odontológico e terapêutico**	Mosteiro São Geraldo de São Paulo	PMSP/ SME	Não há	201 Crianças de 0 - 6 anos em período integral com 5 refeições	
	2) Núcleo Socioeducativo		PMSP/ SMADS	Não há	380 Crianças de 7- 14 anos e 11 meses de 2ª a 6ª feira das 8:00 as 17:00 horas	
	3) Núcleo Socioeducativo de qualificação profissional: Informática nivel I e II, Intel, Web design, Ofiquinema, Robótica, Arte e Corte e costura		PMSP/ SMADS	INTEL	90 adolescentes 15 - 18 anos (meio período das 7:00 - 17:00 horas)	
	4) Clube de Gestantes: orientação e acompanhamento pediátrico e obstetrícia até o sexto mês de nascimento da criança e entrega de enxovais para mãe que se manteve no programa		Universidade São Camilo	Não há	40 - 50 mães uma vez por semana	
	5) Grupo da Terceira Idade: atividades lúdicas, de lazer e artesanato		Não tem	Não há	20 idosos uma vez por semana	
	7) Terapia aberta com florais de Bach		Sociedade Brasileira de Psicosíntese	Não há	40 moradores uma vez por mês	

FONTE: Departamento de Voluntários da Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospital Albert Einstein, SP, 2008.

ANEXO VI

Tabela 2: Entidades que atuam na Favela Paraisópolis e respectivas características.

TABELA DE ENTIDADES QUE ATUAM EM PARAISÓPOLIS (2)

Mackvest- Paraisópolis	Cursinho preparatório para vestibulares do Mackenzie	Mackenzie	Não informou	Não informou	sábados e domingos	Não informou
Associação Amigos de Paraisópolis	Distribuição de leite	Não respondeu	Secretaria do Trabalho	Não respondeu	Não respondeu	Não respondeu
Associação Mulheres Paraisópolis	Discutir questões relacionadas ao gênero feminino	Associadas	Não tem	Não há	30 mulheres	A partir de 15 anos
Espaço Esportivo e Cultural Bovespa: quadra Alcides Procópio- Paraisópolis	Atividades esportivas e culturais, e aulas de reforço escolar para crianças e jovens, além de cursos de artesanato para a comunidade de Paraisópolis.	Bovespa	Não tem	PMSP/SE	620 crianças 2ª - 6ªfeira (7:45 - 17:30 horas) sábado 8:00 - 14:00 horas e 30 adultos	Estar matriculado na escola
Barracão dos Sonhos	O Barracão dos Sonhos é uma ONG que desenvolve um importante trabalho social na comunidade vizinha de Paraisópolis, oferecendo aulas e atividades de formação a crianças e adolescentes da região. É também o núcleo a partir do qual foi fundada a Escola de Samba "Primeira do Morumby" (em cujo enredo de Carnaval o escritor Miguel de Cervantes foi homenageado).	Não informou	Não informou	Não informou	Não informou	Não informou
CONSEG Portal do Morumbi	Segurança Pública, Prêmio Amigo do Morumbi (1 vez ao ano) e busca de patrocínios	Associação Cultural de Cidadania Panamby	Não tem	Não há	Distrito de Vila Andrade e Vila Sônia 2ª - 6ª feira das 16:00 - 18:00 horas	Sem limite de idade
AILA - Aliança Internacional do Animal- Paraisópolis	Proteção e ajuda animal (castração, vacinação, atendimento de urgências) Unidade Móvel de esterilização. Para paraisópolis há preços populares	A própria clínica	Não tem	Eukamuba, Cobasi e Anjos da Guarda doam alimentos	300 atendimentos animal/ mês (2ª - 6ª feira das 9:00 - 18:00h Clínica popular sábados e feriados das 9:00 - 17:00 horas São recolhidos animais abandonados e com maus tratos em Paraisópolis	Animais de 0 - 17 anos

FONTE: Departamento de Voluntários da Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospital Albert Einstein, SP, 2008.

ANEXO VII

Tabela 3: Entidades que atuam na Favela Paraisópolis e respectivas características.

TABELA DE ENTIDADES QUE ATUAM EM PARAISÓPOLIS (3)

Associação Amigos Casa da Amizade- Grotão - Paraisópolis	Programa de apoio à gestante, reforço escolar (9 - 10 anos), lazer, distribuição de cestas de Natal e kits de material escolar (500)	Da própria Ong	Não tem	Parceiros, PHD, AMDOCS, Life's Good, L.G.	250 famílias nos sábados	Fila de espera. Ser morador de Paraisópolis
Espaço Nossa Casa- Antonico- Paraisópolis	ONG Centro de Estudos Psicopedagógicos Pró Saber desenvolve atividades de Educação Infantil no Espaço Nossa Casa, esportes, reforço escolar e alfabetização de adultos	A própria Ong	Não tem	Iniciativa privada- Bancos Investimentos- Parceiros Anuais	190 pessoas dias 2ª - 6ª feira das 8:00 - 18:00 horas	4 - 14 anos e adultos sem limite de idade (tem uma fila de espera de 400 crianças)
Obra Social do Colégio Pio XII- Entorno - Paraisópolis	Reforço escolar, telecentros, curso pré-vestibular e biblioteca	Irmãs Franciscanas da Providência Divida	Não tem	SENAI e Parceria com Escola Homero para o transporte das crianças	180 alunos 120 alunos telecentro, 60 (2 salas de 30) curso pré-vestibular (2ª - 6ª Feira 7:30 - 16:30 horas e Supletivo e Pré vestibulares 19:00 - 22:00 horas)	Crianças e adolescentes de 06 - 14 anos através de estudo sócioeconômiuco
	Oficinas de corte e costura				Oficina costura (15 pessoas), Crochet (15) e pintura em tecido (15)	
Paraiso Pólis Associação Comunitária- Grotão Paraisópolis	Reforço Escolar	Maria (dona do espaço); uma moradora do Morumbi que doa mantimentos; e professores (voluntários) que trazem material pedagógico.	Não tem	Venda de trabalhos manuais (artesanato)	130 alunos aos sábados das 8:00 - 12:00 horas	Crianças e adolescentes de 04 - 14 anos
	Aulas de criatividade para crianças do reforço escolar (pintura, colagem)				130 alunos aos sábados das 12:00 - 17:00 horas	
	Aulas de capoeira				20 alunos aos domingos das 12:00 - 17:00 horas	
	Curso de artesanato (biscuit, tapete e colcha de retalho e fuxico)				15 mulheres	Sem limites de idade
Mãos Fraternas- Grotão - Paraisópolis	Grupo espírita que atua com terapias alterantivas	Não informou	Não informou	Não há	Não informou	Não informou
Associação Comunitária Unidas do Paraisópolis e Comunidade da Paz	Entrega de leite	Não tem	Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo	Não há	240 famílias	De 6 meses a 7 anos
Instituto Luz-Antonico - Paraisópolis	Curso de terapias holísticas para o desenvolvimento de pessoas com foco pedagógico e terapêutico	Trainer S. Solutions Ltda.	Não tem	FASIS (Fac. de Ciências da Saúde ambulatório Reike, Cursos pedagógicos de formação terapêutica)	200 pessoas / mês e 20 pessoas por curso (2ª - sábados das 8:00 - 20:30 horas)	A partir de 18 anos

FONTE: Departamento de Voluntários da Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospital Albert Einstein, SP., 2008.

ANEXO VIII

Tabela 4: Entidades que atuam na Favela Paraisópolis e respectivas características

TABELA DE ENTIDADES QUE ATUAM EM PARAISÓPOLIS (4)

Paróquia Nossa Senhora do Paraíso (matriz) - Paraisópolis	Evangelização crianças, jovens e adultos, visitas domiciliares às famílias e doentes, reunião com dependentes químicos, grupos da 3ª idade, oficina de costura e distribuição de cestas básicas	Diocese de Campo Limpo	Não tem	Doações e quermesses para arrecadar verbas para a construção da igreja	Grupo 3ª idade: 25 idosos, Cesta básica: 180 - 200/mês Oficina de costura : 2 participantes	Ser morador de Paraisópolis
Associação Crescer Sempre - Paraisópolis	Pré escola: Curso de pintura, violão, garçon e garçonete	Cia Porto Seguro	Não tem	Não há	Pré-escola: 620 Crianças (5 - 6 anos) de segunda á sexta-feira. 310 crianças das 7h30 ás 11h30 e 310 crianças das 13h00 ás 17h00.	Residir em Paraisópolis
	Vivendo e aprendendo: alfabetização de adultos					
Associação Beneficente de Amparo a Criança Lar Casa Humilde- Paraisópolis	Entrega leite para 150 famílias 4ª e 6ª feiras	Maria (dona do espaço)	Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo	Doações permanentes de supermercados locais e empresários do Morumbi	Entrega de leite para 150 famílias (4ª e 6ª Feiras)	Mães que trabalham
	Atendimento gratuito de 6 crianças enquanto as mães trabalham		Não tem		6 crianças (7 - 11 anos) 6:00 - 19:00 horas	
Ong Florescer- Paraisóplis	Reforço escolar, computação, inglês, teatro, dança, recreação, artes plasticas, futebol e violão	Doações, Bazar e eventos	Não tem	Não há	800 alunos / semana (8:00 - 17:00 horas)	Residir em Paraisópolis (não pode ter mais que 3 faltas)
	Oficina Recicla Jeans	Teve início com o Bolsa Trabalho		Doação de tecidos		Ser maior de 18 anos
Instituto Missionário Nossa Senhora do Monte Calvário- Paraisópolis	Atividades e Reuniões com Dependentes químicos e visitas domiciliares	Próprio Instituto	Não tem	Festas e eventos beneficentes	Aproximadamente 25 pessoas de segunda-feira (das 19:00 - 21:30 horas)	Ser dependente químico ou familiares sem faixa etária
Associação Meninos do Morumbi- Paraisópolis	Projeto Aprendiz, garagem digital, programas voltados para área psico-social, projetos esportivos, cursos de fotografia e escultura, informática e inglês.	Diversas empresas	PMSP/ SMADS e lei Rouanet	Parcerias com empresas	1.800/Mês Crianças e adolescentes de 6 - 18 anos e famílias	Ser morador de comunidade carente
União de Moradores e do Comércio de Paraisópolis	Projeto Escola do Povo (Alfabetização de jovens e adultos)	Sócios e doações	Repasse do Governo Federal	Repasse do Governo Federal	Escola do Povo: 1040 alunos, 3 x por semana, 3 horas/dia em diversos horários. Cozinha Comunitária: 100 refeições/dia aprox.	Fila de espera. Ser morador de Paraisópolis
	Cozinha comunitária			Apoio Panamby, Turim		
	Inclusão Digital (telecentro), atendimento jurídico, plantão da Sabesp, palestra de cidadania, reforço de português e aulas de inglês e espanhol					
ONG Vivendo com Arte criada pela SAMOVIS- Sociedade de Amigos do Morumbi e Vila Suzano-	Acompanhamento escolar, atletismo, violão, flauta, expressão corporal	Única Corretora de Seguro e Red Baloon (Escola de Inglês) e Nutrin	Não tem	Patrocinadores (empresas) e colaboradores (pessoas físicas)	100 crianças (Sábados e domingos das 10:00 - 13:00 horas)	Ser morador de Paraisópolis
	Coral					
Grupo Assistencial Ponto de Luz- Paraisópolis- Brejo	Acompanhamento de gestantes, distribuição de enxovais, cestas, oficina de artesanato, consultório clínico e odontológico	Família Rodrigues de Oliveira	Não tem	Parceria com Associação de Mulheres de Paraisópolis e amigos	Cesta-básica: 150 famílias,1 x por mês	Morador acima de 15 anos

FONTE: Departamento de Voluntários da Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospital Albert Einstein, SP, 2008.

ANEXO IX

Tabela: Perfil de moradores da Favela Paraisópolis.

PERFIL DE MORADORES DA FAVELA PARAISÓPOLIS

➢ Chefe da Família

Gênero do Chefe da Família (em %)	Paraisópolis	Centro	Antonico	Brejo	Grotinho	Grotão
Masculino	78,4%	78,7%	78,3%	75,4%	83,¨%	76,6%
Feminino	21,6%	21,3%	21,7%	24,6%	16,9%	23,4%

Idade Média do Chefe da Família	Paraisópolis	Centro	Antonico	Brejo	Grotinho	Grotão
	38,6	37,7	37,4	41,7	37,6	38,7

Escolaridade da Família (em %)	Paraisópolis	Centro	Antonico	Brejo	Grotinho	Grotão
Analfabeto	12,7%	10,0%	14,3%	11,4%	12,5%	15,3%
Primário Incompleto	23,2%	25,7%	18,6%	23,2%	21,9%	26,0%
Primário Completo / Ginasial Incompleto	39,6%	39,8%	46,6%	36,6%	38,6%	36,6%
Ginásio Completo / Ensino Médio Incompleto	14,4%	13,2%	11,2%	16,3%	16,6%	14,7%
Ensino Médio Completo / Superior Incompleto	8,7%	9,4%	7,5%	12,3%	7,8%	6,6%
Superior Completo	0,2%	*	0,3%	0,3%	0,3%	*
Não informado	1,2%	1,9%	1,6%	0,3%	1,3%	0,98%

* não encontrado na amostra

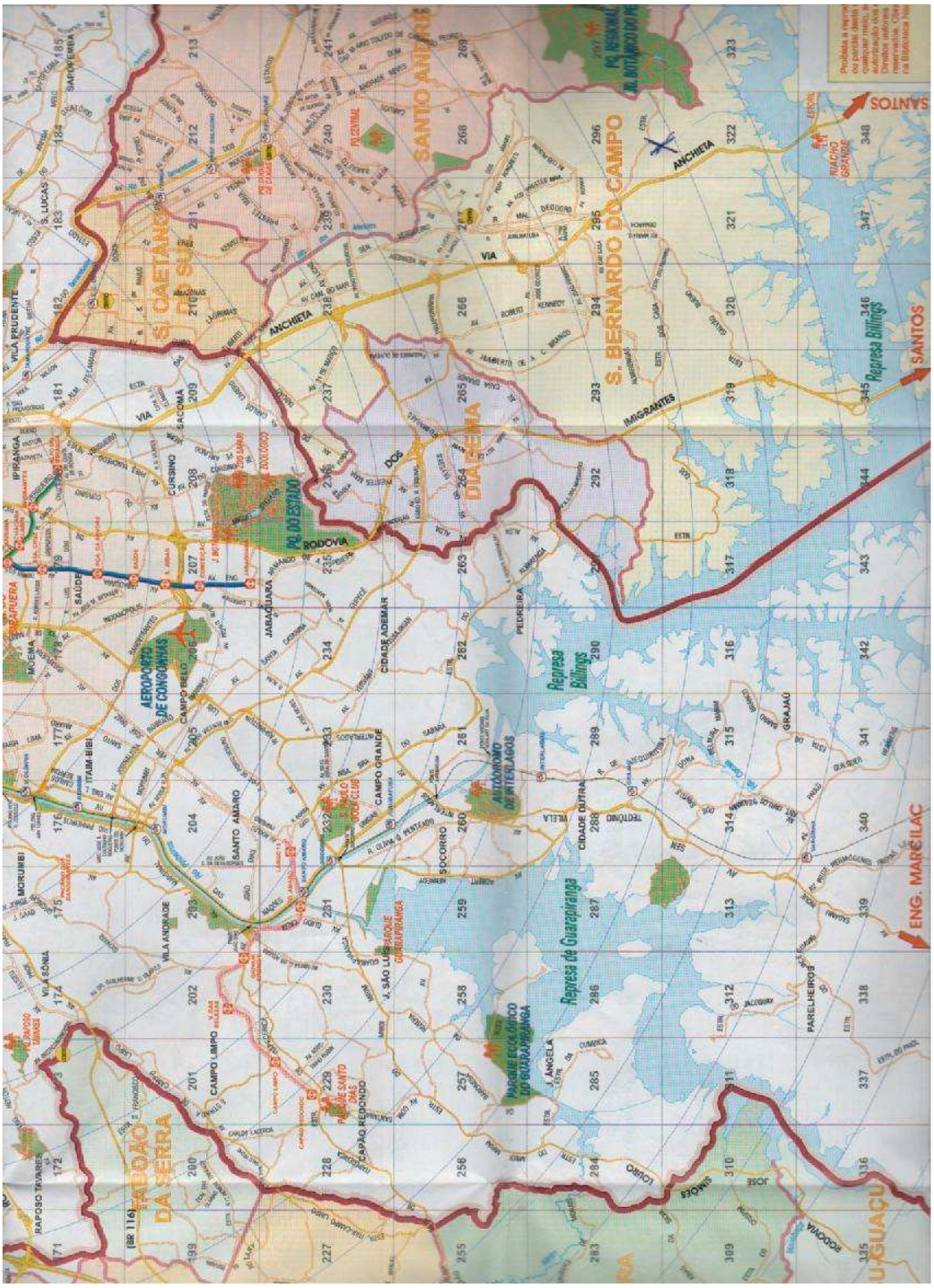
FONTE: Departamento de Voluntários da Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospital Albert Einstein, SP, 2008.

ANEXO X

Mapa: Mostrando Represas Billings e Guarapiranga, áreas de mananciais.

FONTE: Cartoplan Editora, SP., GUIA, 2008.

REPRESAS BILLINGS E GARAPIRANGA – ÁREAS DE MANANCIAIS



FONTE: Cartoplan Editora, SP, GUIA, 2008.

ANEXO XI

Lei nº. 10.928/91 – dispõe sobre condições de habitações dos cortiços no Município de São Paulo

FONTE: Câmara Municipal de São Paulo

LEI Nº10.928 DE 8 DE JANEIRO DE 1991
(Projeto de Lei nº 504/89, do Vereador Luiz Carlos Moura)

Regulamenta o inciso II do artigo 148 combinado com o inciso V do artigo 149 da. L.O.M. dispõe sobre as condições de habitação dos cortiços, e dá outras providências.

LUIZA ERUNDINA DE SOUZA, *Prefeita do Município de São Paulo, usando das atribuições* que lhes são conferidas por lei, faz saber que a Câmara Municipal, em sessão de 13 de dezembro de 1990, decretou e ou promulgou a seguinte lei:

Art. 1º - Define-se cortiço como a unidade usada como moradia coletiva multifamiliar, apresentando, total ou parcialmente, as seguintes características:

a) constituída por uma ou mais edificações construídas em lote urbano;
b) subdividida em vários cômodos alugados, subalugados ou cedidos a qualquer título;
c) várias funções exercidas no mesmo cômodo;
d) Acesso e uso comum dos espaços não edificados e instalações sanitárias;
e) Circulação e infra-estrutura, no geral precárias;
f) Superlotação de pessoas.

Art.2º - A *prefeitura fiscalizará as condições de habitação nos cortiços e tomará as medidas* necessárias para fazer respeitar as exigências da presente lei e demais normas pertinentes, atendendo as necessidades da população moradora.

Parágrafo único – Serão solidariamente responsáveis pelas condições de habitação, perante o poder Público, o proprietário, o locatário-sublocador, terceiros que tomem o lugar destes e / ou o responsável pela exploração do cortiço.

Art. 3º - Independentemente de outras normas aplicáveis, consideram-se as condições mínimas de habitação, para os fins desta lei, as seguintes:

a) segurança do imóvel no tocante à sua instalação elétrica e à sua estrutura, comprovadas através do laudo expedido pelo órgão público competente, renovado a cada dois anos;
b) iluminação mínima por cômodo 1/7 (um sétimo) da área de piso;
c) ventilação mínima por cômodo de metade da área de iluminação;
d) *área mínima do cômodo ou divisão não inferior a 5 m2 (cinco metros quadrados), com sua* menor dimensão não inferior a 2 (dois) metros;
e) adensamento máximo de 2 (duas) pessoas por 8m2 (oito metros quadrados), considerando toda a área construída da edificação ,vedado o revezamento;
f) banheiro revestido de piso lavável e de barra impermeável até 2 (dois) metros de altura;
g) os banheiros serão dotados, pelo menos, de vaso sanitário, lavatório e chuveiro em funcionamento, compartimentos, sempre que possível, de forma independente, com abertura para o exterior;
h) haverá no mínimo 1 (um) tanque, 1 (uma) pia e 1 (um) banheiro para cada grupo de 20 (vinte) moradores;
i) o pé direito será de, no mínimo, 2,30m (dois metros e trinta centímetros);
j) as escadas e corredores de circulação terão, pelo menos, 80 (oitenta) centímetros de largura;

Parágrafo único – A Prefeitura poderá, em casos excepcionais, tolerar padrões inferiores àqueles previstos nas alíneas "b", "c", "d", "e", "i", e "j", se comprovar que as características concretas do imóvel apresentam condições razoáveis de habitabilidade.

Artigo 4º - A prefeitura orientará e coordenará, quando for o caso, a assinatura de convênios entre o proprietário do imóvel, o locatário-sublocador e / ou os moradores e as empresas concessionárias de serviços de distribuição de energia elétrica, gás e de redes de água e esgoto, visando a melhoria das condições de habitabilidade.

Art. 5º - O proprietário do imóvel, o locatário-sublocador, terceiros que tomem o lugar destes e/ou responsável pela exploração do cortiço, afixarão obrigatoriamente em quadro mantido em local visível, o laudo referido no artigo 3º, alínea "a", bem como as contas de água, energia elétrica, gás e similares, de forma a comprovar, perante os moradores, o consumo, o valor e sua quitação.....

Parágrafo único - Do quadro de que se trata o "caput" deste artigo deverá constar, também, o nome e endereço completos do proprietário, bem como do locatário sub-locador, de terceiros que tomem o lugar destes e / ou do responsável pela exploração do cortiço.

Artigo 6º - A fiscalização dos preceitos da legislação pertinente a cortiços fica a cargo da Prefeitura, através de seus órgãos competentes.

Parágrafo Único - Fica instituído o cadastro obrigatório, perante a prefeitura, dos imóveis enquadrados na categoria de cortiços.

Artigo 7º - As infrações à presente lei serão objeto de 2 (duas) notificações consecutivas para sua correção plena , as quais estabelecerão prazos para as providências determinadas.

Parágrafo1º - Desatendidas as notificações da autoridade, será aplicada aos infratores a multa de 20 (vinte) a 200 (duzentas) UFMs, sem prejuízo de sujeitar-se o imóvel à declaração de utilidade pública ou de interesse social para fins de desapropriação, neste caso mantida sua destinação residencial pelo Poder Público.

Parágrafo 2º - Quando as condições físicas e de habitabilidade do cortiço evidenciarem grave e iminente risco à vida ou à saúde dos moradores, a autoridade municipal competente, mediante laudo fundamentado, o interditará, sem prejuízo das sanções administrativas e penais a que estiverem sujeitos o proprietário, o locatário-sublocador, terceiros que tomarem o lugar destes e/ou o responsável pela exploração, ou, se julgar conveniente, realizará de imediato, as obras necessárias à eliminação do risco, delas se *ressarcindo ulteriomente.*

Artigo 8º - O Executivo poderá criar programas específicos, voltados para a melhoria dos cortiços e sua adequação aos parâmetros previstos nesta lei, através de financiamentos, assistência técnica e outras formas, mediante contratos coletivos firmados entre as entidades representativas dos moradores e proprietário, garantindo sempre a permanência dos primeiros por prazo a ser ajustado em função do investimento previsto.

Artigo 9º - Os terrenos vazios, resultantes da demolição de imóveis residenciais, sofrerão tributação progressiva, nos termos da lei pertinente.

Artigo 10 - Os cortiços com mais de 50 (cinqüenta) moradores, deverão eleger comissão para os representar perante órgãos públicos.

Artigo 11 - A população moradora de cortiços, através de seus procuradores, suas entidades representativas ou de outra formas de organização, terão o direito de solicitar ao Poder Público Municipal informações sobre a situação do imóvel, no aspecto físico ou jurídico, bem como a fiscalização das condições de habitabilitade.

Artigo 12 - A presente lei será regulamentada, no que couber, por ato do Executivo,

Artigo 13 - As despesas decorrentes da execução desta lei correrão por conta das verbas orçamentárias próprias.

Artigo 14 - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, aos 8 de janeiro de 1991, 437º da fundação de São Paulo.
LUIZA ERUNDINA DE SOUSA, PREFEITA
WALTER PIVA RODRIGUES, Respondendo pelo Cargo de Secretário dos Negócios Jurídicos.
AMIR ANTONIO KHAIR, Secretário das Finanças
JOSÉ CARLOS PEGOLARO, Secretário das Administrações Regionais
ERMÍNIA TEREZINHA MENON MARICATTO, Secretária da Habitação e Desenvolvimento Urbano
PAUL ISRAEL SINGER, Secretário Municipal do Planejamento
LADISLAS DOWBOR, Secretário dos Negócios Extraordinários
Publicada na Secretaria do Governo Municipal, em 8 de janeiro de 1991.
JOSÉ EDUARDO MARTINS CARDOZO, Secretário do Governo Municipal

ANEXO XII

Lei n°. 4.123/2003 – Autoriza o executivo do Município de São Caetano do Sul, a celebrar parceria técnica para a arradicação dos cortiços e inclusão social de seus moradores.

FONTE: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul.

Proc. nº 755/03

Lei nº 4.123 de 03 de Abril de 2003

"AUTORIZA O EXECUTIVO MUNICIPAL A CELEBRAR PARCERIA TÉCNICA COM A SOCIEDADE BENEFICENTE MÁRIO CHEKIN - SOMA, VISANDO À ERRADICAÇÃO DOS CORTIÇOS E À INCLUSÃO SOCIAL DE SEUS MORADORES".

LUIZ OLINTO TORTORELLO, Prefeito do Município de São Caetano do Sul, no uso de suas atribuições legais, nos termos do inciso XI, do artigo 69, c/c o inciso I, do artigo 97, ambos da Lei Orgânica do Município,

FAZ SABER que a Câmara Municipal aprovou e ele sancionou e promulgou a seguinte Lei:-

Artigo 1º - Fica o Poder Executivo autorizado a celebrar parceria técnica com a Sociedade Beneficente Mário Chekin, também designada pela sigla SOMA, visando à erradicação dos cortiços e à inclusão social de seus moradores, nos termos das cláusulas anexas que integram a presente lei.

Artigo 2º - As despesas com a execução desta lei correão por conta de verba própria do orçamento, suplementada se necessário.

Artigo 3º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 03 de abril de 2003, 176º da fundação da cidade e 55º de sua emancipação Político-Administrativa.

LUIZ OLINTO TORTORELLO
Prefeito Municipal

DR.DIONIZIO LOZANO RUBIO
Diretor de Administração

Publicada na Seção de Documentação e Estatística, na mesma data.

GISLEINE AIDA GALANTI
Resp.p/Exp.DAI

ANEXO XIII

Termo de cooperação técnica entre Prefeitura do Município de São Caetano do Sul e Sociedade Beneficente Mário Chekin.

FONTE: Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul.

TERMO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA

"TERMO DE COOPERAÇÃO TÉCNICA QUE ENTRE SÍ CELEBRAM A PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL E A SOCIEDADE BENEFICENTE MÁRIO CHEKIN, VISANDO À ERRADICAÇÃO DOS CORTIÇOS E À INCLUSÃO SOCIAL DE SEUS MORADORES".

O MUNICÍPIO DE SÃO CAETANO DO SUL, pessoa jurídica de direito público interno, com sede à Rua Eduardo Prado nº 201, bairro São José, nesta cidade, Estado de São Paulo, inscrito no CNPJ sob nº 59.307.595/0001-75, neste ato representado pelo seu Prefeito Municipal, Dr. **LUIZ OLINTO TORTORELLO**, brasileiro, casado, juiz de direito inativo, portador da Cédula de Identidade RG nº 2.340.437 e do CPF/MF sob nº 106.495.578-91 e a **"SOCIEDADE BENEFICENTE MÁRIO CHEKIN"**, também designada pela sigla **"SOMA"**, entidade civil de direito privado, sem fins lucrativos, com sede na Rua Joaquim Nabuco nº 316 sala 63, bairro Santo Antonio, nesta cidade de São Caetano do Sul, inscrita no CNPJ sob nº 05.255.907/0001-15, neste ato representada por seu Presidente **MÁRIO ANTONIO MICHELLETTI**, brasileiro, casado, administrador de empresas, portador da Cédula de Identidade RG nº 4.683.221, CPF/MF nº 493.046.828-00, residente à Rua Tijuca nº 177, Jardim Copacabana, Município de São Bernardo do Campo, neste estado, celebram a presente parceria, conforme condições que seguem **CLÁUSULA PRIMEIRA-DO OBJETO**: constitui objeto desta parceria, o estabelecimento de um regime de mútua cooperação técnica, científica e de logística, realizando esforços conjuntos para erradicar do Município de São Caetano do Sul, os cortiços ainda existentes, propiciando a seus moradores sua total inclusão social, escudada nos preceitos que visam à dignidade da pessoa humana; **CLÁUSULA SEGUNDA-DAS ATRIBUIÇÕES E RESPONSABILIDADES: AO MUNICÍPIO** partícipe, caberá o levantamento das áreas de cortiços, a legitimação da documentação desses imóveis junto ao cadastro do departamento de obras, a eventual alocação de obras sociais para residências provisórias dos moradores desalojados dos cortiços a serem demolidos e ou reformados, bem como a total assistência técnica, científica e de logística aos parceiros, na promoção da demolição, reforma e ou reconstrução das novas unidades que substituirão os cortiços derrubados **À SOMA**, devidamente autorizada pelo proprietário do imóvel, caberá a construção e o financiamento total das obras, compreendendo a realização material da demolição, reforma e ou construção das novas unidades habitacionais em substituição aos cortiços, consoante projetos específicos, aprovados pelo Departamento de Urbanismo, Obras, Habitação e Meio Ambiente. **CLÁUSULA TERCEIRA-DA GESTÃO**: Para implementação do projeto será constituído um comitê de gestão, composto por diretoras da SOMA e servidores designados pela Municipalidade, objetivando acompanhar e agraviar as tratativas entre as partes envolvidas, elaborando-se para cada ato, um contrato específico de prestação desse relevante serviço social entre a SOMA e o proprietário do "cortiço" no qual deverá constar o valor das obras a serem financiadas, a forma e condições de devolução dos valores gastos, não podendo ser acrescido custo algum do capital investido, senão a indexação oficial da moeda, podendo figurar como intervenientes o Município de São Caetano do Sul, através de um dos funcionários entre os designados, bem como os locatários residentes nesses locais, aos quais ficam desde logo assegurados o retorno ao imóvel, pelo valor locativo igual à época de sua saída, ao menos durante o primeiro ano de sua nova residência, salvo deliberação outras das partes, expressamente manifestada. **CLÁUSULA QUARTA-DA OPERACIONALIZAÇÃO DOS**

Lei Nº 4.123
Proc. nº 755/03

Fls. Nº 03

PROJETOS E ATIVIDADES: Os partícipes e intervenientes poderão convidar outros órgãos ou entidades a participarem de qualquer modo na realização deste relevante projeto social, bem como obrar em regime de mutirão, visando acelerar as obras e ou reduzir os custos do investimento, firmando sempre documento aditivo para a mais completa transparência da operação e gestão; **CLÁUSULA QUINTA-DOS RECURSOS**: Os recursos financeiros para a realização da obra são de exclusiva alçada da Sociedade Beneficente Mário Chekin – SOMA – que, sob sua responsabilidade poderá obtê-los onde lhe aprouver; **CLÁUSULA SEXTA-VIGÊNCIA**: A presente parceria tem vigência indeterminada, admitindo-se sua rescisão, desde que comunicada as demais partes com antecedência de 60 (sessenta) dias; **CLÁUSULA SÉTIMA-DO FORO**: Fica eleito o Foro da Comarca de São Caetano do Sul – SP, para dirimir dúvidas ou controvérsias decorrentes da interpretação da presente avença. E, por estarem justos e contratados, firmam o presente instrumento em 03 (três) vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas abaixo.

São Caetano do Sul, ... de .... de 2003

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL
LUIZ OLINTO TORTORELLO
Prefeito Municipal

SOCIEDADE BENEFICENTE MÁRIO CHEKIN – SOMA
MÁRIO ANTONIO MICHELLETTI
Presidente

TESTEMUNHAS:

a) Nome: Miguel Campanella
RG. 2.433.426-5 SSP/SP

b) Nome: Antonio Gusman Filho
RG. 3.463.942-SSP/SP.

ANEXO XIV

Lista de Favelas da Cidade de São Paulo,
distribuídas pelas suas regiões.

FONTE: HABISP.INF.BR (Secretaria de Habitação da
Prefeitura do Município de São Paulo).

LISTA DE FAVELAS DA CIDADE DE SÃO PAULO DISTRIBUIDAS PELAS SUAS REGIÕES

- 1 Região Noroeste
- 2 Região Norte
- 3 Região Sudoeste
- 4 Região Sul
- 5 Região Sudeste
- 6 Região Oeste
- 7 Região Nordeste
- 8 Região Leste

Região Noroeste

- Elizia Maria - (Brasilândia)

Região Norte

- São José/ Bruna Gallea - (Cachoeirinha)
- Serrana Fluminense - (Cachoeirinha)
- Sucupira - (Cachoeirinha)
- Trapezista - (Cachoeirinha)
- Viela Um - (Cachoeirinha)
- Zaki Narchi - (Carandiru)
- Álvaro Silva - (Limão)
- Apolônio Meira - (Limão)
- Baltazar de Quadros - (Limão)
- Beira Mar - (Limão)
- Caixa D´Água - (Limão)
- Criméia - (Limão)
- Dário Ribeiro - (Limão)
- Gaby - (Limão)
- Lidiane - (Limão)
- Minas Gás - (Limão)
- Minas Gás II - (Limão)
- União da Luta - (Limão)
- Vicente Ferreira Leite - (Limão)

Região Sudoeste

- Vera Cruz - (Jardim Ângela)
- Fábio Luiz - (Jardim Ângela)
- Menininha - (Jardim Ângela)
- Jardim Jacira - (Jardim Ângela)
- Jardim Letícia - (Capão Redondo)
- Jardim Nakamura - (Jardim Ângela)
- Jardim Herculano - (Jardim Ângela)
- Jardim Vaz de Lima - (Jardim São Luís)
- Jardim Aracati - (Jardim Ângela)
- Jardim Horizonte Azul - (Jardim Ângela)
- Jardim dos Reis - (Jardim Ângela)
- Rocinha - (Jardim Ângela)
- Jardim Jangadeiro - (Capão Redondo)
- Jardim Irene - (Capão Redondo)
- Vale das Virtudes (Capão Redondo)
- Parque Indepêndecia - (Jardim Ângela-Capão Redondo)
- Valo Velho - (Capão Redondo)
- Morro do Piolho - (Capão Redondo-Campo Limpo)
- Pirajussara - (Campo Limpo)
- Favela do Godoy - (Capão Redondo)
- Morro do Índio - (Jardim Ângela)
- Parque Santo Antonio - (Jardim São Luís)
- Jardim Ibirapuera - (Jardim São Luís)
- Vila das Belezas - (Jardim São Luís)
- Jardim Monte Azul - (Jardim São Luís)
- Jardim Arariba - (Campo Limpo)
- Buraco Quente - (Santo Amaro)
- Jardim Edith - (Itaim Bibi)

Região Sul

- Imbuias - (Grajaú-Cidade Dutra)
- Jardim Floresta - (Parelheiros)
- Zona De Risco ZR - (Grajaú)
- Cantinho do Céu - (Grajaú)
- Jardim Noronha - (Grajaú)
- Beira Mar - (Grajaú)
- Cipramar - (Grajaú)
- Jardim Prainha - (Grajaú)
- Jardim Gaivotas - (Grajaú)
- Favela da 27 - (Grajaú)
- Favela Paraguai-Varginha - (Grajaú)
- Lagoa Azul - (Grajaú)
- Mandiocal - (Grajaú)
- Favela da Nascente - (Grajaú)
- Favela 7 de Setembro - (Grajaú)
- Jardim Imporanga - (Cidade Dutra)
- Vila Rubi - (Grajaú)
- Jardim Toca - (Grajaú)
- Jardim Míriam - (Cidade Ademar)
- Vila Joaniza - (Cidade Ademar)
- Vila Missionaria - (Cidade Ademar)
- Buraco do Sapo - (Cidade Ademar)
- Canto da Noite - (Cidade Ademar)
- Jardim Selma - (Pedreira)
- Jardim Apúra - (Pedreira)
- Vila Guacuri - (Pedreira)
- Jardim IV Cetenario - (Cidade Dutra)
- Favela da Paz - (Cidade Dutra)
- Jardim Primavera - (Cidade Dutra)
- Jardim 3 Marias - (Socorro)
- Colônia - (Parelheiros)
- Favela Sta Catarina (Jabaquara)
- Favela Rua Alba - (Jabaquara)
- Encanto da Alegria - (Grajaú)
- Pantanal - (Pedreira)
- Santa Lucia II - (Jardim Ângela)

Região Sudeste

- Heliópolis - (Sacomã)
- Livieiro - (Sacomã)
- São Pedro - (Sacomã)
- Vila Prudente - (Vila Prudente)
- Jacaraipe - (Vila Prudente)
- Amadeu - (São Lucas)
- André da Cunha Fonseca - (São Lucas)
- Mangue - (São Lucas)
- Vila Industrial - (São Lucas)
- Juruva - (São Lucas)
- João Rodrigues Pires - (São Lucas)

Região Oeste

- 1010 - (Butantã)
- Jardim Jaqueline - (Butantã)
- São Remo - (Rio Pequeno)
- Sapé - (Rio Pequeno)
- Vila Nova Jaguaré - (Jaguaré)
- Paraisópolis - (Vila Andrade)
- Real Parque - (Morumbi)

  (em processo de regularização, pois recebeu o status de bairro)

Região Nordeste

- Paratigi - (Penha)
- Vila Paz - (Penha)
- Favela da Eunice - (Penha)
- Jardim Cotinha - (Ponte Rasa)
- Agreste de Itabaiana - (Ponte Rasa)
- Vila Constância - (Ponte Rasa)
- Azajeira - (Ponte Rasa)
- Manuel Asson - (Ponte Rasa)
- Antonio Kirsten - (Ponte Rasa)
- Breno - (Ponte Rasa)
- São Severo - (Ponte Rasa)
- Vila São Francisco - (Ponte Rasa)
- Candido Borges Monteiro - (Ponte Rasa)
- Monte Sagrado - (Ponte Rasa)
- Luiza Rosa - (Vila Curuça)
- Jardim Nazaré III - (Vila Curuça)
- Jardim Campos I - (Vila Curuça)
- Jardim Nova Robru - (Vila Curuça)
- Jardim Jaragua - (Vila Curuça)
- Nazaré Particular - (Vila Curuça)
- Mandrágoras - (Vila Curuça)
- Bartira - (Vila Curuça)
- Tachã - (Vila Curuça)
- Vila Nitro Operária - (Vila Curuça)
- Pantanal 2 - (Vila Jacuí)
- Maria Santana - (Vila Jacuí)
- Parque Guarani Mogno - (Vila Jacuí)
- Jardim São Carlos - (Vila Jacuí)
- Ventura Branco - (Vila Jacuí)
- São Carlos Córrego - (Vila Jacuí)
- Jardim São Carlos Alojamento - (Vila Jacuí)
- Santana - (Vila Jacuí)
- Vila Jóia - (Vila Jacuí)
- Jardim das Camélias - (Vila Jacuí)
- Jardim Guarani - (Vila Jacuí)
- Jardim Limoeiro - (Vila Jacuí)
- Mari - (Vila Jacuí)
- Santa Inês - (Vila Jacuí)

Região Leste

- Ibiracatu - (São Mateus)
- Vila Xavantes - (São Miguel)
- Roland Berigan - (São Miguel)
- Vila Progresso - (São Miguel)
- Beatriz - (São Miguel)
- Chazinho - (São Miguel)
- Domitilia D´Abril - (São Miguel)
- São Francisco Global - (São Rafael)
- Quaresma Delgado - (São Rafael)
- Jardim Vera Cruz - (São Rafael)
- Pouso do Capim Grosso - (São Rafael)
- Quilometro Vinte Oito - (São Rafael)
- Rio Claro II - (São Rafael)
- Sertanistas - (São Rafael)
- Vila Bela II - (São Rafael)
- Manoel da Luz Drumond - (São Rafael)
- Félix Flamengo - (São Rafael)
- Roberto Pires Maciel - (São Rafael)
- Cipoaba - (São Rafael)
- Pau Queimado - (Tatuapé)
- Colina - (Vila Formosa)
- Colorado - (Vila Formosa)
- Vila Nina - (Vila Formosa)
- Sacuaia - (Vila Formosa)
- Iribeiro - (Vila Formosa)
- Vila Nordestina I - (Vila Formosa)
- Vila Nordestina II - (Vila Formosa)
- Buraco Fundo - (Vila Formosa)
- Morrão -(Vila Formosa)
- Embira - (Vila Formosa)
- João Galdino Coelho - (Vila Matilde)
- Minuanos - (Vila Matilde)
- Passarela Jerson Antonio Brito Filho - (Vila Matilde)
- Olimpio Braz de Souza - (Vila Matilde)
- Vila Dania Mungo Park - (Ermelino Matarazzo)
- Vila Cisper Anisio de Abreu - (Ermelino Matarazzo)
- Veronia I - (Ermelino Matarazzo)
- Veronia II - (Ermelino Matarazzo)
- Dona Lola - (Ermelino Matarazzo)
- Parque Boturussu - (Ermelino Matarazzo)
- Figueira da Polinésia - (Ermelino Matarazzo)
- Vila Guaraciaba - (Ermelino Matarazzo)
- Teólogo John Wesley - (Ermelino Matarazzo)
- Sampei Sato - (Ermelino Matarazzo)
- Balapapesp - (Ermelino Matarazzo)
- Dario da Costa Matos - (Ermelino Matarazzo)
- Córrego Mongagua - (Ermelino Matarazzo)
- Boaventura Rodriguez da Silva - (Ermelino Matarazzo)
- Parque Linear Dario da Costa - (Ermelino Matarazzo)
- Parque Linear Castro Lopes - (Ermelino Matarazzo)
- Parque Linear Baia dos Pinheiros - (Ermelino Matarazzo)
- Carmo - (Ermelino Matarazzo)

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Ronaldo, D'ANDRÉIA, Tiaraju, Estrutura de Oportunidades em uma favela de São Paulo, págs. 195 a 209, IN: MARQUES, Eduardo, TORRES, Haroldo, (ORG.), São Paulo – Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais, Senac, SP., 2005.

ATHAYDE, Celso, MV BILL, SOARES, Luiz Eduardo, Cabeça de Porco, RJ., Objetiva, 2005.

BALTRUSIS, N., O Mercado Imobiliário Informal na favela de Paraisópolis, IN: A Lei e a Ilegalidade na Produção do Espaço Urbano, FERNANDES, E. e AFONSIN, B. (Coord. e Co-Autores), Livraria Del Rey Ed. Limitada, BH., 2003.

BARRO, Máximo, História dos Bairros de São Paulo, vol. 14 – Ipiranga, SP., 1979.

BONDUCKI, Nabil Georges, As práticas bem-sucedidas em Habitação, Meio Ambiente e Gestão Urbana nas Cidades Brasileiras, Studio Nobel. 1997.

CASE, Paulo, Favela, Ed. Dumara, RJ., 1996.

CHAUÍ, Marilena, O que é ideologia?, SP., Brasiliense, 1986.

DAVIS, Mike, Planeta Favela, Boitempo Editorial, SP., 2006.

ECO, Humberto, Como se faz uma tese, Ed. Perspectiva, SP, 2000.

GÁRCIA-TORNEL, Francisco Calvo, Sociedades y Territórios em Riesgo, Barcelona, Ediciones del Serbal, 2001.

GROSTEIN, Marta Dora, Cidades Clandestinas, SP., FAUUSP. 1987.

História do Departamento de Voluntários, Sociedade Beneficente Israelita Brasileira Hospital Albert Einstein, Editora Narrativa Um, SP., 2004.

KOVARICK, Lúcio, Estratégia do Planejamento Social no Brasil, SP., CEBRAP, 1970.

LEFÉBVRE, Henri, Lê Drait a la Ville, Ed. Dutropos, Paris, 1968.

LEFF, Enrique, Epistemologia Ambiental, Cortez, SP., 2002.

LEITÃO, Gerônimo, Transformações na Estrutura Sócio – Espacial das favelas cariocas ao longo dos últimos cinqüenta anos, UFFRJ, NUTAU, 2006.

MARICATO, Ermínia, Brasil, cidades: Alternativas para a crise urbana, Petrópolis, Vozes, 2001.

MARQUES, Eduardo, TORRES, Haroldo, (ORG.), São Paulo – Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais, SENAC, SP., 2005.

MOREIRA, Antônio Cláudio M. L. e, LEME, Maria Cristina da Silva, PASTERNAK, Suzana, Favela e Cortiços: Uma experiência didática, SP., FAUUSP., 2000.

MOREIRA, Antônio Cláudio M. L. e, LEME, Maria Cristina da Silva, NARUTO, Minoro, PASTERNAK, Suzana, Intervenção em Cortiço: Uma experiência didática, FAUUSP., 2006.

NOVEMBER, Valérie, Les Territóries du Risque, Berna, Peter Lang, 2002.

PASTERNAK, Suzana, Degradação Ambiental em favelas de São Paulo, IN: TORRES, Haroldo, COSTA, Heloisa, População e Meio Ambiente: Debates e Desafios, SP., SENAC, 2000.

PASTERNAK, Suzana, A Favela que virou cidade, Urban Research Symposium, 2005.

REVISTA da UNAS-União de Núcleos, Associações e Sociedades de Moradores de Heliópolis e São João Clímaco, SP., 2006.

RIECHMANN, Jorge, Ética Ecológica: Propuesta para una Reorientación, Montevidél, Editorial Norton-Communidad, 2004.

RODRIGUES, Arlete Moisés, Moradia nas Cidades Brasileiras, Edusp., SP., 1988.

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de, Profissionais da Cidade: Reunião de São Paulo, Cadernos Metrópole, FAUUSP., 1989.

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de, Heliópolis: Percurso de uma invasão, SP., 1990.

SAMPAIO (1), Maria Ruth Amaral de, Habitação e Cidade, FAUUSP., FAPESP., 1998.

SAMPAIO (2), Maria Ruth Amaral de, Vida na Favela, FAUUSP, IN: Habitação e Cidade, (COORD.), FAUUSP., FAPESP., SP., 1998.

SAMPAIO, Maria Ruth Amaral de, Novas formas de Encortiçamentos Verticalizados na Metrópole Paulistana, FAU/USP, SP., 2003.

SOSA, Nicolás M. Ética Ecológica, Madrid, Libertarias / Prodhup, 1990.

THOMPSON, Paul, A voz do Passado, História Oral, Paz e Terra, RJ, 1992.

VALLADARES, Lícia, Passa-se uma casa, ZAHAR, RJ., 1978.

VILLAÇA, Flávio, O que todo cidadão precisa saber sobre habitação, SP., Global, 1986.

VILLAÇA, Flávio, Espaço Intra–Urbano no Brasil, SP., Studio Nobel, 1998.

ZALUAR, Alba, ALVITO, Marcos, Um Século de Favela, Ed. FGV., 1999.